ALMANAQUE

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ECONOMIA SOLIDÁRIA:

Tecendo os fios de nosso Projeto Político-Pedagógico

ediPUCRS

centro de formação em economia solidária
REGIÃO SUDESTE

INSTITUTO MARISTA DE SOLIDARIEDADE

ALMANAQUE

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ECONOMIA SOLIDÁRIA:

Tecendo os fios de nosso Projeto Político-Pedagógico

Belo Horizonte - 2012

ediPUCRS

centro de formação em economia solidária
REGIÃO SUDESTE

INSTITUTO MARISTA DE SOLIDARIEDADE

Expediente

Presidenta da República: Dilma Rousseff
Ministério do Trabalho e Emprego
Ministro de Estado do Trabalho e Emprego: Carlos Daudt Brizola
Secretário Executivo: Paulo Roberto dos Santos Pinto
Secretaria Nacional de Economia Solidária
Secretário Nacional de Economia Solidária: Paul Israel Singer
Secretário Adjunto: Roberto Marinho Alves da Silva
Chefe de Gabinete: Daniela Gomes Metello
Diretor do Departamento de Estudos e Divulgação:
Valmor Schiochet
Diretor do Departamento de Fomento à Economia Solidária:
Manoel Vital de Carvalho Filho
Coordenadora Geral de Promoção e Divulgação:
Regilane Fernandes da Silva
Coordenador Geral de Comércio Justo e Solidário:
Antônio Haroldo Pinheiro Mendonça
Coordenador Geral de Fomento à Economia Solidária:
Ary Moraes Pereira

União Brasileira de Educação e Ensino – UBEE
Instituto Marista de Solidariedade – IMS
Diretor-Presidente:
Wellington Mousinho de Medeiros
Diretor Vice-Presidente: José Wagner Rodrigues da Cruz
Diretor-Secretário: Ataíde José de Lima
Diretor-Tesoureiro: José Augusto Alves
Diretores Conselheiros:
Adalberto Batista Amaral
Ataíde José de Lima
Renato Augusto da Silva
Superintendente de Organismos Provinciais:
Humberto Lima Gondim
Superintendente de Operações Centrais:
Artur Nappo Dalla Libera
Superintendente Socioeducacional: Dilma Alves Rodrigues
Gerente Social: Claudia Laureth Faquinote
Coordenação IMS: Shirlei A. A. Silva

Equipe responsável pela execução do projeto CFES-SE
Carmem Regina Teixeira Gonçalves
Ellen Cristina de Paula Vidal
Fabiana Teixeira Eustáquio Azeredo dos Santos
Rizoneide Souza Amorim
Roseny de Almeida
Sergio Augusto de Rezende
Wilson Roberto Fernandes

Equipe responsável pela redação Almanaque
Carmem Regina Teixeira Gonçalves
Denizart Busto de Fazio
Lia Tiriba
Roseny de Almeida

Equipe responsável pela produção do Projeto Político Pedagógico
Carmem Regina Teixeira Gonçalves
Denizart Busto de Fazio
Fabíola Barbosa Martins Castro
Flávia Assis Alves
Gildo Felipe Bernardo
Kádio Serge Aristide
Lia Tiriba
Mariana Baptista Giroto
Mônica Cristina Bamonde Borges do Nascimento
Olinea Costa Cysneiros
Roseny de Almeida
Sonia de Fátima Medeiros Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A445 Almanaque : práticas educativas em economia solidária : tecendo os fios de nosso projeto político-pedagógico / Centro de Formação em Economia Solidária da Região Sudeste, Instituto Marista de Solidariedade. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2012.
124 p.

ISBN 978-85-397-0190-2

1. Economia Solidária. 2. Educação Popular. 3. Educação – Brasil. I. Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Centro de Formação em Economia Solidária Região Sudeste. II. Instituto Marista de Solidariedade.

CDD 370.19

Ficha Catalográfica elaborada pelo
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS

Sumário

Agradecimento 4

Apresentação 5

Prefácio 7

1. Almanaque: puxando o fio da meada 16

2. Metodologia: caminhos percorridos na construção do Projeto Político -Pedagógico 20

3. Como é a sociedade em que vivemos? Qual Brasil queremos construir? 37
- Que país é este?
- Cartas Pedagógicas: realidade, sonhos e utopias
- E a Economia Solidária, como vai?

4. Que tipo de educação defendemos para a Economia Solidária? 53
- Afinal, qual é o nosso projeto educativo?
- Projeto Educativo:
1ª parte: Princípios ético-filosóficos da educação
2ª parte: Educação Popular e saber popular: o trabalho associado e autogestionário como princípio educativo
3ª parte: Eixos temáticos e conteúdos da educação
4ª parte: Sistematização e processo de produção de fazeres e saberes

5. Estratégia política e formativa: a organicidade da rede de educadoras e educadores da Economia Solidária da Região Sudeste 104

6. Referências 113

Agradecimento

"E é tão bonito quando a gente entende. Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar..."

Caminhos do Coração – Gonzaguinha

Chegamos ao final do projeto Centro de Formação em Economia Solidária da Região Sudeste – CFES/SE, projeto voltado para a construção e consolidação de processos metodológicos para a formação de formadores dos três segmentos que compõem a Economia Solidária (Empreendimentos Econômicos Solidários, Gestores Públicos e Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento à Economia Solidária). E é com muita alegria que, em nome do Instituto Marista de Solidariedade – IMS, agradecemos às inúmeras pessoas – homens e mulheres – de diferentes lugares, sejam institucionais ou geográficos, que contribuíram com todos os processos desse projeto, contribuições sem as quais esse Almanaque não teria sido possível.

Temos aqui uma ótima oportunidade para expressar publicamente a nossa gratidão. É momento de agradecer a cada pessoa e instituição que somou conosco ao longo dos últimos anos para fazer acontecer o CFES/SE. Pois este é mais que um simples projeto. O CFES/SE é fruto de uma reivindicação legítima do Movimento de Economia Solidária. Esse processo foi pautado por muitas divergências e convergências em torno das questões operacionais, mas fundamentalmente avançamos na orientação político-metodológica e exercitamos o diálogo com os outros CFES regionais e o nacional. Nessa caminhada, aprendemos muito, resignificamos as nossas atitudes e buscamos requalificar os nossos espaços de atuação.

A nossa gratidão à Província Marista Brasil Centro Norte – PMBCN, em especial ao Conselho Provincial e à Gerência Social, que aceitou o desafio de sonhar e implementar conosco o projeto, bem como a todo o Escritório Central Marista, a cada Setor/Área, que sempre esteve à disposição para apresentar solução diante dos desafios.

A nossa gratidão à Comissão Executiva do Projeto CFES-SE, que fez acontecer todas as metas e etapas previstas, com todos os limites, característicos dos convênios governamentais, mas também com toda a dedicação e vontade de fazer acontecer.

A nossa gratidão a todas as pessoas e instituições da Região Sudeste que contribuíram para que o projeto CFES-SE tivesse o brilho que tem após os seus quatro anos de existência.

Nossa gratidão especial aos Fóruns Estaduais de Economia Solidária, ao Fórum Mineiro de Economia Popular Solidária, ao FCP – RJ (Fórum de Cooperativismo Popular do Rio de Janeiro), ao Fórum Paulista de Economia Solidária e ao Fórum de Economia Popular Solidária do Espírito Santo.
Nossa alegria e encantamento ao ver os coletivos estaduais de educadoras e educadores da região sudeste, se transformando em uma realidade que vai para muito mais além do que sonhamos no início do projeto. Nossa emoção e agradecimentos a cada educadora e educador em Economia Solidária da região.

E, finalmente, o nosso agradecimento aos(às) colaboradores(as) nas mais variadas temáticas que passaram pelas atividades formativas do CFES-SE, que colocaram água na semente da esperança por um mundo mais justo e fraterno. Queremos agradecer particularmente à Lia Tiriba, à Simone Ribeiro, ao Carlos Rodrigues Brandão, à Rede de Educação Cidadã (RECID) e a tantas outras pessoas que estiveram muito próximas de nós ao longo dessa caminhada.

Gente, nossa gratidão a todas e todos vocês!

Rizoneide Souza Amorim
Analista de Referência

Shirlei A. A. Silva
Coordenadora do IMS

Wilson Roberto Fernandes
Coordenador do CFES/SE

Apresentação

"O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão."

Grande Sertão Veredas – Guimarães Rosa

Como diz o Diadorim, no clássico Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa, as pessoas não vêm prontas, não são terminadas, mas no processo da própria vida, se evoluem e se transformam. Nesse sentido, investir, apoiar e fomentar processos educativos, a partir das realidades locais, com as educandas e os educandos, as trabalhadoras e os trabalhadores da Economia Solidária, foi, é e continuará a ser um processo que nos inspira, nos transforma em seres humanos melhores e mais felizes. Essa é uma das grandes contribuições da Economia Solidária: fazer com que nos percebamos como cidadãos e cidadãs de direitos, como pessoas com um potencial de crescimento ilimitado, como seres humanos em evolução.

Nos processos de evolução, somos continuamente desafiadas(os). Isso vale para as pessoas e instituições e foi assim, também, na construção do Centro de Formação em Economia Solidária da Região Sudeste – CFES/SE. Era meados de 2007 quando a equipe do Instituto Marista de Solidariedade – IMS chegou com a proposta de participar de um edital para o projeto que tinha como objetivo implantar um centro de formação de formadores em Economia Solidária para a Região Sudeste. Desde o primeiro momento, consideramos a ideia desafiadora, inovadora e interessante. Pensar a formação/educação a partir da Economia Solidária era um bom desafio para fortalecer nossas práticas educativas Maristas pautadas na educação popular, na construção coletiva e na certeza de que "ninguém educa ninguém, as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo" .

A perspectiva de construir de maneira coletiva e partilhada um projeto que fomentasse a construção de políticas públicas para educação/formação em Economia Solidária foi ao mesmo tempo a aridez do sertão e as fontes de águas pequenas, mas inesgotáveis das veredas. Vislumbramos grandes desafios, mas também muitas alegrias, partilhas e descobertas que se delinearam ao longo dos últimos anos.

Essas descobertas e construção coletivas do conhecimento se formataram passo a passo no que hoje apresentamos como o **ALMANAQUE de Práticas Educativas em Economia Solidária – Tecendo Fios de Nosso Projeto Político Pedagógico.** Essa publicação é uma concertação do Instituto Marista de Solidariedade – IMS, fruto do Projeto Centro de Formação em Economia Solidária da Região Sudeste – CFES/SE, que é executado em um grande mutirão, contando com a parceria da Secretaria Nacional de Economia Solidária, no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego – SENAES/MTE, do Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES, dos Fóruns Estaduais de Economia Solidária da Região Sudeste (São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro) e diversos outros parceiros estaduais e locais.

A concretização desta publicação foi possível graças ao envolvimento e dedicação de muitas pessoas, oriundas da nossa equipe, bem como dos coletivos estaduais de educadoras(es) com seus diferentes acúmulos, o que torna este Almanaque extremamente rico. Isso nos faz agradecer imensamente a todas as pessoas que

aceitaram o chamado e participaram fervorosamente dessa construção.

Acompanhamos a participação de mulheres e homens que têm feito a diferença no Brasil lutando para construir relações democráticas, autogestionárias e econômicas, que não desistem frente às dificuldades do percurso, da aridez do sertão, mas que acreditam na beleza singular das veredas da vida e hoje têm muita história para contar, experiências a partilhar, modos de fazer outra economia e outra forma de viver, de bem viver e fazer acontecer neste nosso Brasil gigante.

É importante frisar o prazer que foi acompanhar as tessituras que foram construídas nos diálogos com Carlos Rodrigues Brandão, materializados no prefácio deste Almanaque e, em especial, na sua Rosa dos Ventos, palco e espaço de sonhos desse e de inúmeros outros projetos da Economia Solidária. Impossível não agradecer às diversas pessoas que contribuíram na elaboração do tão sonhado Projeto Político-Pedagógico para a Economia Solidária na região, com os avanços metodológicos, com as trocas de saberes e com a partilha de todo o desenho desta publicação e das demais que o CFES Sudeste produziu.

Esta rica construção coletiva, resultado de um longo período de dedicação, encontros, entregas e estudos nos possibilita afirmar, com certeza, que o Centro de Formação em Economia Solidária da Região Sudeste é um espaço no qual a vida nova está desabrochando. Ele está gestando, a partir de seu interior, práticas educativas, oportunidades do exercício da partilha, da troca, da reflexão sobre o papel da educação popular no âmbito da Economia Solidária e o alvorecer de uma nova sociedade.

Boa leitura com sabor de solidariedade e da vida tecida em mutirão!

Dilma Alves Rodrigues
Superintendente Socioeducacional
Província Marista Brasil Centro Norte

Prefácio

Construir a Esperança - Um outro caminho, uma outra vida, uma sociedade, uma outra economia

Neste pequeno escrito que apenas antecipa o que importa neste ALMANAQUE, o que eu mais gostaria é de trazer algumas sugestões a respeito de nossas vidas e de nossas práticas solidárias cotidianas. Que elas apenas antecipem o que vocês vão ler a seguir.

Certa vez Marcos Arruda, estava participando de uma reunião sobre diferentes economias. Quando terminou a sua fala sobre a Economia Solidária, uma das pessoas presentes fez uma observação que já havia ouvido várias vezes. Ela disse mais ou menos isto a ele: "Esta proposta que você acabou de desenhar aqui para nós é muito bonita. É muito interessante mesmo, e eu até acho que se ela pudesse ser aplicada no mundo inteiro, o mundo seria bem melhor. Mas ela só tem um problema: ela é uma economia irreal".

Marcos Arruda respondeu a ele com outras perguntas: "Tudo bem. Mas se uma economia centrada em pessoas e não em coisas, em trocas justas e humanas e não no desejo do lucro, em relações equitativas, inclusivas, solidárias entre pessoas e povos e também sustentáveis entre nós e mundo em que vivemos é uma economia irreal e ilusória, então qual é ao seu ver uma economia real? O que você considera uma economia realista?

Será que ela é esta que nós estamos vivendo agora, em quase todo o mundo? Esta que nós vivemos agora, aqui no Brasil? Seria esta economia em constante e crescente crise por toda a parte? Uma economia que torna pessoas mercadorias, para dar às mercadorias o

valor que deveria ser dado aos seres humanos. Será esta? Seria esta economia da desigualdade, da troca sempre desigual e desumana? Uma economia da concentração crescente da pobreza e da exclusão. Seria essa? Uma economia sedenta de lucro, para a qual o que importa são os ganhos e a acumulação desenfreada do capital? Uma economia que classifica os seres humanos de acordo com a posição deles não na vida e na sociedade, mas no mercado? Essa é a sua "economia real". Não sei o que o homem teria respondido ao Marcos Arruda, mas espero que as pessoas que buscam outros caminhos e que lerão este Almanaque tenham para as afirmações do homem ao Marcos Arruda e para as perguntas dele ao homem boas e esperançosas respostas. E também outras boas perguntas.

E eu quero lembrar aqui também uma recente conversa com Daniel Thigel. Ele me contava há dias que algumas pessoas praticantes da Economia Solidária estão pensando em sugerir ao nosso governo a mudança do logotipo dele, que nos acostumamos a ver por toda a parte. Em vez da frase (já por si bastante sugestiva): "País rico é país sem pobreza", poderíamos desenhar ali uma frase, acompanhada de outra: "País rico é país sem ricos" – "abaixo a desigualdade extrema". Afinal, quem duvida de que um país rico deveria ser um país de gente feliz com o que tem e partilha, e não, com o que ganha e acumula.

Uma nação de fato "rica" talvez tenha como medida de sua "riqueza" não o conhecido PIB – Produto Interno Bruto (e "bruto" aqui pode ser lido nos dois sentidos da palavra), mas a emergente FIB – Felicidade Interna Bruta, na qual o que vale e é computado não é o que "se produziu durante um ano", mas "o que isso representa em termos de realização, de vida, de felicidade entre as pessoas produtoras e todas as outras".

O que é FIB?
O termo foi criado pelo rei do Butão, Jigme Singye Wangchuck, em 1972, em resposta a críticas que afirmavam que a economia do seu país crescia miseravelmente. Enquanto os modelos tradicionais de desenvolvimento têm como objetivo primordial o crescimento econômico, o conceito de FIB baseia-se no princípio de que o verdadeiro desenvolvimento de uma sociedade humana surge quando o desenvolvimento espiritual e o desenvolvimento material são simultâneos, assim se complementando e reforçando mutuamente. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

NOVE CAMPOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E SOCIAL – FELICIDADE INTERNA BRUTA:

1. VIDA DE QUALIDADE – tem a ver com as necessidades materiais e a economia real
2. BOA GOVERNANÇA – partilha do poder de decisões e de gestão da economia e do desenvolvimento; relação Estado, economia social, economia privada
3. EDUCAÇÃO de todos e todas
4. SAÚDE de todas e todos
5. RESILIÊNCIA ECOLÓGICA – capacidade de um ecossistema recuperar seu estado inicial depois que ações humanas o alteram
6. DIVERSIDADE CULTURAL – unidade na diversidade
7. VITALIDADE COMUNITÁRIA – cooperação
8. USO EQUILIBRADO DO TEMPO – trabalho exterior e interior
9. BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E ESPIRITUAL

ESSAS SÃO CONDIÇÕES PARA O MAIS-SER (Fonte: palestra de Marcus Arruda – junho/2012 – RJ)

É chegado o momento de aprendermos juntos a repensar a perdurante relação pobreza/riqueza. Até aqui, negando isso ou não, ainda somos servos da lógica do mundo dos negócios ao pensarmos os termos de nossa própria qualidade de vida. Precisamos substituir essa imagem que também vem do "mundo do mercado" por outra. Gosto de chamá-la, por oposição, de vida de qualidade. Qualidade de vida indica geralmente o que "eu conquistei" e o "que eu tenho". Vida de qualidade aponta para o que "eu partilho com outros" e o "sentido e o valor que dou ao que sou, mais do que ao que apenas possuo". Qualidade de vida é "a casa que eu construí ou comprei e agora possuo". Qualidade de vida é "o valor e o sentido de vida e de partilha da vida que eu e as outras pessoas que vivem 'na minha casa', damos ela". Qualidade de vida no fim das contas é "o que fizeram de nós" (em geral de acordo com a mídia e o mercado). Vida de qualidade é "o que nós fazemos do que fizeram de nós".

Em nome de nossos direitos humanos a um certo patamar de conforto que a tecnologia e o mercado nos prometem, muitas vezes nos dedicamos a lutar por "conquistar" um estilo de vida cujo padrão de consumo acaba sendo sempre superior ao das verdadeiras necessidades de uma vida humana digna e simples.

Ora, hoje em dia, ao longo do mundo inteiro, pessoas, famílias, movimentos sociais, comunidades, povos começam a questionar o valor real de uma vida centrada no único caminho que o mercado do mundo dos negócios nos aponta: aquele que na volta conduz o produtivista e, na volta, o consumista. Mas em todos os cantos do mundo começamos a repensar e reviver palavras e práticas como a simplicidade, a solidariedade e a sustentabilidade. Algo que nasce "de baixo para cima" e "da periferia para o centro". E algo que nos desloca de dilemas, de apelos e de conquistas que escapam de uma "política dos outros", para uma "ética de nós mesmos".

Podemos adotar uma vida muito mais simples. Podemos viver escalas de consumo, de posse e de uso dos bens disponíveis, bastante menores do que os que nos são impostos, sem perda alguma de uma verdadeira substância de uma melhor vida de qualidade, que bem poderia ser o outro lado de uma obsessiva luta "de todos contra todos" por conquistar uma maior qualidade de vida.

Devemos e podemos repensar bastante o sentido de nossas próprias escolhas. Não pensamos nunca em optar pela distribuição de uma desumana miséria nem de uma pobreza indesejável. Falemos com coragem de assumirmos uma vida simples e amorosamente compartilhada. Uma vida simples e solidária deveria orientar a nossa própria relação com o mundo do trabalho. De algum modo, o apelo antigo e atual no sentido de escolhermos estar com os despossuídos, com os excluídos e postos à margem, cujo número apenas aumenta aqui e por toda a parte, não deveria ser apenas uma distante opção política. Ele deve tender a ser uma escolha de nossa vida. Até quando "os ricos e privilegiados" serão apresentados a nós e aos nossos filhos como "um ideal a imitar"?

Não basta a disposição de consumir menos e possuir pouco. Tomada sozinha, essa escolha pode desaguar em uma espécie de renúncia individual e até egoísta. Apenas troco as minhas posses de materiais para espirituais. Mas, fechadas no círculo de mim mesmo, elas acabam resolvendo – ou pretendendo resolver – os "meus problemas". E tudo o que escrevo aqui conspira contra esses desejos solitários de "crescimento espiritual desde que os outros não me atrapalhem".

Bem sabemos que um dos maiores desafios na escolha de uma vida pessoal e interativamente coerente com um projeto social de opções solidárias e de transformação da própria sociedade a partir delas está no fato de que, em boa medida, algumas motivações pessoais guiadas por preceitos de reciprocidade, de partilha e de igualdade e de justiça ficam restritas a apenas alguns grupos pequenos e a algumas cooperativas e comunidades. No entanto, esse é um passo importante na opção por uma vida simples e despojada, em favor da vida e em comunhão com os outros. Unir pessoas, aproximar experiências, expandir cooperativas e comunidades solidárias, criar redes, estender essas redes até que, a partir do meu bairro, um dia ela se some a outras para... "cobrir o mundo inteiro".

Podemos pouco a pouco aprender a partilhar com os outros os nossos bens, os nossos serviços, os nossos talentos, as nossas vidas. Podemos tornar disponível o que possuímos e, assim, podemos passar do penoso possuir, reter e acumular – o modelo capitalista do mercado – para a experiência generosa do partilhar, e trocar – o modelo solidarista da vida. Esses são passos que nos livram de carregar nas costas, sozinhos tudo o que temos e guardamos para nós, conforme aprendemos a sentir que o maior valor do que possuímos é sentir que "tudo isto" apenas "passa por nós" e nos serve, à medida que nos unimos aos outros e estendemos o que somos e possuímos à partilha da própria vida com os outros. E essa é a semente da liberdade.

Na verdade, estamos ainda a tal ponto acostumados a viver e pensar entre os termos de uma economia de mercado – na qual tudo é pensado em termos de compra e venda e de ganhos e perdas – que a possibilidade não tanto de escaparmos do comércio e do mercado, mas de vivermos vidas centradas no ser das pessoas, e não ter das coisas, de vez em quando nos aparece como uma vaga fantasia. Podemos nos lançar na criativa aventura de criarmos pequenas unidades de vida solidária que nada tenham de amadorismo ou de voluntarismo fantasioso. Ao contrário, elas poderiam ser o embrião de outra economia e, por decorrência, de outra forma de vida socialmente generosa e solidária. Algumas experiências de vida associativa e de unidades e redes de trocas de produtos ou de consumo solidário estendem-se por toda parte.

Por agora são os agricultores e os pequenos artesãos os que nos têm algo a ensinar, pois eles saíram na frente. Mas agora começamos a nos perguntar se não podemos estender a experiência de trocas recíprocas e solidárias a outras esferas de vida e de trabalho, até o momento em que toda uma vida social alternativa torne real a possibilidade de que venhamos a construir juntos, para habitarmos solidariamente, um "outro mundo possível". Estamos trabalhando para construir em nós e em toda parte cenários de vida de pessoas capazes de se

Além das várias unidades sociais de vida associativa, de experiências cooperativas e de partilhas solidárias, há redes que as aproximam. Aqui no Brasil é possível acessar a http://www.redesolidaria.com. Alguns livros recentes têm sido publicados e eu recomendo enfaticamente os seguintes: Marcos Arruda, **humanizar o infra-humano – a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária**, VOZES, Petrópolis, 2003 (saiu apenas o 1º volume de uma série de três); Paul Singer, **introdução à economia solidária**, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1999; Euclides André Mance, **redes de economia solidária – aspectos econômico filosóficos: complexidade e libertação**; Antônio David Cattani, **a outra economia,** VERAZ Editores, Porto Alegre, 2003.

assumirem como criadores de seu próprio mundo. Quanta alegria sentimos quando afinal conseguimos "construir a minha casa"? Qual não seria o nosso sentimento de realização se de fato conseguíssemos nos reconhecer construindo junto a muitas outras pessoas uma casa bastante maior do que a "minha"? Uma casa chamada... "mundo"?

Algo apenas destinado a gerar algumas vidas mais "autênticas" dentro de um mundo de vida social e econômica que nega à imensa maioria das mulheres e dos homens uma existência de mínimos vitais.

Nossas escolhas não devem ser pensadas e vividas como uma ética dos bons propósitos. Devem ser vividas como disposições de escolhas de uma vida dirigida à participação em todo um projeto local, nacional e universal de criação de outras formas de viver. Devem ser destinadas a construir de fato um mundo regido por princípios bem distantes dos que regem a economia de mercado e a colonização mercantil da vida humana segundo os termos da globalização neoliberal.

Vivemos tempos em que as causas e as frentes de luta e de esperança na construção do novo tornaram-se múltiplas, em alguns casos bastante movediças e em outros até mesmo efêmeras. Ainda que sejam muitas as alternativas de participação corresponsável na construção do "outro mundo possível", uma presença junto aos mais excluídos e junto aos movimentos populares ainda é e seguirá sendo a fonte de um genuíno empoderamento dos outros movimentos emancipatórios. E a redefinição de vidas pessoais e interativas em termos de uma partilha solidária nos deveria impelir a um esforço para repensarmos a nossa própria inclusão na vida social.

Uma série de redefinições emergem dessa reflexão. O ser humano deixa de ser concebido como um indivíduo isolado e em competição permanente com outros, e passa a ser visto como um ser em relação, consciente dos desafios comuns a enfrentar e de uma existência comum a compartilhar. O mercado passa a ser visto como uma relação entre agentes sociais conscientes, que deve ter seu espaço limitado pelo interesse público e precisa ser regulado a fim de servir aos objetivos maiores do desenvolvimento social e humano. A economia passa a ser concebida como um subsistema aberto num contexto mais amplo do ecossistema social, responsável por responder às necessidades materiais de cidadãos das sociedades nacional e global de forma justa e sustentável. O trabalho, que para alguns pensadores progressistas (como Jacques Rodin ou Roger Sue) deve, a partir de agora, deixar de ser traço de união social; ao contrário, seria libertado da prisão salarial e passaria a ser valorizado, enquanto práxis comunicativa e criativa, como núcleo do desenvolvimento humano, inaugurando não uma sociedade livre do trabalho, mas uma sociedade do trabalho livre.

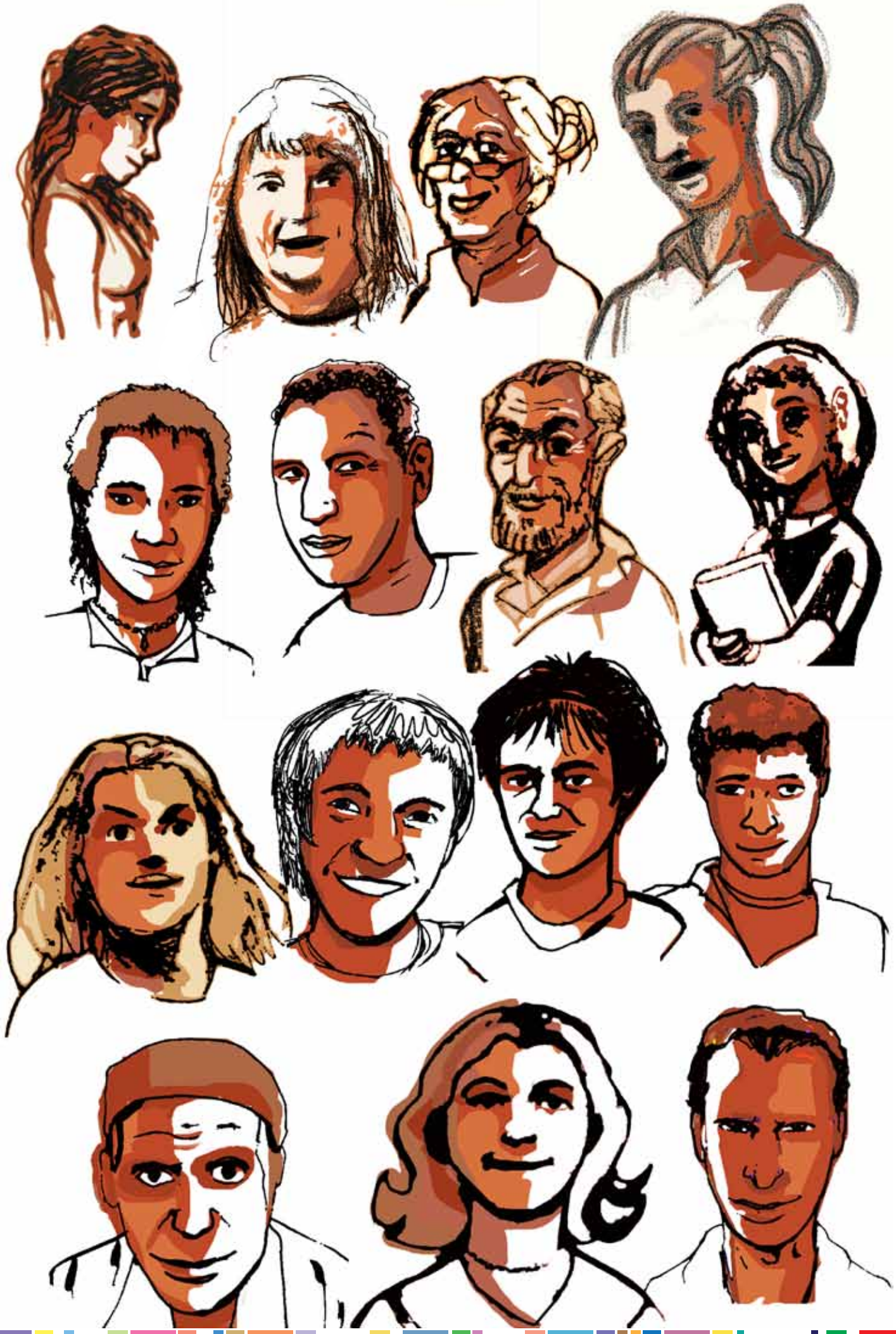
Precisamos bem mais do que seguir vivendo nossas vocações profissionais inteiramente imersas na lógica e na rotina do mundo do mercado, reservando pequenas brechas de tempo e de energia (quando sobram) para algum tipo de participação em projetos de ação social transformadora. Isso é importante e de variadas maneiras envolve dimensões da vida de muitas e de muitos de nós.

Pois é toda uma coletiva vida pessoal, profissional e de ação social que precisa ser repensada. E em tempos de privatização de quase todos os campos de trabalho e de uma progressiva colonização empresarial até mesmo de unidades de financiamento de ações sociais, ambientais e outras, como iniciativas da sociedade civil, é cada vez mais desafiadora a solução do dilema de como colocar o exercício de nossas profissões a serviço das maiorias excluídas, e não a serviço de minorias excludentes.

Este pequeno e precioso ALMANAQUE não pretende trazer receitas prontas. Não pretende apontar um único caminho. Entre os muitos caminhos à nossa escola, ele aponta alternativas, sugere horizonte e, como um bom "guia de caminhada", traz alguns preceitos e algumas ideias de práticas pessoais e, sobretudo, coletivas, em direção à descoberta de uma nova vida, através de outra economia.

Saibamos como ele descobrir e colocar no chão de nossas vidas algumas sementes de esperança. Depois, saibamos juntos cuidar do que venha a nascer de nosso esforço solidário. Até o momento em que, com a alegria de se sentir partilhando a construção de uma nova vida, em um novo mundo, saibamos juntas e juntos colher o que semeamos.

Rosa dos Ventos
Começo do inverno de 2012
Carlos Rodrigues Brandão



Almanaque: puxando o fio da meada...

Que ***caminhos*** trilhamos? De onde partimos? Aonde queremos chegar para, de novo, (re)começar? Ao recuperar os ***fios*** que teceram (e tecem) o Projeto Político-Pedagógico ***da Economia Solidária na Região Sudeste*** é preciso dizer, antes de tudo, que o documento que ora apresentamos resulta de uma longa caminhada. Nessa caminhada de construção coletiva de saberes, vieram à superfície a multiplicidade de práticas e olhares das pessoas que fazem a Economia Solidária acontecer. Nesse sentido, não se trata de algo novo, que será visto pela primeira vez pelas educadoras e educadores da Economia Solidária. Não estamos reinventando a roda! Nosso Projeto Político-Pedagógico é a expressão e reconhecimento do acúmulo existente no campo da educação, sobretudo na Educação Popular, cujos fundamentos vão ao encontro dos princípios e práticas da Economia Solidária. Assim, o nosso desejo é olhar com carinho para essa caminhada, agregando elementos teórico-metodológicos que façam sentido para as trabalhadoras e trabalhadores que, cotidianamente, fazem e pensam, criam e recriam o trabalho associado, solidário e autogestionário.

Educação Popular. Segundo Conceição Paludo, "para Freire, a expressão educação popular designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada concepção de educação: a educação libertadora (...) problematizadora, que se contrapõe à Educação Bancária, domesticadora. Ela se concretiza como ação cultural para a liberdade. É ação realizada "com os oprimidos, e não para eles", seja na escola, seja no processo de mobilização ou de organização popular para a luta, defesa dos direitos e reivindicação da justiça". (PALUDO, 2010, p.141).

Criados no Brasil em 2008/2009 e financiados pela SENAES/MTE, os Centros de Formação em Economia Solidária são frutos de uma reivindicação legítima do Movimento de Economia Solidária. Os CFESs nascem com objetivo de formar/capacitar educadoras e educadores em Economia Solidária. Assim, faz-se necessária a elaboração de um documento que expresse, de forma organizada e sistematizada, a nossa prática educativa e, além disso, possa servir como orientação para a Rede de Educadoras e Educadores em Economia Solidária na Região Sudeste.

Mantendo a coerência teórica pela qual optamos no campo da educação, a Educação Popular, mantivemos seus princípios metodológicos ao longo da construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP) do CFES Sudeste, isto é, promovemos espaços coletivos de ação/reflexão sobre o projeto educativo da Economia Solidária. Queríamos um projeto educativo escrito pelas pessoas do Movimento da Economia Solidária, que expressasse a diversidade de práticas, bem como acúmulo dos debates ocorridos nos diversos espaços do Movimento – entendidos como espaços/tempos de formação de educadoras e educadores. Tendo em conta as dimensões técnicas e políticas, da educação, torna-se condição imperiosa tanto o reconhecimento quanto a valorização da fala, dos saberes e das experiências das trabalhadoras e trabalhadores associados, das educadoras e educadores populares e das instituições com acúmulo teórico e prático em Educação Popular e Economia Solidária. Para promover a participação de todos os envolvidos na elaboração do PPP, utilizamos as atividades formativas regionais/estaduais e grupos de trabalho, que constituíram-se como importantes espaços de reflexão, favoreceram o acolhimento dos diversos olhares acerca do tipo de educação que elegemos como referência para o Movimento de Economia Solidária.

Escolhemos o formato ALMANAQUE para esta publicação por ser um material que se apresenta de forma leve, dinâmica e lúdica. Ele resgata a trajetória educativa vivenciada entre 2009 e 2012 pelo CFES-Sudeste, assim como expressa o nosso projeto educativo, aqui intitulado "Projeto Político-Pedagógico", orientador das práticas das educadoras e educadores da Economia Solidária.

Solidariedade: "O ponto de partida da solidariedade está no princípio de encontrar soluções "com o povo, nunca apenas para ele ou sobre ele", afirma Freire em Pedagogia do Oprimido (1978)". ADAMS, 2010, p. 378.

De acordo com o Dicionário Aurélio, almanaque (do árabe al-manakh) é uma "publicação que, além de um calendário completo, contém matéria recreativa, científica, literária e informativa". Embora existam dúvidas quanto à origem dos almanaques, alguns acreditam que eles remetiam às atividades de contar, no sentido de computar e medir o tempo. Almanaque era também o lugar onde os homens, ao parar para descansar seus animais, trocavam informações sobre a vida e sobre o tempo. De alguma maneira, essa conceituação expressa a forma como foi construído este material: é fruto de vários encontros de militantes, educadoras e educadores da Economia Solidária que colocaram na roda seus saberes, suas dúvidas, suas certezas e seus desejos de construir um mundo melhor. Foram muitas as reflexões, consensos e dissensos, leituras, estudos, debates, trabalhos de campo, viagens, histórias de vida (tristes e alegres), encontros e desencontros... Ao olhar nas linhas espiraladas do tempo as formas organizativas do trabalho ao longo da história da humanidade, percebemos que estamos no caminho certo: "PELO DIREITO DE PRODUZIR E VIVER EM COOPERAÇÃO DE MANEIRA SUSTENTÁVEL", construído nos mais diversos espaços político-educativos do Movimento de Economia Solidária.

Numa perspectiva freireana, este ALMANAQUE carrega consigo os princípios da Educação Popular. As pessoas que o fizeram acreditam na educação enquanto um ato político e que, ao produzir a vida social, educamo-nos reciprocamente. Como Paulo Freire, nosso PPP deve ser concebido como algo inacabado, não devido à inconsistências, mas tal qual o ser humano, que uma vez consciente de seu inacabamento, abre-se para o mundo e por isso se educa todo o tempo.

Educação Popular: *"a Educação Popular contribui enquanto um instrumento e um espaço necessário para a construção de processos de libertação, diante da problematização e reflexão crítica inseridas na realidade das pessoas e das classes oprimidas. Dessa forma, o educador comprometido com a construção de um projeto político transformador constrói a sua docência voltada para a autonomia do educando, valorizando e respeitando a sua cultura e o seu acervo de conhecimentos empíricos junto à sua individualidade."(FREIRE,1997ª). MOREIRA, 2010, p.146.*

Veja mais em Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra: São Paulo, 2011

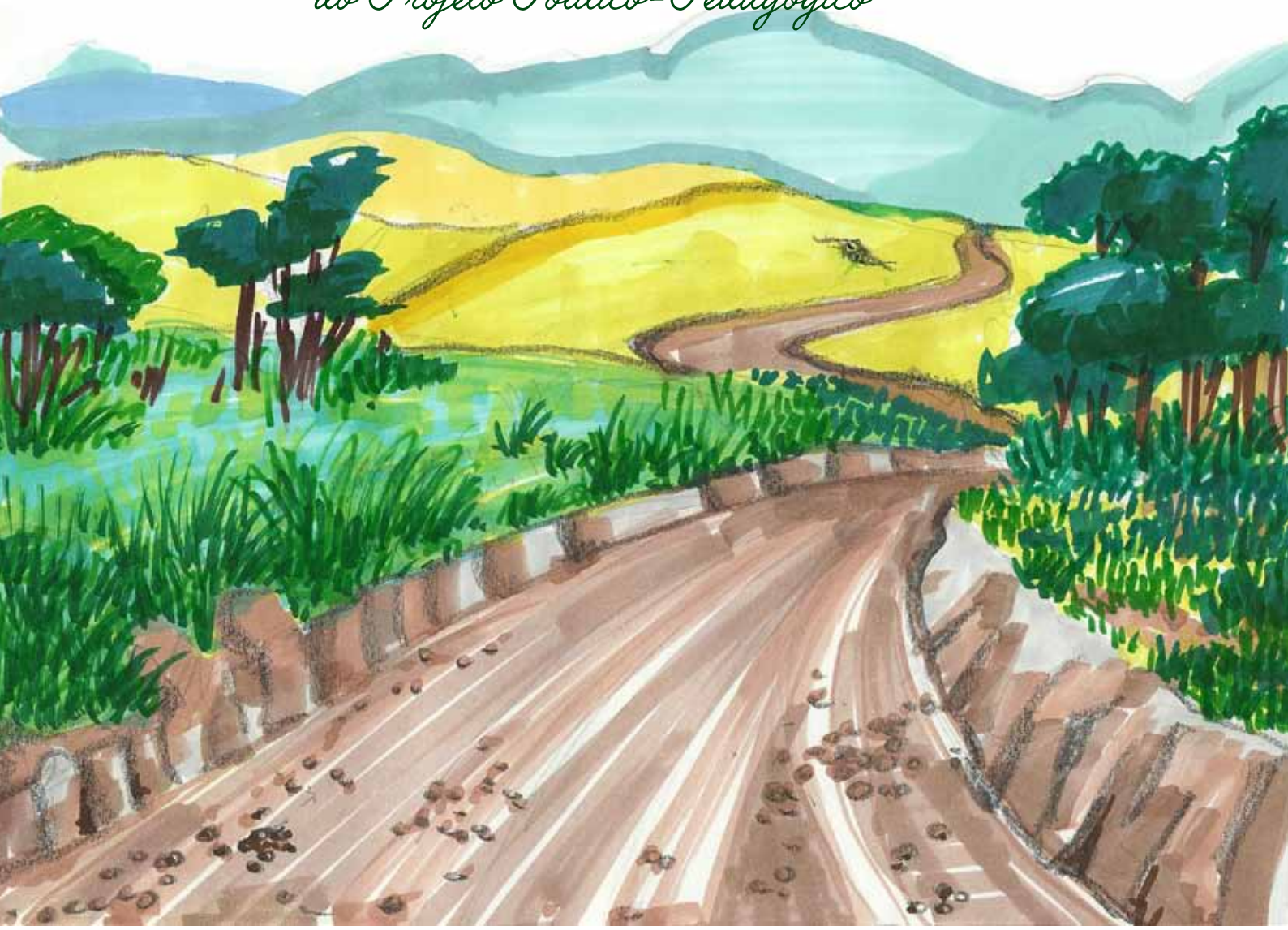
Assim é este ALMANAQUE: aberto a novas contribuições, constituinte e constituído dos mais diversos saberes, se propõe a servir como inspiração para iluminar e tornar ainda mais bonitas as práticas educativas das educadoras e educadores da Economia Solidária. Esperamos que, cotidianamente, agregue novos significados à trajetória da classe trabalhadora, rumo à construção de uma nova sociedade.

Convidamos você para se encantar também com o ALMANAQUE DA EDUCADORA E DO EDUCADOR DA ECONOMIA SOLIDÁRIA. **O ALMANAQUE foi escrito/construído com ALMA,** paixão e ideologia, sim!!! Isso tudo porque acreditamos em um mundo mais colorido do que este que, hoje, conseguimos pintar.

Boa leitura a todas e todos!!!

centro de formação em economia solidária
REGIÃO SUDESTE

Metodologia: caminhos percorridos na construção do Projeto Político-Pedagógico



> *"Aprender a construir a caminhada coletivamente é uma forma de empoderamento também coletivo"*
>
> (educador(a) da Economia Solidária)

O projeto educativo da **Economia Solidária na Região Sudeste** tem sido construído coletivamente. Pouco a pouco, sem muita pressa, o processo se deu na prática cotidiana das educadoras e educadores, como também em vários encontros municipais, estaduais e regionais. Como sabemos, o Movimento da Economia Solidária se faz a cada dia, se constrói e se reconstrói a cada momento. Nesse processo dinâmico e contínuo, o conhecimento também vai se construindo coletivamente. O saber se produz na prática concreta, no entanto sempre é bom parar para pensar e repensar nossas próprias práticas. Para poder avançar, superar algumas dificuldades e enfrentar os desafios que o mundo coloca à nossa frente, é preciso parar para pensar. É necessário que haja uma reflexão contínua. Como não existem receitas, é necessário estudar, pesquisar, trocar experiências, criar, recriar... INVENTAR!!!

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."
Paulo Freire

Desde o início, tínhamos certeza de que não seria possível construir um Projeto Político -Pedagógico (PPP) sem considerar os acúmulos das outras instituições que historicamente fazem formação em Economia Solidária. Também não poderíamos deixar de resgatar as contribuições oriundas de todos os espaços/tempos de reflexão que antecederam o nascimento dos CFESs, como Oficinas Nacionais de Formação I e II (2005 e 2007), Seminário Nacional para discussão do Projeto Político-Pedagógico (2010) e Conferência Temática "Educação em Economia Solidária: Formação e Assessoria Técnica" (2010) e Atividades nacionais do CFES (2009-2012).

Outro importante procedimento metodológico foi localizar e identificar todas as questões educativas que volta e meia apareciam ou eram recorrentes nos relatórios dos Cursos Regionais e nos documentos nacionais, tanto do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) como do CFES Nacional. Nosso movimento foi tentar contemplar tudo aquilo que nos parecia pertinente a um Projeto Político-Pedagógico. Nesse sentido, aproveitando cartas, dinâmicas, falas e tudo mais que poderia contribuir como subsídio para nossa reflexão e construção coletiva. Por isso, não nos cansávamos de repetir: não seremos nós a "reinventar a roda". Foram as contribuições das companheiras e companheiros que permitiram que muitos de nós percebessem que a Educação Popular não é apenas um conceito abstrato, mas, antes de tudo, uma prática social gestada e nascida do coletivo.

Veja mais no item *Educação popular e prática educativa: por uma pedagogia da autogestão.*

Educar é com-partilhar.

Para não reproduzir a lógica da educação tradicional ou "bancária", nunca é demais lembrar que é puro pedantismo nos considerar donos da verdade. Se existe alguma verdade absoluta, é que somos apenas instigadores!!! Nas palavras de Paulo Freire, "ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo".

"Educação Bancária: *Configura a abordagem pedagógica pela qual o educador é agente transmissor de informações e conhecimentos aos educandos. Para essa concepção, o único papel do educador é o de expor/impor conhecimentos, não havendo espaço para discussão ou reflexão, sua missão é meramente informativa. Por isso adota-se, analogicamente, o termo 'bancária.' A ideia que se tem é de que aquele que possui conhecimento irá 'depositar', transferir, pura e simplesmente, aquilo que conhece para aquele que nada sabe, o depositário do saber de outrem". VASCONCELOS, 2006, p. 83.*

Veja mais em Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire. Paz e Terra: São Paulo, 2011

Portanto, é essencial vivenciar práticas inspiradas na troca e na partilha, favorecendo processos de participação popular articulados com os movimentos populares, de modo a aprofundar e enriquecer nossas lutas por uma sociedade fundada em relações sociais não capitalistas. Seguindo as ideias de Paulo Freire quanto à importância do ato de ler, também é preciso nos debruçarmos sobre os livros: o que eles nos contam sobre as lutas históricas da classe trabalhadora? Principalmente quando aponta que antes de ler a palavra a pessoa estabelece relação com o mundo que o cerca, sendo essa a sua primeira leitura, ou seja, a leitura de mundo vai se fazendo na experiência de vida de cada pessoa. Assim, "a leitura de mundo precede a leitura da palavra" e completa: "a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", isto é, de transformá-lo através de nossa prática consciente" (FREIRE, 1989).

Como lembra Graciliano Ramos, "a palavra não foi feita para brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer". Para nós, educadoras e educadores, isso significa que melhor que o silêncio é o direito à palavra, é o direito à fala, seja por palavras escritas, sonoras, iconográficas, de sinais (libras) seja por qualquer outra forma de linguagem que ajude homens e mulheres a se expressar.

Leitura de mundo: *"Possibilita a decifração e a interpretação crítica e analítica das situações-limite, a partir da percepção do indivíduo e da maneira como este aprendeu a se relacionar no e com o mundo." Paulo Freire afirma: Como educador, preciso ir ' lendo' cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que este é parte [...] não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo de 'leitura do mundo', que precede sempre a 'leitura da palavra'.* VASCONCELOS, 2006, p. 130-131.

"Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão."

Baseados nessa afirmação de Paulo Freire, instigamos processos de ação/reflexão junto com as educadoras e educadores da Economia Solidária. Em todas as dinâmicas, que a seguir apresentamos, o objetivo foi revelar algumas referências comuns que nos ajudassem a trilhar caminhos rumo a construção de um Projeto Político-Pedagógico.

"Colcha de Retalhos"
viva a unidade na diversidade!

Cada um dos participantes pega um retalho de tecido e procura uni-lo com o retalho de outro participante. Enquanto costuram, os dois participantes vão se apresentando e se conhecendo melhor. Essa dinâmica proporciona um momento de apresentação e integração entre as pessoas. Nosso objetivo era fazer uma conexão com o momento seguinte: a construção do nosso Projeto Educativo, tendo em conta a diversidade de pessoas e de representação de várias instituições. Esperávamos buscar a unidade e identidade coletiva que favorecesse a construção de um projeto educativo para o Movimento da Economia Solidária.

Para fazer uma colcha de retalhos, precisamos juntar vários pedacinhos. Cada um deles possui uma cor, uma largura, um tamanho, uma forma, um estilo. Se usarmos a criatividade juntos, as diferentes formas se misturam e resplandece a beleza das diferenças.

Assim são os educadores, cada um possui uma característica, uma habilidade, uma responsabilidade, uma especialidade, um toque, um estilo, uma facilidade, uma prática, uma tarefa. Essa missão é árdua, porém muito gratificante, por isso devemos contar uns com os outros respeitando e acolhendo as diferenças.

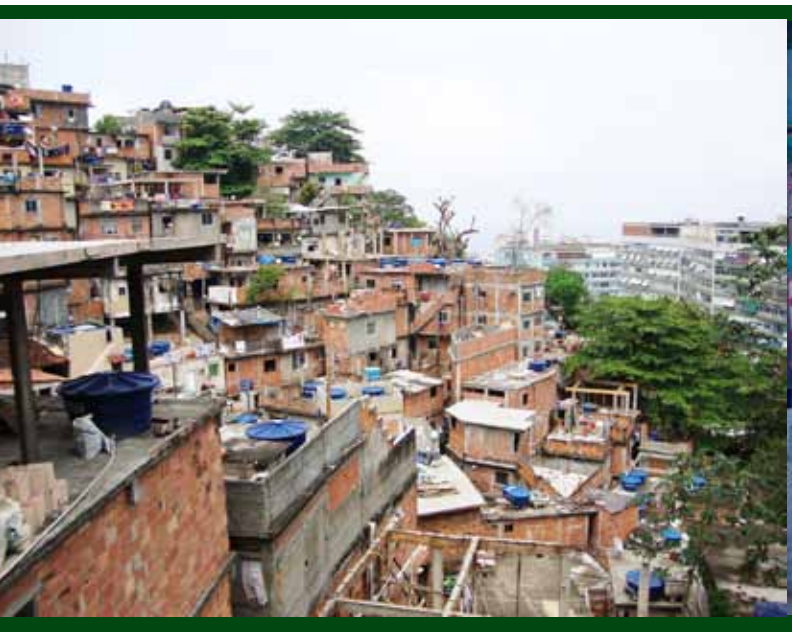
Assim como a colcha de retalhos precisa de vários pedaços para ser construída, nós também precisamos uns dos outros para atingir nossos objetivos e contemplar a beleza dos resultados.

Mapa do Brasil
"Brasil, mostra a sua cara."

Nessa dinâmica, as pessoas são convidadas a refletir sobre "Como é o Brasil em que vivemos?" e expressar essas reflexões em um mapa desenhado no chão, por meio de colagens e desenhos. O objetivo é fazer uma análise conjuntural e estrutural do Brasil para, a partir daí, pensar em alternativas para a construção da sociedade em que vivemos.

"O galo já não canta mais no Cantagalo."
Reflexão-prática-reflexão

"A práxis é entendida como a atividade de transformação das circunstâncias, as quais nos determinam a formar ideias, desejos, vontades, teorias, que, por sua vez, simultaneamente, nos determinam a criar na prática novas circunstâncias e assim por diante, de modo que nem a teoria se cristaliza como um dogma nem a prática se cristaliza numa alienação" Wikipédia: verbete Práxis



Ainda para fazer uma análise conjuntural e estrutural do país em que vivemos, visitamos a Comunidade Pavão-Pavãozinho/Cantagalo (cidade do Rio de Janeiro), inundando nossos olhos com a dura realidade que temos no Brasil, ainda hoje, em pleno século 21. Fizemos rodas de conversa e organizamos pequenos grupos que produziram sínteses em diálogo com o mapa construído e a visita na comunidade. Na música "Nomes de Favela" (hoje, chamadas de comunidades), Paulo Cesar Pinheiro nos lembra que "ou a vida muda ou todos os nomes vão mudar." Nessa mesma perspectiva, vejam o cordel escrito pela educadora Elizabeth Regina Lopes, depois dessa atividade:

A cidade do Rio de Janeiro
É banhada pelo belo litoral
Conhecida internacionalmente
Por sua beleza e pelo seu carnaval

"A cidade maravilhosa"
Diz a canção do artista
Hoje deturpada e violentada
Pelo sistema capitalista

Suas belezas estão estampadas
Em vários cartões-postais
Porém, eles não revelam
Os grandes problemas sociais

A experiência que vivenciamos
Na comunidade do Cantagalo
Revelou a outra face
Do Rio de Janeiro que agora falo

Nosso acesso à comunidade
Nos causou constrangimento
A começar pela grandiosidade
Do programa de aceleração do
crescimento

Diálogo. *"É pelo diálogo que os homens se aproximam uns dos outros, desarmados de qualquer preconceito ou atitude de ostentação. Ninguém pode, querendo dialogar, estabelecer uma relação em que um dite as normas e o outro, simplesmente, as observe. No diálogo, as pessoas são livres para desejar, cultivar e estabelecer encontros.(...) O diálogo não é um bate-papo desobrigado, mas sim a oportunidade, 'não isolamento', com a possibilidade de compreensão do pensamento do outro."* VASCONCELOS, 2006, p. 73.

O direito de ir e vir
Se comprime nos becos e escadas
Além da negação dos direitos
Da comunidade silenciada

A imposição da ordem
Antes comandada pelo traficante
Agora, com fardas e armas
Orientada pelo comandante

As casas pequenas e inacabadas
Sem a mínima infraestrutura
E numa pequena quadra
Se diverte a geração futura

O lixo jogado nas encostas
E os esgotos a céu aberto
O pequeno comércio nas biroscas
E os transeuntes que a gente viu
de perto

Crianças magras com o nariz
escorrendo
Jovens e adultos carregando peso
E de novo a negritude
prevalecendo
Como um povo oprimido e indefeso

E nesse complexo de diversidade
Tem um grande conjunto
habitacional
Com perspectiva de organização
da cidade
E combate à ocupação ilegal

Como alternativa de salvação
Veio o Criança Esperança
Que não passa de enganação
Aumentando a ilusão da criança

Mas a comunidade tem sua
riqueza
Que o sistema não permite
aparecer
Tem as mulheres guerreiras
E muita sabedoria do fazer e saber

As habilidades manuais
E a arte na culinária
Suas organizações sociais
Estabelecidas em reuniões e
plenárias

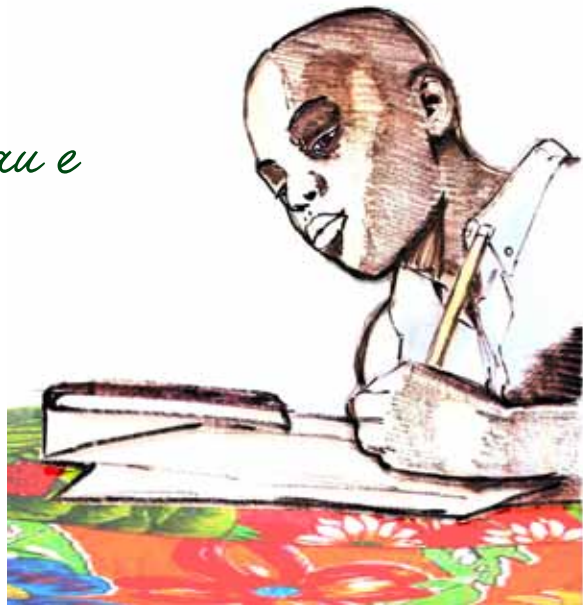
E para virar a página
Da negação da cidadania
É só descer o elevador

E entrar no território da burguesia

O submundo descrito
Com tantas histórias e cenas
É um paradoxo do complexo
Cantagalo-Pavão-Pavãozinho
E o famoso bairro da praia de
Ipanema

Elizabeth Regina Lopes, Educadora Popular

Cartas pedagógicas: de Guiné-Bissau e do Sudeste do Brasil



Leia Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo, de Paulo Freire (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978)

Esse foi um importante momento de reflexão sobre o país que temos e o país que queremos construir. As educadoras e os educadores da Economia Solidária foram convidados para, individualmente, escrever uma carta para o futuro ou para o(a) atual presidente(a) do Brasil ou para alguém de sua cidade, expressando em que tipo de sociedade gostariam de viver. Em seguida, foram formados pequenos grupos para leitura das cartas, cujos fragmentos podem ser conferidos no item "Como é a sociedade em que vivemos? Qual o Brasil que queremos construir?"

Trevo da Esperança: por um projeto educativo para a Economia Solidária

Tendo em conta o cenário nacional, anteriormente analisado na dinâmica acima, quais as contribuições da Educação Popular para que possamos avançar em um projeto político de transformação social?

Transformação social – *Cabe ressaltar que P. FREIRE emprega com frequência o termo 'libertação'. "A centralidade da libertação na educação aparece primeiramente em Pedagogia do Oprimido (1970), onde Freire descreve a libertação como uma práxis, 'a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo".* JONES, STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2010, p.243.

As perguntas orientadoras foram as seguintes: Que tipo de educação (formação e assessoria técnica) defendemos? Como pensamos e fazemos a formação em Economia Solidária? Qual é o nosso projeto educativo? Como deve ser um projeto educativo para a Economia Solidária?

Utilizamos a simbologia do "Trevo de Quatro Folhas" para refletir sobre essas questões. As quatro perguntas estavam escritas nas quatro folhas do trevo, respectivamente. Todos os grupos transitaram nas quatro folhas do trevo, obtendo ao final os diferentes olhares sobre todas as perguntas.

Caldeirão pedagógico

Essa foi uma dinâmica importante que em muito contribui no processo de construção do Projeto Político-Pedagógico da Economia Solidária. Juntamos todas as questões que apareceram nos Cursos Regionais e nos Documentos Nacionais, que julgamos fundamental para essa discussão. Em um exercício de agrupamento e seleção dos recortes, tomamos contato com esse rico material. Construímos uma matriz com três eixos temáticos, a qual foi alimentada pelas questões que aparecem nos textos e nos debates dos grupos de trabalho.

As questões propostas foram as seguintes:

1. Como é a sociedade em que vivemos ?
   Qual é o Brasil que queremos construir?
2. Princípios ético-filosóficos da educação/formação em Economia Solidária.
3. Estratégia política formativa e organicidade da rede de formadores.

Esperança sem projeto é (des)esperança:

Esperança: "**Esperança** *é uma categoria central na obra de Paulo Freire, ligada com outros conceitos como utopia, inédito viável ou sonho possível. Já na Pedagogia do Oprimido, a esperança se faz presente como condição para o diálogo, junto com o amor, a humildade, a fé nos homens e nas mulheres. A confiança se instaura no diálogo, que, por sua vez, é movido pela esperança. O diálogo em busca do ser mais não pode ocorrer na desesperança. Nas palavras de Freire: 'Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero.'* (Pedagogia do Oprimido). STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2010, p.161.

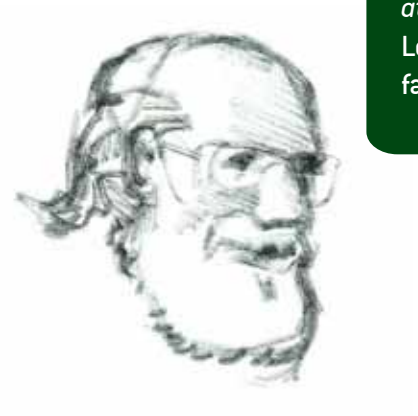
Momentos de estudo e de reflexão sobre a pedagogia do oprimido:

Esse momento consistiu em resgatar e discutir os significados político-educativos de passagens da literatura de Paulo Freire que pudessem nos ajudar na reflexão sobre a importância da classe trabalhadora formular seu próprio projeto educativo. Para isso, foram colados cartazes nas paredes, contendo trechos **do livro Pedagogia do Oprimido e do livro Pedagogia da Esperança, de Paulo Freire.**

Sugerimos que, individualmente, as educadoras e educadores se levantassem para encontrar algum trecho que dialogasse com O Projeto Político-Pedagógico da Economia Solidária.

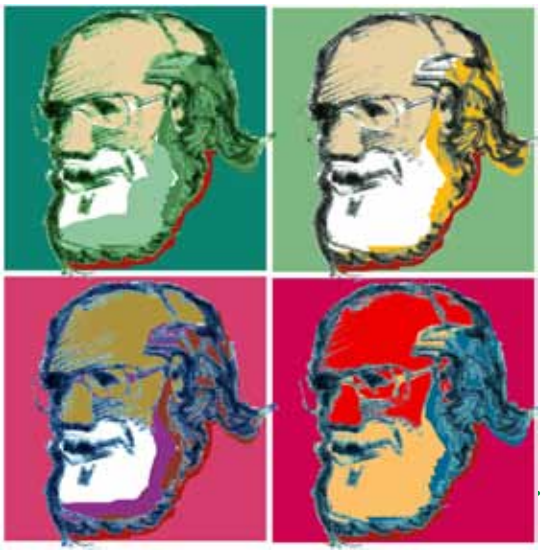
[Painel Paulo Freire no CEFORTEPE — Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional da Secretaria Municipal de Educação de Campinas-SP]

Paulo Freire foi um dos mais importantes educadores e pensadores brasileiros. Ficou conhecido pelos seus trabalhos com Educação de Jovens e Adultos e foi um dos grandes nomes da Educação Popular brasileira, expandindo seus trabalhos em países da América Latina e África. Entendia a educação como um ato político e um processo de libertação das pessoas e da classe trabalhadora.
Leia mais em Paulo Freire para Educadores, de Vera Barreto. Essa publicação é facilmente encontrada na internet.



"Freire nos fala das virtudes como exigências ou virtudes necessárias à prática educativa transformadora. Mas também nos deu exemplo dessas virtudes, entre elas a tolerância e a coerência. Freire não foi coerente por teimosia. Para ele a coerência era uma virtude que tomava a forma de esperança. Praticava sobretudo a virtude do exemplo: dava testemunho do que pensava. Nessa coerência entre teoria e prática, eu destacaria o valor da solidariedade."
(GADOTTI)

Vamos estudar um pouquinho da obra de Paulo Freire? Um bom começo poderia ser a Pedagogia do Oprimido...



(....) quase sempre, num primeiro momento (....) os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores. (....) em certo momento de sua experiência existencial, os oprimidos assumem uma postura que chamamos de "aderência "ao opressor (....) O seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo prejudicado pela "imersão" em que se acham na realidade opressora.
(Pedagogia do Oprimido, p. 33)

Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência "hospedeira da consciência opressora." Por isso, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se- á base de pautas estranhas a eles – a pauta dos opressores. (Pedagogia do Oprimido, p. 35)

A libertação, por isso, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.
(Pedagogia do Oprimido, p. 36)

Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra, que não podem ser dicotomizadas. (....) Nem objetivismo nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade. (....) Em Marx, como em nenhum pensador crítico, jamais se encontrará essa dicotomia. O que Marx criticou e, cientificamente destruiu, não foi a subjetividade, mas o psicologismo.
(Pedagogia do Oprimido, p. 39)

Seria uma contradição se os opressores não só defendessem, mas praticassem uma educação libertadora. Se, porém, a prática dessa educação implica no poder político e se os oprimidos não o tem, como então realizar a pedagogia do oprimido antes da revolução?
Pedagogia do Oprimido

O que seria o opressor se o oprimido perguntasse "por quê?"

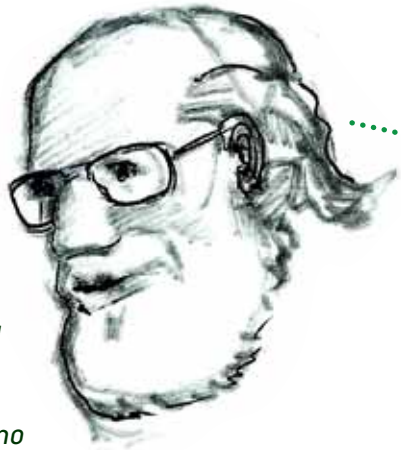
Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, que os homens fazem sobre o mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa, também. (Pedagogia do Oprimido, p. 66)

Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que julgam sábios aos que julgam nada saber. [O educador] será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez dessas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (Pedagogia do Oprimido, p. 67)

Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em "seres para outros". Sua solução, pois, não está em integrar-se, em incorporar-se a essa estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se seres para si. (Pedagogia do Oprimido)

Ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário do seu trabalho e de que 'este constitui uma parte da pessoa humana' e que 'a pessoa humana não pode ser vendida nem vender-se' é dar um passo a mais além das soluções paliativas e enganosas. É inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para, humanizando-se, humanizar os homens. (Pedagogia do Oprimido, p. 217)

Esperança e (des)esperança...



"... sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho." - **FREIRE, 2011.**

"Como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo." - **FREIRE, 2011.**

"Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia." - **FREIRE, 2011.**

"Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo." - A Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido - **FREIRE, 2011.**

"Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico". - **FREIRE, 2011.**

O que pensa o trabalhador sobre a educação?

"... Agora, o senhor chega e pergunta: 'Ciço, o que é educação?' Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: 'Educação'; daí eu falo: educação. A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: Educação. Mas então eu pergunto pro senhor: É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra? Aí eu digo: 'Não'. Eu digo pro senhor desse jeito: 'Não, não é'. Eu penso que não. Educação... quando o senhor chega e diz 'educação', vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando sou eu quem falo vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o lugar da vida dum pobre, como tem gente que diz. Comparação, no seu essa palavra vem junto com quê? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado; livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser. Um estudo que cresce e que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali. Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe, porque eu nunca vi isso por aqui. Então quando o senhor vem e fala a pronúncia 'educação', na sua educação tem disso. Quando o senhor fala a palavra conforme eu sei pronunciar também, ela vem misturada no pensamento com isso tudo; recursos que no seu mundo tem. (...) Quando eu falo o pensamento vem dum outro mundo. Um que pode até ser vizinho do seu, vizinho assim, de confrontante, mas não é o mesmo. A escolinha cai não cai ali num canto da roça, a professorinha dali mesmo, os recursos tudo como é o resto da regra de pobre. Estudo? Um ano, dois, nem três. Comigo não foi nem três. Então eu digo 'educação' e penso 'enxada', o que foi pra mim."

Antônio Cícero de Souza
lavrador na estrada entre Andradas e Caldas, no sul de Minas Gerais.

BRANDÃO, 1980.

Momento de aprendizagem: Viva a pedagogia da pergunta!!!

Num dos cursos regionais ocorridos em 2010 em São Paulo, visitamos a Uniforja, fábrica do ramo metalúrgico, assumida pelos trabalhadores após sua falência. Hoje trabalha em regime de autogestão, contando com três cooperativas afiliadas e cerca de 490 trabalhadores. Na visita, conhecemos o parque industrial, obtivemos informações sobre a luta dos trabalhadores e a atual organização do processo de trabalho. De fato, momentos como esses proporcionam um rico aprendizado sobre os limites e desafios da Economia Solidária no contexto do sistema capitalista.

Uniforja – Centro – Diadema (SP)

O Sistema Uniforja – Cooperativa Central de Produção Industrial de Trabalhadores em Metalurgia, foi constituído em meados de 2000. Situada em Diadema – São Paulo, em uma área própria de 65.000m², a Uniforja é a maior fabricante de anéis/flanges/conexões de aço forjado de toda a América do Sul.

Perseguindo incessantemente a perspectiva político-educativa de Paulo Freire, formulamos algumas perguntas que pudessem nos ajudar a refletir sobre a relação entre o processo de trabalho o processo educativo. Partimos do pressuposto de que, ao trabalhar, homens e mulheres produzem conhecimentos; e que a forma como se dá a organização do processo de trabalho contribui para a socialização, em maior ou menor grau, do conhecimento acumulado ao longo da história da humanidade. Na visita que fizemos à Uniforja, instigamos os educadores e educadoras da Economia Solidária a exercitar o olhar investigativo com as seguintes questões:

1. Quais são nossas impressões gerais sobre a Uniforja?

2. Em média, os(as) trabalhadores(as) têm quantos anos de escolaridade?

3. Como os trabalhadores e trabalhadoras se educam no chão de fábrica?
a) No processo de produção.
b) Nas reuniões, assembleias.

4. A organização do trabalho permite a todos os(as) trabalhadores(as) ter os conhecimentos sobre a fábrica e o mundo no qual ela está inserida? Como?

5. Para além da fábrica, os(as) trabalhadores(as) participam de outros espaços de educação/formação?

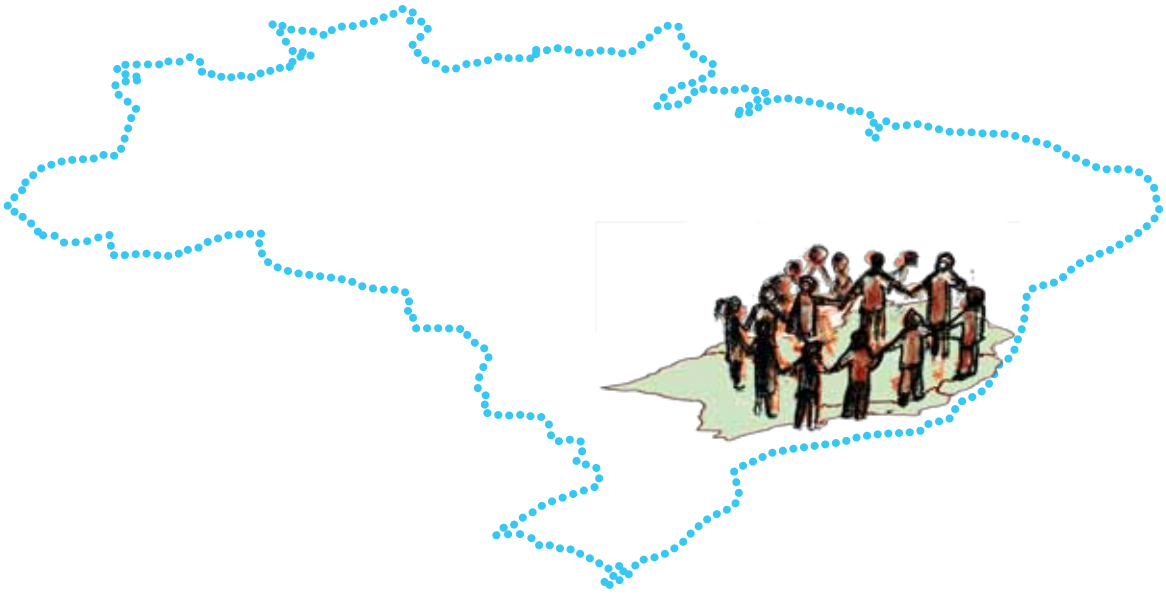
6. É possível afirmar que, na Uniforja, o trabalho é, em si, educativo? Por quê?

7. O que os(as) trabalhadores(as) vêm aprendendo? O que eles(as) têm a nos ensinar?

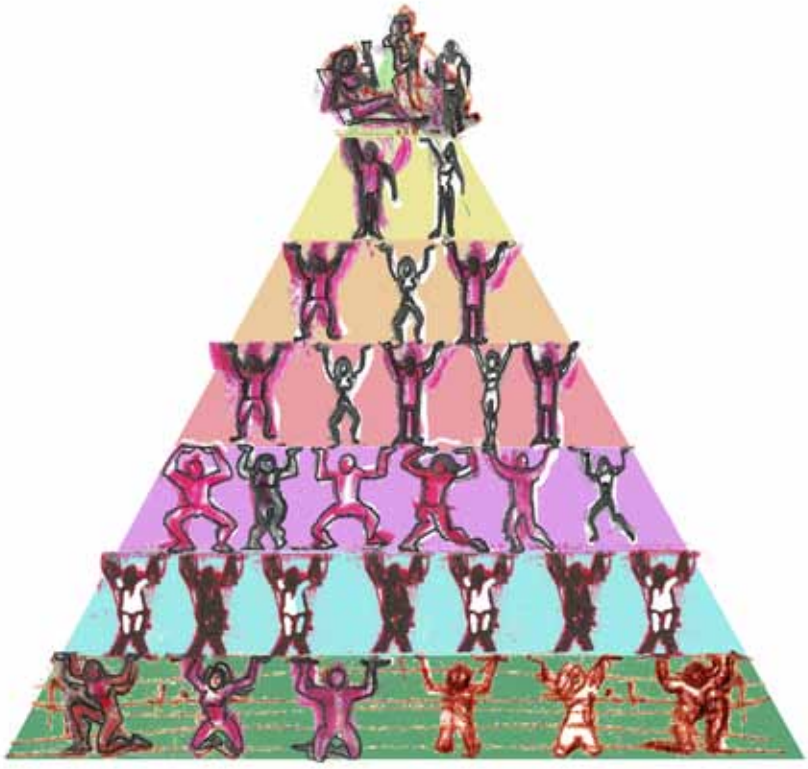
8. Que outros conhecimento seriam necessários para que os(as) trabalhadore(as) possam se tornar governantes de si e dos rumos do trabalho na Uniforja?

9. Qual o projeto educativo da Uniforja em relação aos(as) seus(uas) trabalhadores(as)?

Como é a sociedade em que vivemos? Qual Brasil queremos construir?



A sociedade brasileira, tal qual boa parte dos países do mundo, tem como base um modelo de desenvolvimento capitalista. Isso significa que aqueles que não são proprietários dos meios de produção (máquinas, equipamentos, prédios, etc.) se veem obrigados a vender sua força de trabalho em troca de um salário. A lógica excludente da economia capitalista divide a sociedade entre compradores e vendedores de força de trabalho. No atual momento do capitalismo, o desenvolvimento tecnológico, assegurado por políticas neoliberais, dispensa uma grande massa de trabalhadores, colocando homens e mulheres no olho da rua. Como as pessoas fazem para sobreviver? Ao longo da história do capitalismo, as classes trabalhadoras têm proporcionado uma vida maravilhosa para os proprietários privados dos meios de produção (os capitalistas), mas pouco usufruem das riquezas produzidas. Com um modelo da sociedade no formato piramidal, aqueles que estão no topo aumentam cada vez mais sua riqueza, ao passo que aqueles que se encontram na base da pirâmide mantém-se em sua condição de excluídos dos bens e serviços do Estado.



É verdade que nos últimos anos o Brasil vem crescendo. É verdade que aumentou o índice de emprego e diminui o índice de pobreza.

Distribuição pessoal da renda do trabalho[1]
Brasil 1999-2009 (em %) — TABELA 7

Grupo	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Os 10% mais pobres	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,1	1,2	1,2
Os 20% mais pobres	3,3	3,3	3,4	3,4	3,5	3,6	3,6	3,9	4,0	4,0
Os 50% mais pobres	14,5	14,8	14,9	15,5	16,0	16,3	16,5	17,2	17,6	17,8
Os 10% mais ricos	45,7	46,1	46,1	45,3	44,6	44,7	44,5	43,3	42,7	42,5
Os 5% mais ricos	33,1	32,4	33,0	32,7	31,7	32,0	31,7	30,7	30,4	30,3
O 1% mais rico	13,2	12,5	13,3	12,9	12,7	13,0	12,8	12,4	12,3	12,4

Fonte: IBGE. Pnad
Elaboração: DIEESE
Nota: (1) Rendimento mensal de todos os trabalhos dos ocupados de 10 anos ou mais
Obs.: a) Em 2000 não houve pesquisa
b) Até 2003, os dados não incluem os rendimentos da população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.
c) Inclusive as informações das pessoas sem declaração de rendimento de todos os trabalhos

Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por cor - Brasil e Grandes Regiões 2009 (em %) — TABELA 34

Brasil e Grandes Regiões	Cor			Total
	Branca	Preta	Parda	
Norte	7,2	14,6	11,3	10,6
Nordeste	14,2	19,8	20,6	18,7
Sudeste	4,0	9,5	7,6	5,7
Sul	4,4	9,5	9,5	5,5
Centro-Oeste	6,0	11,3	9,2	8,0
BRASIL	**5,9**	**13,3**	**13,4**	**9,7**

Fonte: IBGE. Pnad
Elaboração: DIEESE

Estrutura fundiária
Brasil 1998 — TABELA 8

Imóveis rurais	Total de imóveis	%	Área total (em hectares)	%
Minifúndio	**2.214.983**	**62,0**	**30.967.099,6**	**7,5**
Até 0,5 módulo fiscal	1.460.675	40,9	12.142.264,2	3,0
De 0,5 a 1 módulo fiscal	754.308	21,1	18.824.835,4	4,6
Pequena propriedade	**968.072**	**27,1**	**61.158.513,6**	**14,9**
De 1 a 2 módulos fiscais	637.586	17,8	29.946.389,6	7,3
Mais de 2 a 4 módulos fiscais	330.486	9,2	31.212.124,0	7,6
Média propriedade	**286.111**	**8,0**	**79.808.146,9**	**19,5**
Mais de 4 a 6 módulos fiscais	121.627	3,4	21.633.340,7	5,3
Mais de 6 a 15 módulos fiscais	164.484	4,6	58.174.806,2	14,2
Grande propriedade	**104.744**	**2,9**	**238.337.649,9**	**58,1**
Mais de 15 a 50 módulos fiscais	83.175	2,3	89.335.527,0	21,8
Mais de 50 a 200 módulos fiscais	19.213	0,5	76.684.490,0	18,7
Mais de 200 a 600 módulos fiscais	1.972	0,1	32.285.300,7	7,9
Mais de 600 módulos fiscais	384	0,0	40.032.332,2	9,8
TOTAL	**3.573.910**	**100,0**	**410.271.410,0**	**100,0**

Fonte: Incra. Estatísticas cadastrais. Elaboração: DIEESE
Obs.: a) Foram excluídos 149.548 imóveis com dados inconsistentes: imóveis com área total menor que 99% do somatório das áreas exploradas, reserva legal, preservação permanente, inaproveitável e aproveitável não utilizada; imóveis com área total maior que 105% do mesmo somatório. Os extratos de módulos fiscais, que delimitam o tamanho do imóvel, são exatamente os mesmos considerados na publicação.
b) Últimos dados disponíveis.

Fonte:
Anuário dos Trabalhadores,
2010/2011 – DIEESE, 11ª. edição/SP

Mas o que significa dizer que, em 2015, o Brasil poderá se tornar a quinta maior potência do mundo? Nosso país alcança excelentes níveis de desenvolvimento econômico, contudo não reduz de forma significativa as desigualdades sociais existentes em nossa sociedade. O aumento do consumo da chamada 'classe C' (entendida como uma parcela não miserável da classe trabalhadora), nos faz, ilusoriamente, pensar que estamos diminuindo a distância entre ricos e pobres, mulheres e homens, negros e não negros. Na sua essência, o sistema capitalista é um sistema excludente: nele não há lugar para todos! A sua sobrevivência enquanto sistema indica que é necessário uma massa de pessoas que sustentem os ganhos de outra parcela da sociedade, significa que a pobreza e suas consequências na péssima qualidade da escola pública, na saúde pública precária, nos subempregos, na discriminação do mercado de trabalho, na falta de acesso a bens culturais e sociais e tantas outras mazelas proporcionadas por esse sistema, vão permanecer, somente se alterando para pior, essa é a sua lógica interna. Chegar à quinta potência significa colocar a todo vapor, no Brasil, o projeto de desenvolvimento capitalista.

Além de explorar ao máximo a energia física e emocional das classes trabalhadoras, o sistema capitalista não poupa a mãe-natureza, degrada o planeta e as condições de vida de grande parte dos seres humanos. Mas a natureza se rebela; e nós, que também somos parte da mãe-natureza, também nos rebelamos. O Movimento da Economia Solidária é um movimento que tem como objetivo se rebelar contra a exploração dos seres humanos, contra a apropriação privada e indevida da natureza que nos cerca. É um movimento que acredita que a felicidade não se realiza no "deus mercado". A felicidade está na beleza da vida, na beleza da pessoas, na beleza da natureza-mãe. Queremos apenas ser felizes: saciar a fome, saciar a sede, saciar o desejo da arte e do amor. Como diz o psiquiatra e psicanalista William Reich, "trabalho, amor e sabedoria são as fontes da nossa vida. Deviam também governá-la".

Que país é este?

Sobre o Brasil e o mundo, o que dizem as educadoras e os educadores do Movimento da Economia Solidária? Nos espaços formativos do CFES-SE, o que essas mulheres e homens revelaram? Em que aspectos a vida mudou? Em nossas lutas cotidianas, o que conquistamos?

Coração Civil

(Milton Nascimento / Fernando Brant)

Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade nos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
Quero ser amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os meninos e o povo no poder eu quero ver
São José da Costa Rica, coração civil
Me inspire no meu sonho de amor Brasil

Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal
Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço, cadê poder?
Viva a preguiça, viva a malícia que só a gente é que sabe ter
Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida
Eu vou viver bem melhor
Doido pra ver o meu sonho teimoso, um dia se realizar

Cartas pedagógicas: realidade, sonhos e utopias.

Em setembro de 2010, no Rio de Janeiro, o CFES-SE promoveu o primeiro encontro regional cujo tema central era a construção do Projeto Político-Pedagógico da Economia Solidária. Ali estavam pessoas de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Para refletir sobre o Brasil que queremos construir, utilizamos a seguinte dinâmica com os educadores e as educadoras da Região Sudeste:

Individualmente, e com bastante tempo, eles puderam escrever uma carta endereçada ao futuro presidente ou presidenta do Brasil. Foi sugerido que na carta fossem relevadas as angústias, desejos e anseios em relação ao Brasil que cada um individual e coletivamente queria construir. Por meio de outras dinâmicas, foi possível incluir nas cartas análises de conjuntura do "Brasil que temos" e, além disso, anunciar o "Brasil que queremos".

Eis, aqui, trechos de diversas cartas. São trechos que simbolizam a riqueza de uma construção coletiva, na qual aparecem as vozes de educadoras e educadores do Sudeste. Pode ser que algumas vezes elas se repitam (o que é muito bom, pois indica que os desejos não são apenas individuais, mas fundamentalmente coletivos).

"Construção coletiva – *Para Paulo Freire, a educação é um ato político, portanto um trabalho coletivo, que reeduca todos os sujeitos e atores envolvidos. Envolve postura e atitude diante do mundo e dos homens, que são diferentes um do outro com suas culturas e crenças. Não são as teorias modernas ou os conceitos abstratos que educam. É a prática concreta que, sendo pensada à luz da teoria, transforma a realidade histórica de cada povo."* GÓES, STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p.77.

Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só.
Mas sonho que se sonha junto é
realidade.

(Prelúdio, de Raul Seixas)

Senhoras e senhores, damas e cavalheiros... com vocês, alguns trechos das Cartas Pedagógicas, gentilmente escritas pelas educadoras e educadores da Economia Solidária da Região Sudeste:

"Vivemos em um país muito desigual e cheio de contradições. Ao mesmo tempo que é um país muito rico e com imensas reservas naturais e um caldeirão de culturas, crenças e manifestações de comunhão e solidariedade do povo. Tenho esperança de que este país caminhe para um futuro com menos desigualdades sociais, em que todos possam ter acesso a um sistema de educação pública e de qualidade, que propicie a formação de cidadãos críticos e ao mesmo tempo possibilite a criação de oportunidades de trabalho digno, em que os saberes e a vida humana sejam respeitados de todas as formas e que esses valores sejam mais importantes e valorizados do que o dinheiro e o lucro. Desejo que o conjunto da sociedade trabalhe em prol de objetivos comuns, para construir um país que possibilite um futuro para nossos filhos e netos com saneamento, saúde, educação, moradia e trabalho para todos e principalmente um lugar em que a democracia e a liberdade de expressão nos permitam sonhar e ter chances reais de concretizar nossos sonhos."

"Grande parte da população mundial se mostra pautada pela ganância e egoísmo, disseminando a guerra, a discriminação e a exploração de povos e países. É necessário reinventar a esperança, resgatando a história de luta de um povo que construiu este país e que em troca recebeu e recebe as migalhas que caem das mesas dos donos do capital. Que usurpa o produto do trabalho e mantém domesticada uma classe trabalhadora, através dos narcotizantes meios de comunicação, educação e cultura, que só reproduzem a alienação e miséria. Ouçam cada grito dos povos do Brasil e América Latina e tenhamos novamente esperança de uma sociedade socialista, na qual nós trabalhadores seremos sujeitos na construção da história neste país."

"Sei que sonho que se sonha só é apenas um sonho, mas sonho que se sonha junto tem possibilidade de acontecer, pois o empenho vai ser dobrado. Tenho como projeto de vida a garantia de direito (meus e dos demais) quanto à moradia digna, à educação de qualidade, à saúde humanizada, ao lazer, a uma alimentação sem nenhum veneno, ao acesso a todas as tecnologias, a um trabalho sustentável, à segurança, à informação para todos e de todas as formas, etc."

"Desejo um mundo muito mais solidário e justo para todas as pessoas, onde os movimentos sociais serão ouvidos e onde a política pública vai ser emancipatória, e não apenas pontual e assistencialista, onde a Economia Solidária vai ser praticada maciçamente em todos os lugares, sendo respeitados os seus princípios."

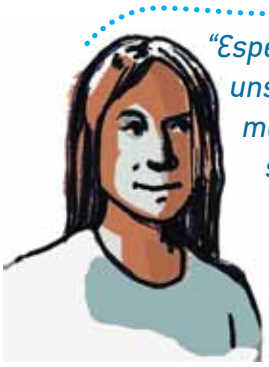
"Venho através desta carta escrever um pouco do que penso e espero para o Brasil. Acredito muito na transformação da sociedade através de uma educação que seja popular, pois espero viver um dia em um país onde todos e todas tenham direitos iguais: acesso ao lazer, ao esporte, a boas escolas (com o conhecimento crítico libertador), com políticas de saúde preventiva e acesso a uma alimentação saudável, onde aconteça a cultura dos povos e que o capital não conduza nossas vidas. Para isso, precisamos agir em parceria, com políticas que sejam realmente estruturantes, através das quais a população deixe de ser assistida e se torne participativa, valorize o meio ambiente através do consumo consciente. Que a riqueza seja distribuída de forma que cada uma e cada um possa viver com dignidade e com direito de ir e vir! Sei que tudo isso é possível, pois através da Economia Solidária valorizamos o ser humano, e não o capital. Esse é o x da questão."

"Temos um modelo da sociedade piramidal, na qual quem está no topo aumenta cada vez mais sua riqueza e essa desigualdade se perpetua. Hoje vivemos uma economia imperialista. Em resposta a esse modelo, precisamos fazer contra a pirâmide um círculo. Fazer uma economia de acolhimento, na qual todos tenham espaço. Como construir uma economia com os valores da sociedade, como levar os valores da democracia para a economia?"

"A Economia Solidária ressurge como um resgate da luta histórica dos trabalhadores e das trabalhadoras, como defesa contra a exploração do trabalho humano e como superação da exclusão social a partir de novas formas de organizar as relações sociais dos seres humanos e desta com a natureza."

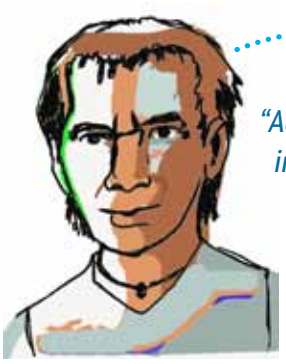
"Feche seus olhos, respire fundo, procure um lugar calmo, em silêncio e sozinho. Respire, respire, respire fundo e pense que nesse exato momento tem uma pessoa morrendo , morrendo de dor num hospital público, esperando atendimento, uma mãe está chorando e se humilhando numa fila por uma vaga para seu filho na escola, um morador de rua está com tanta fome que está perdendo seu bom-senso e seu raciocínio e quase tomando uma decisão extrema, pois está com raiva e sem nenhuma expectativa, assim como esses outros milhares de brasileiros que passam por situações do mesmo tipo."

"Então estamos buscando uma nova economia no país, que chama Economia Solidária, uma economia que está mudando a vida das pessoas, que se juntam pelo mesmo objetivo: construir uma vida digna e honesta. Ela foi a melhor coisa que aconteceu em nossas vidas, assim podemos resgatar uma vida digna e de esperança com muito otimismo."



"Espero que no futuro(bem próximo) tudo mude, que nós possamos respeitar mais uns aos outros, que possamos enxergar que nós, seres humanos, também somos meio ambiente. Por isso, que quando agrido outro ser vivo, também corro risco de ser agredido, ou seja, cada ação tem uma reação. Espero também que os valores éticos sejam resgatados e que possamos ser mais compreensivos com o outro.Que possamos ser enxergados como seres humanos, e não apenas como mercadoria"

"Caro(a), nosso projeto de vida é simples e importante para todos os brasileiros. Almejamos criar nossos filhos e netos em um ambiente justo, solidário, fraterno, democraticamente participativo. É um sonho possível se pensarmos no coletivo, pois nosso projeto de Brasil e mundo tem princípios e qualidades e visão futura com a participação de todos, juntos e fortalecidos."



"Acreditando nesta qualidade de vida, tomamos posse de um poderoso instrumento social que é a Economia Solidária, pois nela encontramos o que falta na sociedade capitalista, que é o cidadão perceber-se no processo da vida e tomar posse do que pertence a todos."

"Sou mais um dos milhões de militantes da Economia Solidária deste país e como tal quero expressar algumas percepções que tenho acerca de nossa vivência. É bem verdade que conseguimos avanços consideráveis nos últimos anos no campo do desenvolvimento humano e social, mas o que enxergamos no campo das diminuições das desigualdades sociais? Quase nada, presidente."

"Somos ainda um país voltado ao capital, dos recursos públicos gerados por milhões de brasileiros. Uma pequena parcela da população, os mais ricos, se apropriam através da prestação de serviços, fornecendo bens de consumo, entre outros. Então, presidente, é assim que tem que ser?"

"Fico 'viajando' (sonhando acordado), que acordo de manhã ouvindo o canto dos pássaros anunciando o dia que chega. Que me levanto sem a necessidade de regular/controlar o relógio, a hora de fazer as tarefas cotidianas. A higiene matinal, o café da manhã, ler o jornal e depois sair para o trabalho. Qual o quê! Só parte dessa viagem acontece. Uma ínfima parte, como acordar ouvindo o canto dos pássaros no quintal da casa, coisa muita rara nos dias de hoje. De resto é correria todos os dias. Afinal, o patrão não perdoa."

"Fico imaginando sair para o trabalho em poucos minutos, a pé, chegar nele. Quanta pretensão! Necessito de duas conduções para chegar lá. Conduções lotadas para ir e voltar. No caminho, constato que muitos cidadãos em filas gigantes procuram por trabalho."

"Idealizo a criançada do bairro indo para escola satisfeitas, pois, ela é de qualidade e agradável. Ideal de escola pública. Ao chegar nela, as crianças deparam com outra realidade. Professores mal remunerados e desvalorizados, falta de infraestrutura, entre outras precariedades."

"Nessa 'viagem' me programo para lazer de fim de semana. De dia, praia. Mas a maioria está poluída e outras estão privatizadas. À noite pretendo ir ao cinema ou a uma atividade cultural. Nessa hora bate um medo, falta segurança lá nas ruas. Continuando nesse devaneio, imagino que todo o meu bairro é assistido pelo saneamento básico, com galerias pluviais separadas de esgoto sanitário. Qual o quê? Ainda há esgoto a céu aberto."

Xote Ecológico

(Luiz Gonzaga)

Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
Se planta não nasce se nasce não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar
Cadê a flor que estava aqui?
Poluição comeu
E o peixe que é do mar?
Poluição comeu
E o verde onde que está ?
Poluição comeu
Nem o Chico Mendes sobreviveu

"Dou um voo em direção à realidade do país e constato que a maior parte da população sequer tem moradia, carece de acesso a serviços públicos de qualidade, está desempregada. Não é por acaso que nessa 'viagem' busco na Economia Solidária, ainda que como embrião, um caminho de ação e reflexão contribuindo para constituir outras possibilidades que façam do 'sonho/viagem' realidade, ainda que parcial."

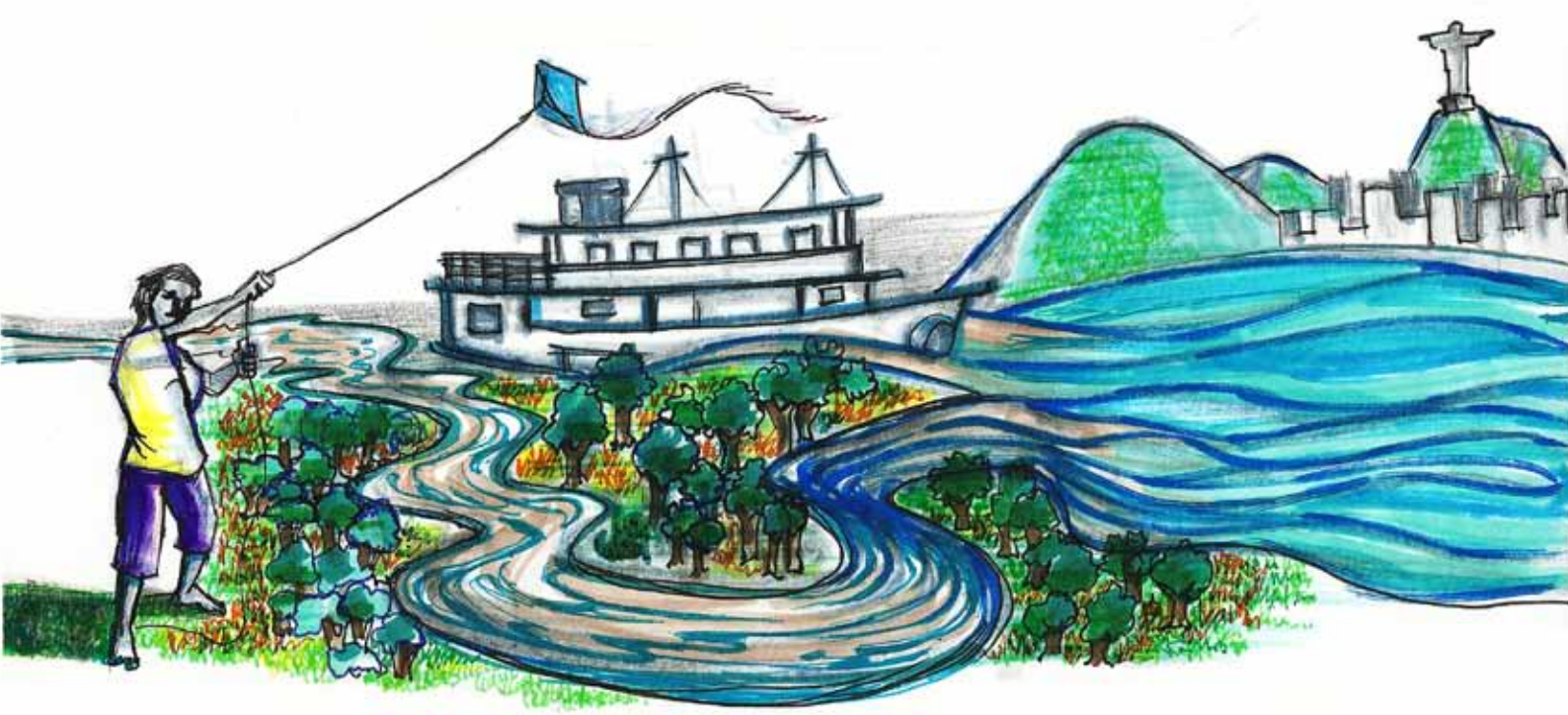
"A sociedade em que vivemos é cheia de contradições. Nossas práticas reforçam a reprodução do capitalismo, que tornou o trabalho algo essencialmente desumano, ficando evidenciado no consumo e nas relações sociais; aumentando a segregação e a desigualdade. Há uma naturalização da exclusão, ocasionando a invisibilidade dos diferentes fenômenos sociais. Nesse contexto nos perguntamos: qual o projeto de nacionalidade que queremos? Como alternativas surgem programas sociais que não se integram e não se constituem enquanto políticas públicas, acumulando as ações que acabam por divergir das necessidades reais da sociedade. Essa situação agravou-se nos anos 90 com a consolidação da política neoliberal, tornando convergente uma maior precarização das condições de trabalho, aumentando o desemprego, e a privatização de serviços públicos essenciais para a população, tornando apenas crescente as macroeconomias do país."

Riacho do Navio

(Luiz Gonzaga)

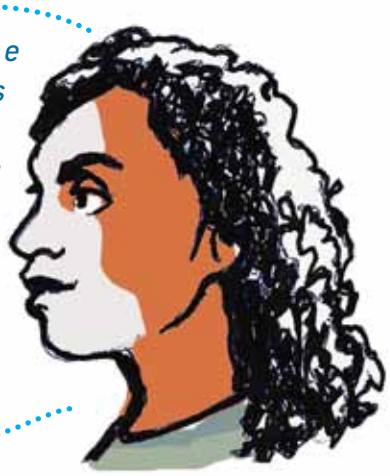
Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai desaguar
No São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no mei' do mar
O rio São Francisco
Vai bater no mei' do mar
Se eu fosse um peixe
Ao contrário do rio
Nadava contra as águas
E nesse desafio
Saía lá do mar pro

Riacho do Navio
Eu ia direitinho pro
Riacho do Navio
Pra ver o meu brejinho
Fazer umas caçada
Ver as "pegá" de boi
Andar nas vaquejada
Dormir ao som do chocalho
E acordar com a passarada
Sem rádio e nem notícia
Das terra civilizada
Sem rádio e nem notícia



"Estamos enraizados em uma cultura opressora, na qual a saúde é tratada como mercadoria, a educação é sucateada, movimentos sociais são marginalizados por políticas partidárias, recursos naturais são explorados por políticas econômicas internacionais e a força de trabalho de homens e mulheres são alienados a uma cultura de trabalho capitalista."

"Para construir um novo Brasil, plural, justo, democrático, solidário e sustentável, é necessário o autoconhecimento, nos perceber e nos identificar enquanto sociedade brasileira. Dotado de historicidade, identidade, nascido da resistência indígena e negra. É essencial a descolonização que nos tornou um estado-empresa e não um estado-povo. Um Brasil que tenha como protagonista do processo social o homem, e não o capital. Brasil este que reconheça e perpetue os valores da solidariedade, justiça social, fraternidade, diversidade e sustentabilidade. Um ideal de sociedade que reconhece o trabalho como ação que garanta a dignidade da vida, com respeito aos direitos sociais, políticos e culturais dos povos."



"Que se pense o meio ambiente como um todo sustentável e que se respeite o processo natural na perspectiva de garantias de um ambiente saudável e de garantia da vida e da terra, respeitando e reconstruindo as relações com o meio ambiente, com a produção e manejo que não agrida a natureza, valorizando as experiências tradicionais e não poluentes. O respeito ao meio ambiente deverá garantir a mística de que o indivíduo se complementa no outro, que faz parte de um universo ambiental, no qual todo o ser deve ser respeitado, valorizado em sua essência plena."

"Que tenhamos igualdade de gênero construindo novas relações em todas as dimensões da vida. Com direito à terra, reforma agrária, agricultura familiar, agricultura agroecológica e articulação campo-cidade."

"Quero direito à informação, acesso à ciência e à tecnologia e construção de novas tecnologias. Que a experiência seja valorizada."

"O que nós desejamos é algo muito simples: uma vida digna para todo brasileiro e toda brasileira. Até agora todos os governantes foram coniventes com o grande capital, com os ricos, sejam eles daqui ou de fora. E quem sempre paga a conta disso são os mais pobres. Qualquer proposta minimamente séria de justiça social deve mexer completamente na estrutura social. Não dá para estar ao lado do povo e ao lado do grande capital ao mesmo tempo. Por que, em vez de incentivar tanto o crescimento das indústrias, essas que exploram tanto os trabalhadores, não incentivaram o trabalho cooperativo? Por que não confiamos no poder da associação e solidariedade entre as pessoas em vez de incentivar o individualismo empreendedor, que fará com que a gente destrua uns aos outros?"

"... O trabalho mostra-se como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o motor decisivo do processo de humanização do homem..." **(ANTUNES, 1995)**

"Não há meio-termo: ou se aposta no povo ou no capital, ou se aposta na solidariedade ou na nossa destruição. O meio-termo é coisa de liberal, precisamos de radicalidade, ir à raiz, atacar os problemas nas estruturas. Aqueles que estão acostumados ao poder, ao dinheiro, à exploração dos oprimidos não vão gostar, vão resistir. Mas o princípio de igualdade entre todos deve prevalecer. Estamos cansados de ser explorados e de sustentar o capitalismo."

Pelo direito ao trabalho associado e autogestionário

Enquanto isso, ou seja, enquanto dura o reinado dos imperadores-capitalistas, enquanto dura a opressão de uma classe sobre outra, enquanto dura a desigualdade social... reina no "lado esquerdo do peito" o desejo de mudança, o desejo de justiça... Enquanto isso, militantes dos movimentos sociais, entre eles os da Economia Solidária, como "formiguinhas" buscam construir "um outro mundo possível", vivenciando, apoiando e fomentando organizações coletivas, autogestionárias e democráticas. Nosso objetivo é, no dia a dia, praticar formas de produzir, consumir e viver com maior distribuição de riquezas e direitos. Não nos cansamos de tentar contrariar a **lógica perversa do sistema capitalista.** Queremos viver plenamente o direito de produzir a vida associativamente. Enfim, queremos plantar muitas sementes e colher os frutos de uma sociedade justa e igualitária.

No Sudeste, Contando também com pessoas vindas de todos os lugares do Brasil, o CFES proporcionou o encontro de mulheres, homens, empreendimentos, entidades de apoio, gestores públicos, cada um com seu saber e suas experiências, cientes das enormes dificuldades e do abismo entre ricos e pobres no Brasil, mas com um propósito: pensar, refletir, debater e propor um jeito diferente de ser e agir, que passa pela construção de um jeito diferente de pensar, praticar e vivenciar a educação. A partir das reflexões das primeiras Oficinas Nacionais de Formação, educadores e educadoras da Economia Solidária da Região Sudeste participaram de vários encontros para pensar um projeto educativo em consonância com nosso projeto de sociedade.

... a lógica perversa do sistema capitalista... *no lugar da 'ética do mercado', Freire afirma a ética da solidariedade humana como grande força sobre a qual devemos alicerçar a nova rebeldia. E condena veementemente a natureza antissolidária intrínseca ao capitalismo: ' A minha luta contra o capitalismo se funda aí, na sua perversidade intrínseca, na sua natureza antissolidária.'* (FREIRE, 1995, p.70).

O Movimento de Economia Solidária tem discussões importantes sistematizadas durante as Oficinas Nacionais de Formação em Economia Solidária, que ocorreram em 2006 e 2007, em Brasília. Dê uma olhada nos relatórios das oficinas:
http://cirandas.net/cfes-nacional/biblioteca-do-cfes/fbes-documentos?view=true

"Não se faz formação sem praticar o que se está propondo, logo o método para a integração, construção e partilha dos saberes deve ser também autogestionado" **Diretriz estruturante, II Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária, página 7**

Sabemos dos desafios do Movimento de Economia Solidária. Essa força virá apenas da crescente participação das trabalhadoras e trabalhadores associados. Além disso, como podemos perceber pelas discussões das duas conferências nacionais de Economia Solidária (2006 e 2007),

Vejam os documentos finais das duas conferências em: http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/conferencia-nacional-de-economia-solidaria/

são de fundamental importância políticas públicas com controle social, generalizadas por todo o país, criando redes de municípios, com prefeituras que se comprometam com o poder popular.

A Economia Solidária é um capítulo recente da antiga luta dos trabalhadores contra o capital. Milhares de iniciativas com princípios comuns de organização: autogestão e solidariedade, colocando o ser humano como centro da produção da vida, passam a se reconhecer como pertencentes a um mesmo movimento, a uma mesma luta e se buscam para o seu fortalecimento. Assim nasce o Movimento de Economia Solidária.

É preciso fortalecer o movimento, para que ele não encontre dificuldade de crescimento dentro dele mesmo. Quando houver grande articulação, será muito mais fácil vencer as tradicionais lutas políticas, será possível ocupar os espaços públicos, criação de centros públicos, conselhos, fóruns, fundos municipais, bem como uma legislação que ajude a Economia Solidária avançar.

Todos os movimentos sociais precisam ter um foco claro, objetivos claros. Para o Movimento da Economia Solidária, esse foco pode ser o de apresentar-se como uma alternativa real ao sistema capitalista. Por isso, nosso movimento deve ser pensado de maneira global, considerando não apenas as armaduras e artimanhas do capitalismo (enquanto um sistema econômico, político e cultural), como também nos juntando, nos associando, com outros povos do mundo que, mesmo muito distantes, também desejam a construção de um mundo solidário.

A Economia Solidária pode ser um gérmen de mudança das relações de trabalho, porém uma "revolução" requer muito mais. Acreditamos que, para ultrapassar os limites que nos impõe a sociedade capitalista, é necessário que haja uma articulação de nossas lutas. Nossas reivindicações não podem ser só econômicas, precisam abarcar o campo político para, de fato, promover o enfrentamento da luta entre trabalho e capital. Além disso, o movimento deve estar em constante diálogo, fomentando e nivelando o debate para que se chegue a uma velocidade comum que leve ao entendimento do caráter revolucionário do movimento, situando-o de forma estratégica na sociedade. É a partir desse amadurecimento e do questionamento que o Movimento da Economia Solidária cresce.

Além da amplitude de número de pessoas que compartilham da ideia de que "outro mundo é possível", o movimento precisa ter muito claro contra o que se está lutando. Numa perspectiva revolucionária, ou seja, de revolucionar o modo de produção da vida social, é necessário que, desde já, comecemos a questionar os princípios burgueses, alterar os mecanismos de produção, quebrar a relação patrão-empregado, a fragmentação entre trabalho e natureza. Dizendo de outra maneira, queremos contribuir para alterar as atuais regras dos processos de produção da existência humana. Para que esse sonho se realize plenamente, qual pode ser nossa contribuição? É aí que entram em cena as práticas autogestionárias da Economia Solidária, que estão proporcionando às trabalhadoras e trabalhadores associados experiências concretas de uma "outra economia".

Que tipo de educação defendemos para a Economia Solidária?

> *Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, que os homens fazem sobre o mundo, com o mundo e com os outros.*
>
> Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido)

Afinal, qual é o nosso projeto educativo?

Como pensamos a formação em Economia Solidária? Como fazemos a formação em Economia Solidária? Para nós, como deve ser um Projeto Político-Pedagógico para a Economia Solidária? Que estratégias são necessárias para garantir nosso PPP?

Sem desconsiderar as particularidades do Sudeste em relação a outras regiões do Brasil, vislumbramos práticas educativas que contribuam para a superação de uma sociedade que produz a estrutura de classes e, com ela, as desigualdades e injustiças sociais que marcam as sociedades divididas entre "produtores e vendedores de força de trabalho". A educação é um ato político, por isso nosso projeto educativo tem como horizonte um projeto societário que, na prática, começamos a exercitar. Como revelam as Cartas Pedagógicas, de autoria das educadoras e educadores da Região Sudeste, a Economia Solidária é parte integrante da nova sociedade que queremos construir.

Sendo o Movimento da Economia Solidária um movimento plural, valeu a diversidade. Claro que buscamos e, que bom, encontramos as nossas identidades! Sabemos, por exemplo, que todas e todos trabalhadores da Economia Solidária pertencem à classe trabalhadora. Porque não se tornaram patrões, essas trabalhadoras e trabalhadores vivem do seu trabalho: do trabalho associado e autogestionário.

A Carta de Princípios da Economia Solidária foi construída em junho de 2003, na ocasião da III Plenária Nacional da Economia Solidária, contando com a presença de 18 estados brasileiros. Veja um trecho da carta:

"A Economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra, seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida.

1. O valor central da Economia Solidária é o trabalho, o saber e a criatividade humanos e não o capital-dinheiro e sua propriedade sob quaisquer de suas formas.

2. A Economia Solidária representa práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.

3. A Economia Solidária busca a unidade entre produção e reprodução, evitando a contradição fundamental do sistema capitalista, que desenvolve a produtividade, mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios.

4. A Economia Solidária busca outra qualidade de vida e de consumo. E isso requer a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.

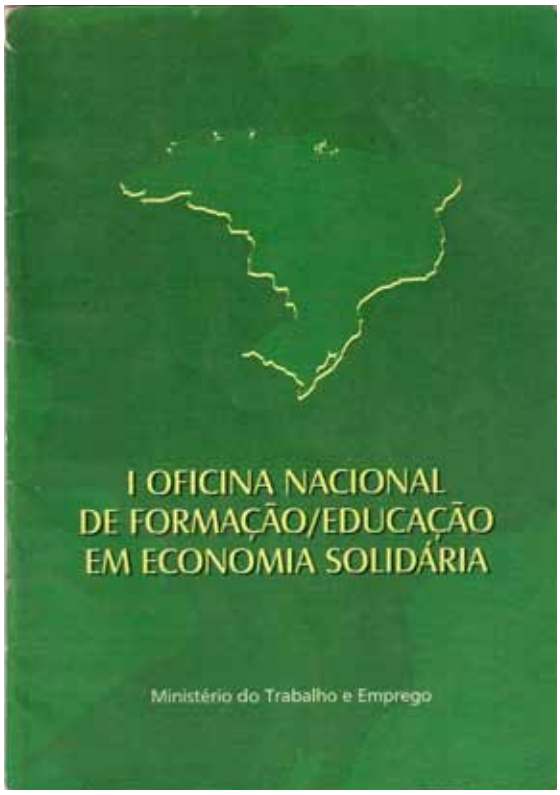
5. Para a Economia Solidária, a eficiência não pode limitar-se aos benefícios materiais de um empreendimento, mas se define também como eficiência social, em função da qualidade de vida e da felicidade de seus membros e, ao mesmo tempo, de todo o ecossistema.

6. A Economia Solidária é um poderoso instrumento de combate à exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades materiais e difundir os valores da solidariedade humana."

Confira a carta completa em:
http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=63&Itemid=60

Seguindo os princípios da Economia Solidária, nosso projeto educativo é um projeto construído e reconstruído coletivamente. Não acreditamos em receitas pedagógicas! Porque sabemos que os seres humanos têm a capacidade de criar e recriar a realidade humano-social. Acreditamos na força dos trabalhadores e trabalhadoras da Economia Solidária que, cotidianamente se atrevem a experimentar, ensaiar, pensar, repensar e refazer processos pedagógicos que se fundamentam na perspectiva da emancipação humana. Isso significa que nosso PPP tem como ponto de partida nossas próprias práticas educativas, bem como o acúmulo teórico-prático que, há mais de uma década, vimos desenvolvendo ao longo de nossa trajetória individual e coletiva no movimento da Economia Solidária.

A I Oficina Nacional de Formação/Educação foi realizada em 2006 em Brasília. Dessa oficina saiu uma publicação que carinhosamente é chamada de "caderninho verde".



Outros espaços importantes em que o Movimento de Economia Solidária discutiu a política de educação para a Economia Solidária foram: II Oficina Nacional de Formação/Educação (2007), IV Plenária Nacional da Economia Solidária (2007), diversas atividades organizadas pelos CFESs de 2009/2012 e Conferência Temática de Educação – formação e assessoria técnica (2010).

Seguindo os princípios da formação em Economia Solidária, ao mesmo tempo que denunciamos a produção destrutiva do capital, anunciamos a possibilidade de uma nova sociedade, cuja racionalidade econômica é a valorização dos seres humanos e dos outros seres que compõem a mãe-natureza que nos cerca e da qual somos parte integrante. Assim, em busca de articular projeto societário e projeto educativo, o processo de produção de nosso PPP partiu de algumas indagações como: *Em que mundo vivemos? Que mundo queremos construir?*

É importante destacar que, embora historicamente as classes econômica e culturalmente dominantes tenham se utilizado dos processos educativos para

assegurar um determinado projeto societário, não é verdade dizer que a educação é responsável pelos males sociais. Nas sociedades do capital, os males sociais têm sido produzidos no interior do modo capitalista de produzir a vida social. Também é mentira dizer que a "salvação nacional" ou a "salvação da lavoura" estaria na educação!!! É para que acreditemos nisso que, incessantemente, os meios de comunicação e (des)informação e outros aparatos do sistema do capital têm se dedicado.

Que educação? Educação para quê? Para que sociedade? Para que trabalho? Educação para garantir a exploração do trabalho? Educação para o empreendedorismo, ou seja, para que todos possam se tornar "pequenos patrões" ? Educação para submissão ou para a emancipação da classe trabalhadora? Historicamente, a quem tem servido a falsa neutralidade dos processos educativos?

Para tentar responder a essas e a outras questões é que apresentamos nosso projeto educativo. Se não for para isso, para que serviria um Projeto Político-Pedagógico? Para que serviria um PPP da Economia Solidária? Na discussão sobre "Que tipo de educação defendemos para a Economia Solidária" organizamos em quatro partes:

Iª: Princípios ético-filosóficos da educação.

IIª: Educação popular e saber popular: o trabalho associado e autogestionário como princípio educativo.

IIIª: Eixos temáticos e conteúdos da educação.

IVª: Sistematização e processo de produção de fazeres e saberes.

Primeira Parte: Princípios ético-filosóficos da educação

Em nosso Projeto Político-Pedagógico, não pretendemos reproduzir tudo aquilo que já foi dito e "bem dito" em outros documentos da Economia Solidária. Como educadoras e educadores, e ao mesmo tempo aprendizes, queremos falar com "nossas próprias palavras" tudo o que, ao longo desses anos, resultou de um intenso processo de viver, sentir e refletir sobre Formação em Economia Solidária. Sem perder de vista a dura realidade que nos impõe o sistema capitalista e sem deixar de denunciar a exploração do trabalho pelos proprietários privados dos meios de produção, queremos que ecoem as vozes das(os) trabalhadoras(es)/educadoras(es) de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

No entanto, se partirmos de nossas próprias práticas político-educativas, não podemos deixar de reconhecer a importância dos diversos documentos que reúnem o fazer e o pensar do conjunto de educadores da Economia Solidária, do qual somos parte integrante. Entre tantos documentos, não podemos deixar de citar o chamado "Caderninho Verde", o qual foi muito importante durante o processo de discussão do nosso PPP. Tendo sido o primeiro documento nacional sobre formação em Economia Solidária, em muito contribuiu para que pudéssemos refletir sobre nossas práticas político-educativas.

Você conhece o famoso 'Caderninho Verde', aquele que resultou da I Oficina Nacional de Educação em Economia Solidária, realizada em Brasília, em 2005? Nele estavam presentes 40 representantes de 22 estados. Veja o que os presentes escreveram a respeito dos Princípios da Educação–Formação em Economia Solidária?

"Os processos educativos/formativos têm como princípio e, ao mesmo tempo como horizonte, os valores e práticas da Economia Solidária – economia esta que existe não apenas como projeto de novas relações econômicas e sociais, mas também como realidade construída e reconstruída, cotidianamente, pelos sujeitos que a constituem. Inspirados na cooperação e autogestão no trabalho e em todas as instâncias de produção da vida, o ponto de partida dos processos educativos/formativos é a ação solidária, compreendida como atividade humana que, contrapondo-se aos princípios da competição e do individualismo, orienta-se na horizontalidade das relações entre os seres humanos, independentemente de suas condições de gênero, etnia, religiosidade ou cor de pele.

A educação/formação em Economia Solidária tem em conta a solidariedade em sua dimensão ontológica (condição humana, constitutiva da vida social), bem como as diferentes concepções e práticas de solidariedade que se manifestam nos diversos espaços/tempos históricos e, inclusive, convivem num mesmo espaço físico/subjetivo.

Sintonizando-se na potencialização de redes de colaboração solidária, as práticas pedagógicas propiciam a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida, favorecendo a construção de redes de proteção social. Além disso, fortalecem a organização dos trabalhadores e trabalhadoras em torno de um projeto econômico-social que privilegia a valorização do trabalho (e não do capital). Para tal, ao mesmo tempo que se substancia na denúncia da exploração do trabalho, na crítica à lógica excludente da economia capitalista e ao sistema opressor que fragmenta o ser humano (dividindo a sociedade entre compradores e vendedores de força de trabalho), os processos educativos inspirados na Economia Solidária anunciam uma nova sociabilidade, uma nova sociedade, uma nova forma de produção da vida.

A educação/formação em Economia Solidária implica a construção de novas relações entre as pessoas e, também, entre elas e a natureza (da qual os seres humanos são parte integrante).

Estimulando processos de trabalho e práticas socioambientais que respeitem e preservem a biodiversidade da flora e fauna, assim como dos demais elementos que compõem o meio ambiente. As práticas educativas buscam o reencontro dos seres humanos consigo mesmo, com o planeta e com o universo.

Como nos demais processos autogestionários de produção da vida, a educação / formação tem como perspectiva o trabalho-criação, no qual homens e mulheres têm o controle sobre todo o processo (produção, administração, beneficiamento, distribuição, troca e consumo ético/crítico/consciente dos frutos do seu trabalho). Em vez da acumulação privada da riqueza, a finalidade da atividade econômica é o próprio ser humano. Nesse sentido, como nos demais processos de trabalho que têm a Economia Solidária como musa inspiradora, os processos educativos fundamentam-se no exercício prático da democracia, contribuindo para que todas as pessoas envolvidas, reconhecidas como sujeitos de conhecimento, possam resgatar os sentidos do trabalho, construindo sua autonomia como atores econômicos, construtores de história e de cultura. Concebidos, também, como processo de trabalho, os processos educativos promovem a construção coletiva de conhecimentos e de novas práticas sociais, pela participação – entendida como princípio emancipador dos trabalhadores e trabalhadoras.

Ao resgatar valores e práticas que nos encaminham para o exercício de uma ética calcada numa solidariedade consciente, as práticas educativas/formativas que se espelham nos princípios da Economia Solidária contribuem para a autoestima do grupo de trabalhadoras e trabalhadores associados, estimulando o desenvolvimento de todas as suas potencialidades como seres humanos. Defendendo o respeito à vida em todas as suas dimensões e incorporando a afetividade e a sensibilidade como elementos de formação humana, os processos educativos favorecem a redescoberta do sentido do fazer, o reencontro do prazer da criação. Nesse horizonte, a música, a dança, o teatro, as artes plásticas e outras manifestações da cultura são considerados elementos constituintes das práticas educativas/formativas. Em especial, o resgate da cultura popular e a

incorporação dos bens simbólicos e experiências concretamente vividas (mas não valorizadas pelo sistema capitalista) tornam-se também um importante desafio.

Respeitando as afinidades já existentes entre as pessoas, respeitando também o tempo de caminhada de cada grupo e de cada um dos trabalhadores e trabalhadoras da Economia Solidária, as ações pedagógicas percorrem caminhos que propiciam a reintegração dos saberes que o capitalismo fragmentou, articulando-os às práticas cotidianas de vida e trabalho, de maneira a favorecer o nexo entre ação/reflexão/ação. Indo além do ativismo e da mera "ação-militante", cabe aos educadores buscar os meios para incorporação de referenciais teórico-metodológicos que ajudem na compreensão e transformação da realidade, estimulando a criação de novos conhecimentos que possam ressignificar valores e práticas sociais.

Princípio emancipador – ... "o trabalho de formação da educação popular também deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo, a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta. Tal intervenção se dá num fazer cotidiano e também histórico, atravessado de desafios, utopias, sonhos resistências e possibilidades."
MOREIRA, STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p.146.

Como forma de fortalecer as redes de colaboração solidária, ganham destaque especial os intercâmbios das práticas de Economia Solidária, inclusive experiências de educação/formação.

Outro desafio da educação é criar um espírito investigativo coletivo, capaz de envolver todos os atores dos processos de formação, tanto para desvelamento do mundo como para busca de caminhos que favoreçam transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Por não existir neutralidade nas relações econômicas e sociais e tampouco nas práticas educativas, a educação deve ser concebida como um ato político a favor da emancipação humana, constituindo-se em um espaço de lutas, contradições e disputas. Por meio da ação dialógica problematizadora que garanta horizontalidade das relações socioeducativas, a autoridade do educador é validada na própria prática pedagógica libertadora. Para tal, é necessário o respeito à alteridade, ideológicas, sexuais, etc.), ou seja, respeito ao outro em todas as suas diferenças (religiosas, étnicas, de gênero, ideológicas, sexuais, etc.).

O conjunto de ações político-pedagógicas pressupõe conteúdos e metodologias de trabalho cujos horizontes vêm ao encontro dos princípios da Economia Solidária. Considerados como momentos educativos, inclusive para os próprios educadores, a avaliação e sistematização das experiências concretas dos trabalhadores e trabalhadoras acontecem de forma permanente, permitindo a (re)construção das práticas sociais e dos sentidos do trabalho. Em outras palavras, o próprio trabalho é concebido como instância e como princípio educativo, cujo horizonte é a criação coletiva de uma nova cultura do trabalho, de novas relações econômico-sociais."

Metodologia: Conjunto de princípios econômicos, filosóficos, sociológicos, psicológicos, políticos e culturais que orientam nossa ação educativa e investigativa. Também diz respeito ao estudo dos métodos (exemplo: A metodologia de Paulo Freire pauta-se nos fundamentos de uma educação libertadora)

Educação Libertadora – "Representa o conjunto de conhecimentos compartilhado entre dois sujeitos pensantes, na busca de significados comuns.(...)Não omite fatos, não 'passa a mão na cabeça', não 'carrega no colo'. Pelo contrário, conscientiza, instrumentaliza, respeita.(...) Educação envolve a formação do educando em um ser crítico, que, pensante, agente e interveniente no mundo, sente-se capaz de transformá-lo." VASCONCELOS e BRITO, 2006, p. 88.

Método: é a forma de se colocar em prática determinada metodologia. Diz respeito aos caminhos que elegemos para alcançar um determinado objetivo. (exemplo: O método de alfabetização de Paulo Freire).

Técnicas e dinâmicas: são os instrumentos didáticos que integram o método (exemplo: para favorecer o diálogo, o método de alfabetização de Paulo Freire requer técnicas de dinâmica de grupo; requer também que as pessoas se sentem em círculo.

Recursos didáticos: é um conjunto de materiais (pincel atômico, livros, textos, papéis, tarjetas, quadro-de-giz, PowerPoint, etc...) necessários para o desenvolvimento das atividades formativas.

Comprometido com a emancipação das classes trabalhadoras, nosso projeto educativo é construído coletivamente, no ir e vir na teoria e na prática cotidiana dos diferentes atores da Economia Solidária. Ele caminha de mãos dadas com nosso projeto societário, o qual está calcado no exercício de estilos de solidariedade humana que nos encaminhem para uma sociedade sem explorados e exploradores. Isso porque, entendemos que a natureza (e como parte dela, os seres humanos) não pode se constituir como "presa fácil" dos proprietários privados dos meios de produção da vida social. Nesse sentido, as experiências de trabalho associado e autogestionário não poderiam deixar de ser um princípio educativo. Afinal, a realidade humano-social só pode ser construída coletivamente.

Queremos uma educação que tenha como horizonte a liberdade e a autonomia.

Autonomia – *"O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético, e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.(...) ."*
[A autonomia...] enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade."
(FREIRE, 1996,p. 121).

Seguindo os princípios indicados nas I e II Oficinas Nacionais de Formação/Educação em Economia Solidária (2006 e 2007, respectivamente) e Conferência Temática de Educação em Economia Solidária: Formação e Assessoria Técnica (2010), **que defende o respeito à vida em todas as dimensões, incorporando a afetividade e a sensibilidade** como elementos da formação humana. Valorizamos os saberes populares porque ele nos falam das experiências populares de produzir a vida social. Valorizamos os saberes populares só porque (e não é pouco!!!) acreditamos que política e, epistemologicamente, **os saberes populares são fundamentais na construção e (re)construção de práticas/conhecimentos/práticas pautados na construção de novas relações sociais.**

"Entendendo a formação voltada para a autonomia e para o objetivo de tornar os trabalhadores sujeitos de sua existência individual, coletiva e social, e não objetos de outra pessoa ou de outra classe, nós temos então que propor primeiramente que seja uma formação de sujeitos." – Arruda

Epistemologia: *"A epistemologia, também chamada teoria do conhecimento, é o ramo da filosofia interessado na investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento. Entre as questões principais que ela tenta responder estão as seguintes: O que é o conhecimento? Como nós o alcançamos? "*
Veja mais em http://www.cfh.ufsc.br/ffwfil/grayling.htm

No sistema capitalista, os proprietários privados do meios de produção se utilizam do saber popular para que seu empreendimento (de verbo "empreender") se torne mais produtivo para o capital. Nas organizações da Economia Solidária e em outras experiências históricas de produção associada, os trabalhadores têm como desafio que a cultura do trabalho assalariado e/ou a cultura do "empreendedorismo" (que é/são o fundamento da cultura do capital) vá, aos poucos, se retirando do chão de fábrica e do entorno dos demais processos de produção da vida social presentes na comunidade local). Por isso, **o trabalho associado e autogestionário é um dos princípios educativos** – todos eles atravessados e constituídos por relação de gênero, raça/etnia e geração.

As trabalhadoras e os trabalhadores da Economia Solidária: diversidade e identidade

Como fazer, como pensar um Projeto Político-Pedagógico sem considerar o mundo em que vivemos e como vivem as pessoas neste mundo? Quem são as pessoas? Mas existem muitas maneiras de olhar para elas. Um olhar de indiferença, um olhar de aconchego, um olhar preconceituoso, um olhar depreciativo e tantos outros olhares... Muitos estudos e muitas pesquisas têm constatado aquilo que a própria vida revela. Paulo Freire não se cansava de dizer que "educação é um ato político". Não existe neutralidade em matéria de educação, por isso falamos de projeto político-educativo ou Projeto Político-Pedagógico. A educação é sempre educação política. As questões técnicas são sempre questões técnico-políticas. A política está em todo lugar, inclusive na maneira como percebemos, sentimos e vivemos o mundo.

Se é verdade dizer que todo e qualquer projeto educativo caminha de mãos dadas com um determinado projeto societário, precisamos elencar algumas questões que denunciam as relações sociais capitalistas e ao mundo tempo anunciam o projeto político-educativo que queremos construir... que queremos continuar a construir. Assim, que tal nos indagar quem somos? Que tal nos perguntar quem são as trabalhadoras e trabalhadores da Economia Solidária?

a) Raça e etnia: as cores da Economia Solidária

Raça: Em que pese o sentido biológico que aponta para raça humana, o conceito de raça utilizado no Movimento Negro trata da dimensão política, retratando a realidade do negro brasileiro.

Etnia: Um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, pelo menos em forma latente, de terem origens, experiências e interesses comuns" **(CASHMORE, 2000, p. 196)**

Racismo: É a convicção de que existe uma relação entre as características físicas hereditárias, como a cor da pele, e determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais. **Fonte: dialogoscontraoracismo.org.br**

A origem da desigualdade racial brasileira pode ser compreendida por meio de nossa própria história. Haja vista que na história da escravidão em nosso país o Brasil foi o maior participante no comércio de escravos. A escravidão durou quase quatrocentos anos, sendo o último país a praticar a abolição, em 1888. Em que medida podemos dizer que a "abolição" não alterou de forma radical a vida dos ex-escravos? Sabemos que, mesmo "livres", eles continuaram cerceados de participar da vida social e política. Além de tudo, os brancos queriam convencer as negras e os negros que era uma grande vantagem tornar-se um "trabalhador livre" ("livre" para vender sua força de trabalho ou para morrer de fome). Por isso, ao longo do tempo, os quilombos, enquanto espaços de resistência, foram crescendo e se multiplicando. Queriam ficar bem longe dos "brancos" (não porque os descendentes dos europeus fossem brancos, mas porque independentemente da "cor da pele", aqueles homens vindo do além-mar tinham um poder sobrenatural, ou seja, tinham o poder terreno sobre negras e negros). Esse poder era assegurado pela propriedade privada da terra, pela herança, pela poupança, etc. Além disso, o poder dos brancos sobre os negros era, entre outras coisas, assegurada por uma questão econômico-cultural que repercutiu na pretensa "superioridade do homem branco".

As consequências foram extremamente perversas à medida que a escravidão dos negros e a servidão dos indígenas estão introjetadas na sociedade brasileira, sendo esses grupos os mais empobrecidos. As desigualdades são ainda maiores quando se trata das mulheres negras, pois são as mais atingidas pelo desemprego, exercem trabalhos precários e recebem os menores salários (mesmo tendo mais anos de escolarização do que os homens negros). A escala da desigualdade é assim representada: homem branco, homem negro, mulher branca e mulher negra.

Devido a essa realidade, devemos ter um olhar mais cuidadoso no que se refere às condições de existência da população negra brasileira. De acordo com o processo de constituição da nação brasileira, devemos manter o olhar atento à História, uma vez que nosso processo de constituição exclui a participação dos povos "vencidos" nesse processo. Não devemos nos limitar a ter como referência positiva personalidades de vulto que normalmente representam o típico modelo branco dominante.

A valorização de personagens históricos negros é realizar discriminação positiva de um grupo étnico-racial que pela história oficial, não é reconhecido enquanto colaborador no processo de constituição da sociedade brasileira, a não ser quando há alguma referência à escravidão. A medida que alteramos essa ótica, damos um passo importante enquanto povo.

Quando falamos em Brasil ou América Latina, estamos falando necessariamente em África. Mas esse pensamento não é imediato, pois fomos colonizados. Precisamos nos perguntar o que África significa para a história do mundo. No Brasil, mais de 50% das pessoas têm origem nessa cultura.

Quando os europeus chegaram à África buscaram "anular" a contribuição da cultura negra para o mundo. Para contrariar essa visão, é importante ver que a presença do negro no Brasil trouxe também conhecimento. Por exemplo, de Gana veio o conhecimento de exploração do ouro em Minas Gerais. Os bantus, originalmente agricultores, dedicaram-se à metalurgia/ferro e trouxeram esses conhecimentos ao Brasil. Não podemos esquecer a religiosidade, tão presente em nossa sociedade por meio das religiões de matriz africana, aspecto de resistência da cultura e manutenção de suas crenças.

Essas são referências históricas, sociológicas e antropológicas fundamentais para pensar a formação das trabalhadoras e trabalhadores da Economia Solidária. São questões para pensar em nossa formação humana, em especial em nossa formação como educadoras e educadores da Economia Solidária. Como dizem Marx e Engels, "até o educador precisa ser educado" (e também a educadora, claro!!!)

Você conhece a SEPPIR? É Secretaria de Política e Promoção da Igualdade Racial, criada pelo governo federal em 2003
Saiba mais em:
www.dialogoscontraoracismo.org.br
www.seppir.gov.br
www.afropress.com
www.casadasafricas.org.br
www.irohin.org.br
www.criola.org.br
www.geledes.org.br

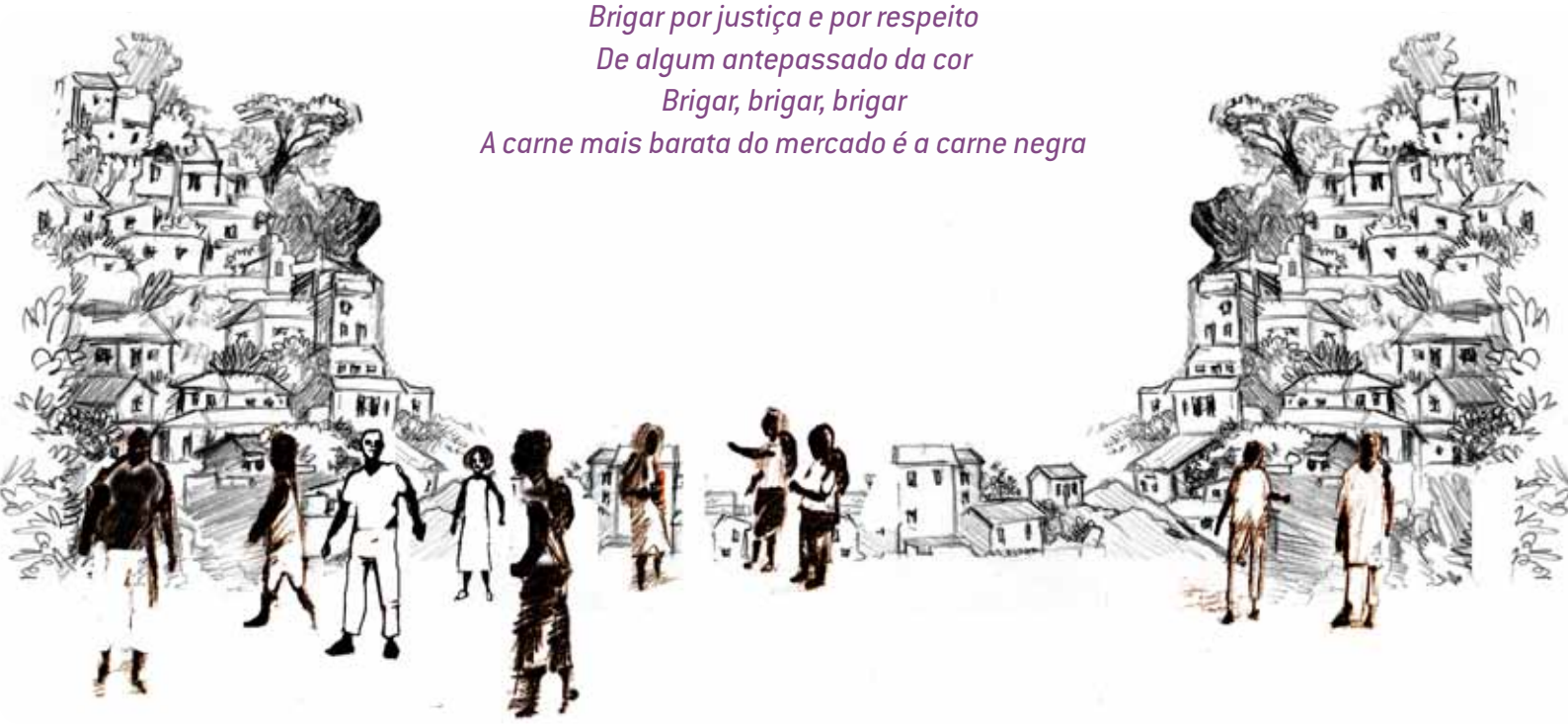
SUGESTÃO DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS

Entre a luz e a sombra – Brasil – 2009
Crash – EUA – 2004
Vista a minha pele – Brasil – 2004
Garotas do ABC – Brasil – 2003
A negação do Brasil – Brasil – 2000
A outra história americana – EUA – 1998
A exceção e a regra – Brasil – 1997
Amistad – EUA – 1997
Retrato em preto e branco – Brasil – 1993

A Carne

(Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti)

A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo de plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra (5x)
Que fez e faz história
Segurando este país no braço
O cabra aqui não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador é lento
Mas muito bem intencionado
E este país
Vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim
Ainda guardo o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar
A carne mais barata do mercado é a carne negra



b) Gênero: homens e mulheres como fonte da vida

O QUE É GÊNERO:
Dizem que o gênero está entre suas orelhas e o sexo entre suas pernas. Mas o gênero não está apenas na sua cabeça. Ele é interativo. Ele existe dentro e fora de você, ao seu redor, no mundo. O gênero pode ser sentido por todo o seu corpo. Na verdade, provavelmente se estende além dos limites do seu corpo, em seu guarda-roupa e a bagunça da sua sala. Você deixa pedaços de seu gênero em toda parte quando você se move no mundo.
Asher adaptado de:
http://tranarchism.com/2011/10/10/they-say-gender-is-between-your-ears-and-sex-is-between-your-legs/#comments]

A equidade de gênero ainda é um desafio na Economia Solidária. Por vezes, vemos a reprodução das mesmas relações de opressão que encontramos no mercado de trabalho, ou melhor, no mercado capitalista de trabalho. Como vem ocorrendo em diversos espaços/tempos históricos, é possível perceber que há uma divisão sexual do trabalho também na Economia Solidária. Por que será que as mulheres aparecem mais em setores como o artesanato, a costura e a alimentação, e os homens, na construção civil, na reciclagem de resíduos e no ramo metalúrgico? É impressionante o fato de que ainda há muita centralização das decisões nas mãos de homens. Ora, se a mulher está mais presente na produção, por que isso acontece?

Nas Feiras de Economia Solidária, por exemplo, as mulheres são maioria. Nos cargos administrativos, os homens ainda são a maioria. Por que isso acontece? Se é tão difícil responder às perguntas que a vida nos faz, pelo menos temos de ter a humildade para dizer "não sei". Para Paulo Freire, é muito importante que a educadora e o educador consigam admitir que "não sabem". Qual o problema de não saber? Assim como nas Redes de Troca da Economia Solidária, o que um não sabe o outro ensina.

Como educadoras e educadores, mais que "ensinar", nosso papel é instigar processos de ação/reflexão/ação sobre as relações de gênero. Já avançamos no que nos foi possível, mas muito temos que avançar na construção coletiva de práticas educativas que estimulem a equidade de gênero, que favoreçam a discussão entre os significados de ser homem e mulher, ser gay, lésbica, bissexual, travesti e transexual.

Ainda hoje, antes mesmo do capitalismo existir, vivemos um sistema de patriarcado, ou seja, reproduzimos relações econômicas e culturais em que há a dominação dos homens sobre as mulheres. Como as mulheres podem resistir? Em termos macroeconômicos, hoje, as mulheres produzem dois terços da riqueza mundial, mas acessam menos de 1% do que produzem. Isso faz com que as mulheres representem 70% da pobreza no mundo. É importante que, como militantes da Economia Solidária, como formadores e educadores populares, tenhamos essa dimensão do papel econômico das mulheres e o seu lugar no processo de produzir a vida associativamente.

Entendemos que a Economia Solidária não será a "redentora da humanidade", mas estamos certos de que o exercício da autogestão do trabalho e da vida social pode contribuir para a não hierarquização sexual do trabalho entre homens e mulheres. Práticas de trabalho associado e autogestionário podem favorecer o empoderamento de mulheres e homens rumo a uma sociedade em que qualquer performance de gênero seja acolhida, e não discriminada.

FILME – **Mulheres e o mundo do trabalho.** Direção: PACS, documentário, 26 minutos
Documentário interessante sobre a divisão sexual do trabalho.
Disponível em http://www.pacs.org.br/publicacoes_audiovisuais.php
Mais informações e bibiografia em O Grupo de Estudos e Pesquisas de Economia Solidária e Gênero
http://www.itcp.unicamp.br/drupal/?q=node/214

c) Classe

"A classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente no seu próprio fazer."

(THOMPSON, 1987, pg.9)

O QUE É CLASSE SOCIAL?

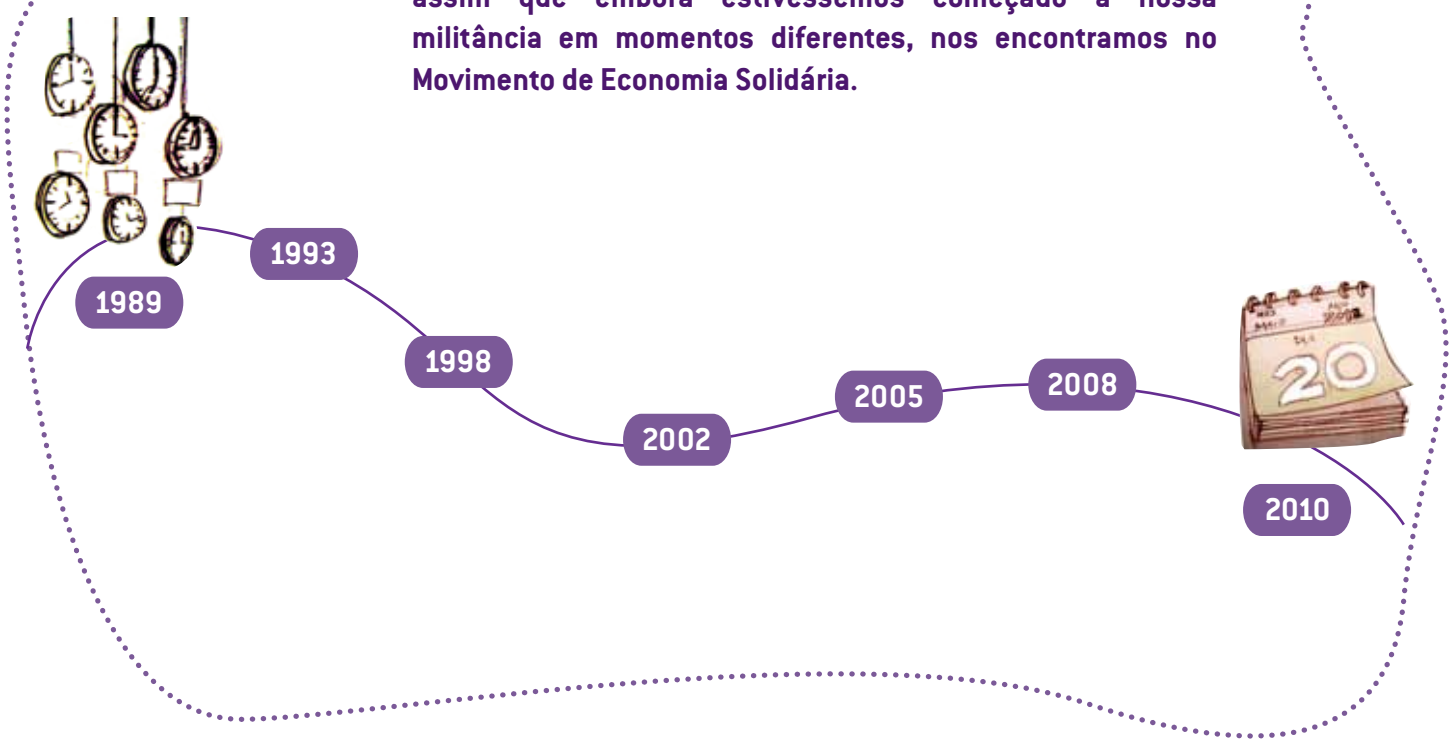
(...) é uma formação social e cultural (frequentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relação com outras classes; e, em última análise, a definição só pode ser feita através do tempo, isto é, ação e reação, mudança e conflito. Quando falamos de uma classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores, que tem disposição para se comportar como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é coisa, é um acontecimento. (THOMPSON, 2001, p. 169)

Quadro **Os Operários,** Tarsila do Amaral, 1993

Linha do tempo

O objetivo dessa dinâmica é mostrar como as trajetórias individuais de militância dos participantes que compõem o grupo podem ter uma dimensão comum. Colocá-las em uma mesma linha do tempo dá uma noção de identidade.

Inicia-se o dia com uma dinâmica e a pergunta: "Em que data e em qual atividade social cada pessoa iniciou suas primeiras atividades políticas?". Foram distribuídas tarjetas para todos e cada um escreveu e se apresentou para o grupo. No chão, fez-se uma linha do tempo e cada participante colocou sua tarjeta com o ano e a atividade que desenvolveu. Depois, cada participante comentou sobre o que escreveu. Descobrimos assim que embora estivéssemos começado a nossa militância em momentos diferentes, nos encontramos no Movimento de Economia Solidária.



Classe social e Economia Solidária

A OMS diz que 29% dos trabalhadores apresentam algum distúrbio emocional e podem superar os vitimados pelo câncer. O emprego está em crise e o trabalho estável é cada vez mais raro. O que os trabalhadores fazem quando a fábrica não comporta todos? Como construir uma identidade dos trabalhadores para além das fábricas? A Economia Solidária poderia ajudar na construção dessa identidade? Fomos perdendo uma certa identidade de classe, mas, sem essa identidade, como podemos enxergar os conflitos sociais?

Parece que está fora de moda falar em classe social. Porém, ao nos deparar com o mundo do trabalho e sentir suas contradições, percebemos que há algo de errado neste mundo. Percebemos que somos todos trabalhadoras e trabalhadores, que há uma identidade que nos une. Aos poucos, descobrimos que o fortalecimento das lutas coletivas é fundamental.

O desejo de mudança, quando passa por vários indivíduos, é um disparador do processo de ir contra aquilo que antes era tido como natural. É um contexto de colocar a insatisfação para fora e conseguir agrupar pessoas que estão incomodadas da mesma maneira. Assim o processo de mudança é facilitado pela organização coletiva.

O trabalho cria um recorte de identidade comum e que pode se transformar numa consciência de classe. Essa consciência não vem naturalmente, deve ser construída. Falar em classe social e consciência de classe parece fora de moda, mas achamos fundamental para a compreensão dos desafios das lutas das trabalhadoras e dos trabalhadores da Economia Solidária. É uma difícil discussão, mas que deve ser enfrentada. Se classe é um processo histórico, isso faz parte da nossa formação. Reivindicamos a luta de classes porque ela existe. E por isso precisamos pensar em como funciona o sistema capitalista e quais as estratégias e artimanhas do capital.

Mas o que é a classe social? A classe social é um fazer-se. Ela acontece quando mulheres e homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A classe é uma formação tanto econômica como cultural. "A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais:

encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais" (THOMPSON, 1987, pg. 10). Por isso, é fundamentalmente uma experiência coletiva que, depois de vivida e percebida, pode se transformar em uma "experiência" que contribua para transformar as relações opressoras a que estamos submetidos(as) no sistema capital.

Os sujeitos da Economia Solidária acabam não se percebendo como trabalhadoras e trabalhadores. É fundamental, nos trabalhos de formação, sempre resgatar que pertencemos a uma classe trabalhadora e que o projeto educativo da Economia Solidária vem acompanhado de um projeto societário. Possivelmente, existem muitos projetos societários no interior da Economia Solidária. No entanto, todos eles parecem se encaminhar para o mesmo horizonte, para uns não tão distantes.

É fundamental olhar para a forma como produzimos nossas vidas, ou seja, como vamos nos formando e nos fazendo trabalhadoras e trabalhadores. O mundo material é fonte de produção de subjetividade. É na concretude da produção de nossas vidas que construímos nossa subjetividade, que é manifestada de diversas maneiras (dança, poesia, música, artes plásticas... manifestações culturais diversas). Precisamos olhar para essas novas experiências de produção da vida, frutos da Economia Solidária. Essas experiências coletivas estão dando o tom da nossa luta pela construção de outra sociedade. Nesse processo é importante entendermos que é preciso partilhar essas novas experiências e talvez esteja aí um dos papéis dos educadores populares envolvidos na Economia Solidária. Nossa identidade de trabalhadoras e trabalhadores da Economia Solidária, como nossa identidade de classe se constrói a partir de nossas próprias experiências de produzir a vida associativamente, em solidariedade aos demais trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade (sejam eles assalariados fixos ou temporários, sejam elas trabalhadoras "por conta própria").

"Com a barriga vazia não consigo dormir. E, com o bucho mais cheio, comecei a pensar que eu me organizando posso desorganizar."

Da Lama ao Caos, Chico Science, Nação Zumbi

História da música "A Internacional"

A letra da canção foi escrita em 1871 por Eugène Pottier (1816-1887), membro da Comuna de Paris. Em 1888, Pierre De Geyter (1848–1932) transformou o poema em música. A Internacional foi traduzida em inúmeros idiomas e é tradicionalmente cantada com o punho fechado ao ar. Apesar de estar associada aos movimentos socialistas, A Internacional também serve de hino para comunistas, social-democratas e anarquistas .

Texto adaptação de http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Internacional

1. Que semelhanças e diferenças existem entre o "gênero masculino" e o "gênero feminino"?
2. Que semelhanças e diferenças existem no interior de um mesmo gênero, seja ele masculino ou feminino?
3. O que significa ser negro num país como o Brasil?
4. Como é ser mulher, negra e pobre?
5. Tendo em conta que existem diferentes formas de estar e sentir o mundo, como os(as) trabalhadores(as)da Economia Solidária se situam nesse mundo?
6. Qual a diferença entre ser trabalhador(a) assalariado(a)e ser trabalhador(a) da Economia Solidária?
7. Quais os significados de viver e estar no mundo da Economia Solidária?
8. Quais as características de um trabalhador da Economia Solidária?
9. Quais as características do trabalho na Economia Solidária?
10. A que classe social pertencem os(as) trabalhadores(as) da Economia Solidária?
11. Como essa parcela da classe trabalhadora se diferencia das demais parcelas de sua classe?
12. Enquanto classe trabalhadora, o que os(as) trabalhadores(as) da Economia Solidária têm em comum?
13. Enquanto classe trabalhadora, o que os(as) trabalhadores(as) da Economia Solidária têm de diferente?
14. Como eles se identificam?

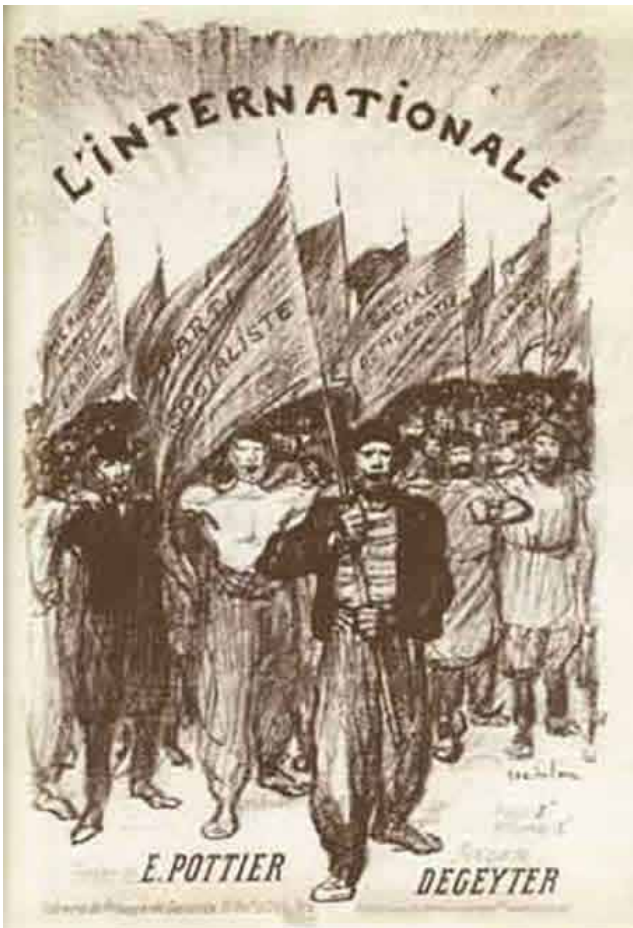
Essa dinâmica foi usada no Curso Regional em Caldas(MG) – setembro/2011

A Internacional

(Eugène Pottier)

De pé, ó vítimas da fome
De pé, famélicos da terra
Da ideia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra
Cortai o mal bem pelo fundo
De pé, de pé, não mais senhores
Se nada somos em tal mundo
Sejamos tudo, ó produtores
Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional
Senhores, patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre e comum
Para não ter protestos vãos
Para sair desse antro estreito
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que a nós nos diz respeito
Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional
O crime de rico, a lei o cobre

O Estado esmaga o oprimido
Não há direitos para o pobre
Ao rico tudo é permitido
À opressão não mais sujeitos
Somos iguais todos os seres
Não mais deveres sem direitos
Não mais direitos sem deveres
Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional
Abomináveis na grandeza
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu
Querendo que ela o restitua
O povo só quer o que é seu
Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional
Nós fomos de fumo embriagados
Paz entre nós, guerra aos senhores
Façamos greve de soldados
Somos irmãos, trabalhadores
Se a raça vil, cheia de galas
Nos quer à força canibais
Logo verás que as nossas balas
São para os nossos generais
Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional
Pois somos do povo os ativos
Trabalhador forte e fecundo
Pertence a terra aos produtivos
Ó parasitas, deixai o mundo
Ó parasitas que te nutres
Do nosso sangue a gotejar
Se nos faltarem os abutres
Não deixa o sol de fulgurar
Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional



INDICAÇÕES:
Ciladas da Diferença, Antonio Flavio Pierucci, Editora 34, 2008.
A Formação da Classe Operária Inglesa, E. P. Thompson, Editora Paz e Terra, 1987.
Identidade e Luta de Classes, Ademar Bogo, Expressão Popular.
Filme: Vida Maria, Filme de Márcio Ramos.
Quadro: Os operários, Tarsila do Amaral.

Segunda Parte: Educação popular e saber popular: o trabalho associado e autogestionário como princípio educativo

Os seres humanos são parte integrante da natureza. Além de contemplar sua beleza, os seres humanos se relacionam com a natureza por meio do trabalho, para transformá-la em algo útil para garantir a sobrevivência humana. Diferentemente de outros animais, para o ser humano não é possível garantir vida sem trabalho. Mas que trabalho? No caso da Economia Solidária, não se trata de trabalho assalariado, de trabalho escravo ou servil. Trata-se de trabalho associado e autogestionário.

Sem qualquer formação social, ao transformar a natureza, os seres humanos entram em contato com outros seres humanos. Organizam-se em grupos e, dependendo das circunstâncias históricas, organizam-se em classes sociais. Para entender as maneiras como as pessoas se relacionam no processo de produzir a vida social, é que existe o estudo da sociologia, da psicologia, da filosofia, da história... Para transformar a natureza, também é preciso apreender as leis da natureza. Para isso serve a física, a biologia, a química, etc. Mesmo sem saber o nome científico das coisas, aprendemos na vida prática, na luta cotidiana pela sobrevivência. Será que podemos dizer que a escola não faz nenhuma conta?

Em uma sociedade de classes como a nossa, nem todo mundo vai para a escola. Algumas pesquisas já constataram, por exemplo, que uma grande parcela dos trabalhadores e trabalhadoras da Economia Solidária tem apenas o ensino fundamental. Mas isso não significa que, no dia a dia, não possamos aprender a nos relacionar com nossos pares e criar nossas próprias regras de convivência. Ora, é isso que temos feito, não é?

O conhecimento se produz no cotidiano do trabalho. Por isso, Paulo Freire dizia que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. O saber vai se construindo no processo de produção da vida. Em outras palavras, o conhecimento não é produzido somente na escola. A escola é apenas o lugar para as pessoas terem acesso ao conhecimento que foi produzido ao longo da história da humanidade. É um lugar para a gente sistematizar o conhecimento que construímos no dia a dia, na relação

com o outro. O outro é fundamental no processo de conhecimento do mundo. Por isso, Paulo Freire dizia: "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão".

Se não usufruímos plenamente do direito à educação, se não tivemos uma escola de qualidade para a classe trabalhadora ou se a necessidade de sobrevivência fez com que tivéssemos que abandonar a escola, como seguiremos aprendendo mais e mais coisas sobre as relações sociais que estabelecemos e queremos estabelecer com os nossos pares da Economia Solidária? Como podemos tornar o empreendimento viável do ponto de vista econômico e solidário? O que precisamos aprender para que, na prática, a Economia Solidária se torne ainda mais solidária e se espalhe pelo mundo afora? De fato, temos muita coisa para ensinar. Mas também temos muito o que aprender.

Se prática e teoria caminham sempre juntas, nosso Projeto Político-Pedagógico se fundamenta no processo contínuo do "fazer/pensar/refazer/voltar a pensar" e ao mesmo tempo o processo insistente de "aprender/ensinar/voltar a aprender/voltar a ensinar". Tudo isso acontece de várias maneiras: no cotidiano dos empreendimentos e nos cursos da Economia Solidária. E por que incluir os cursos de Educação de Jovens e Adultos – EJA, com conteúdos articulados à Economia Solidária? E por que não nos beneficiar de tudo aquilo que as universidades públicas podem nos proporcionar? Afinal, queremos ou não garantir o direito à educação pública de qualidade para a classe trabalhadora? Nunca é demais lembrar que as trabalhadoras e trabalhadores da Economia Solidária são parte integrante da classe trabalhadora!!!

O ato de conhecer

A palavra conhecer vem do latim cunecerer, que significa "ser com". Habilidade de estar, manusear, trabalhar, conviver com algo. Tem como conteúdo a relação entre mim e com o que estou me relacionando; tenho a capacidade de conviver com ela e de conhecê-la; como eu sei como ela é, sei como tratá-la. Assim, quando digo conhecimento, tenho de dizer obrigatoriamente habilidade, capacidade; não tem na origem nada de intelectual, ou etéreo; essa qualificação é cultural. O ato de conhecer tem como base a separação, desestruturação, desmontar para a análise. A análise é um instrumento fundamental ao ato de conhecer.

Cada um de nós traz consigo experiências de trabalho e de vida. Somos portadores de diferentes conhecimentos. Mas, porque viemos ao mundo em um momento histórico marcado pelas práticas e valores da sociedade capitalista, trazemos arraigado o individualismo, o consumismo, o sentimento de querer ser mais que o outro... Para Paulo Freire, em vez do desejo de ter, nosso desafio deve ser o de "ser mais", de melhorar, de compartilhar, de superar a opressão a que fomos submetidos como trabalhadores(as) e como pessoas. Esse é um dos desafios de nosso Projeto Político-Pedagógico.

Com certeza, todo trabalho é fonte de conhecimento e de valores. Mas o que nos difere da economia capitalista é que na Economia Solidária não se trata de exploração da força de trabalho, não se trata de trabalho alienado. Embora os trabalhadores e trabalhadoras da Economia Solidária pertençam à classe trabalhadora, o que distingue o nosso trabalho é o fato de ele ser emancipador, no sentido de contribuir para a libertação dos seres humanos, o que pressupõe a libertação dos trabalhadores da opressão das classes que são econômica e politicamente dominantes.

A partilha das responsabilidades numa atividade formativa é muito importante como um exercício embrionário da autogestão. Assim numa atividade é importante criar comissões de trabalho para gestão partilhada dos processos, tais como: Comissão de Cultura e Lazer, Comissão de Infraestrutura, Comissão de Feira de Troca, comissão responsável em organizar o método para avaliação...

Viva a autogestão do trabalho e da vida social: que tal partilhar a gestão do curso?

Uma ideia para transformar a formação ou curso em uma atividade autogestionária, ou pelo menos de gestão partilhada, é fazer uma divisão do grupo de participantes em subgrupos de trabalho, por exemplo: avaliação, infraestrutura, registro, animação e coordenação. Converse com os participantes mostrando o quanto é interessante ter todos envolvidos na organização do curso. Dessa forma, o curso funciona como um quebra-cabeça. Se todas as peças não estiverem juntas, não completam o desenho.

Os participantes podem se dividir de modo que cada um fique naquele tipo de atividade que mais se sente a vontade. Cria-se então um espaço de experimentação da condução do próprio curso. Contradições e divergências ocorrem e o grupo deve acolher isso como um aprendizado da autogestão, encontrando espaço de expressão, enfrentamento e negociação.

Reserve um momento de cada dia do curso para que os subgrupos se encontrem e discutam seus temas e atividades. Compartilhar com o restante dos participantes depois é fundamental. Como sugestão apresentamos os seguintes subgrupos:

Infraestrutura: a base que possibilita que o trabalho aconteça.

Animação: funciona como um restaurador da alegria.

Coordenação: ordenar o trabalho junto, quem tem um foco geral no curso.

Registro: o seu papel é guardar para o futuro, para o acesso de quem não pôde estar aqui, é escrever a história para que nada se perca.

Avaliação: propor modos de avaliar para aperfeiçoar a prática.

O que nos diz a Conferência Temática de Educação em Economia Solidária: Formação e Assessoria Técnica (2010) sobre as diretrizes político-metodológicas da educação em Economia?

Vejam alguns trechos da Conferência Temática:

a) Utilizar como referência metodológica os princípios e valores da Economia Solidária, bem como os fundamentos, práticas e metodologias da Educação Popular, estabelecendo como pressuposto o respeito e a valorização dos saberes locais, a formação contextualizada no tempo e no espaço e a socialização de conhecimentos e saberes.

b) Desenvolvimento participativo de processos e metodologias adequadas de reconhecimento, validação e certificação de saberes dos trabalhadores e trabalhadoras.

c) Reconhecimento das experiências e dos saberes dos trabalhadores e trabalhadoras envolvidos nos atos formativos autogestionários.

d) Valorização dos acúmulos, diversidade e pluralidade de iniciativas de formação e assessoria técnica em ES.

e) Afirmação da gestão participativa dos trabalhadores e trabalhadoras envolvidos nas experiências cotidianas dessa outra economia na construção e no desenvolvimento das atividades formativas.

f) Resgate e valorização dos acúmulos da "Pedagogia da Alternância", que combina momentos formativos presenciais com momentos de vivência e prática, favorecendo que os aprendizados sejam constantemente experimentados, ampliados e aprimorados, articulando igualmente formação/educação dos(as) trabalhadores(as) com assessoria técnica.

g) Articulação com as ações e políticas de fomento e apoio à Economia Solidária, tais como: incubação, assessoria técnica, promoção do desenvolvimento local, desenvolvimento de estudos, pesquisas e tecnologias aplicadas à Economia Solidária, crédito e finanças solidárias, etc.

h) Desenvolvem tecnologias adequadas para a autogestão dos empreendimentos econômicos solidários.

i) Pressupõem a formação continuada e permanente dos diversos formadores na construção de estratégias organizativas e no uso de tecnologias sociais do Movimento de Economia Solidária, considerando igualmente todos os aspectos relacionados ao processo produtivo dos empreendimentos econômicos solidários.

j) Devem envolver a diversidade das iniciativas e manifestações da Economia Solidária, incluindo o planejamento, produção de bens e serviços, distribuição, comercialização, finanças e consumo solidários, redes e cadeias de cooperação.

k) Devem prever e incorporar como parte integrante da estratégia metodológica a realização de processos estruturados de avaliação e sistematização das práticas e experiências desenvolvidas no campo da educação em Economia Solidária, tendo em vista a produção e a socialização dos conhecimentos e/ou tecnologias sociais que resultem das ações efetivadas com e pelos Empreendimentos Econômicos Solidários.

l) Considerar as perspectivas de desenvolvimento desde o local como estratégia de reorganização social, econômica, política, cultural e ambiental.

m) Promoção da saúde, segurança, qualidade de vida dos(as) trabalhadores(as), suas famílias e comunidades.

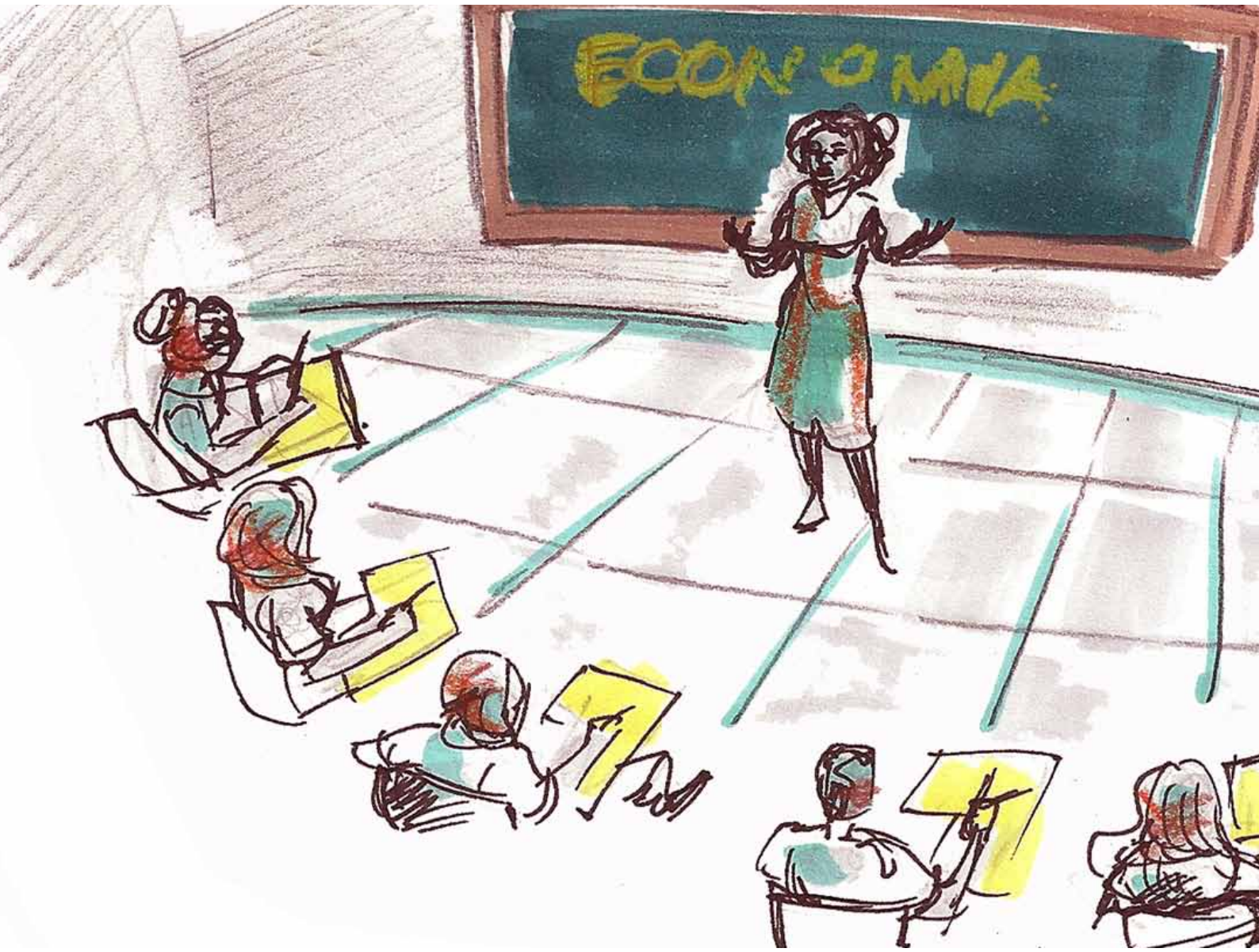
n) Considerar na construção do conhecimento a importância da relação respeitosa com outros seres vivos como parte de uma dimensão ecológica.

o) Ter a pesquisa participativa como referência de estratégias de ação e construção do conhecimento.

p) Devem considerar a diversidade política, econômica e cultural do movimento da Economia Solidária, dialogando com as perspectivas dos diferentes movimentos sociais populares.

q) Devem contribuir para constituição e fortalecimento da rede nacional de formadores em Economia Solidária, podendo articular com outros formadores envolvidos com a temática da Economia Solidária.

r) Devem contemplar ações educativas que se destinam a consolidar a estruturação e a sistematização do funcionamento dos fóruns, visando fortalecer o movimento da Economia Solidária.



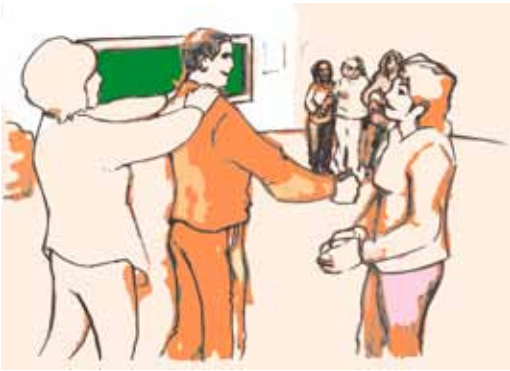
Terceira Parte: Eixos temáticos e conteúdos da educação

Resgatando as deliberações da Conferência Temática de Educação (Formação e Assessoria Técnica), alguns trechos dos eixos temáticos e conteúdos demandados pelo Movimento de Economia Solidária são:

Eixo 1. Qualificação técnica para a produção a partir das demandas dos empreendimentos econômicos solidários.

Eixo 2. A Economia Solidária como estratégia de desenvolvimento.

Eixo 3. Formação sóciopolítica e constituição dos sujeitos.



Eixo 4. Formação e assessoria técnica para autogestão; Educação Popular.

Eixo 5. Processos de produção, comercialização, consumo e finanças solidárias.

Quem são as educadoras e os educadores da Economia Solidária?

Em uma atividade em Pocinhos do Rio Verde – Caldas, estado de Minas Gerais, em setembro 2011, iniciamos o debate sobre a formação da Rede de Educadores(as) na Região Sudeste. Assim começamos exercitando que características devem ter os educadoras e educadores da Economia Solidária? Que desafios enfrentam?

Vejam só que interessante o resultado!!!

1. Dinâmica da engrenagem

Objetivo: sensibilizar a respeito da ideia de construção coletiva.

Descrição: Uma pessoa vai para o meio da roda e faz um movimento, ou um gesto, congelando a cena. A próxima pessoa faz outro gesto/movimento, dialogando com a primeira e construindo a cena. Assim, vão compondo (uma a uma) um quadro. Ao final, quando todos estão participando da cena, as pessoas vão saindo uma a uma.

Grupo 1

O olho dentro do coração, para ser menos racional e mais amoroso. Grupo chama atenção para as ideias, a criatividade e o todo. As setas: solidariedade, autogestão, igualdade, ensinando, aprendendo, dinâmico, respeito ao ambiente, linguagem popular, criatividade.

Grupo 2

Na cabeça: conhecimento, espiritualidade, determinação, militância, fala no momento certo, conhecimento. Cintura: animador deve ser paciente, humorado, moderador, articulador. Mãos: animador, paciente. Joelho: flexibilidade, força, fertilidade, motivação, pés no chão. Um beija-flor na cabeça: passarinho significa o olhar, enxerga muito longe. Beija-flor: procurar as flores nos pântanos.

Grupo 3

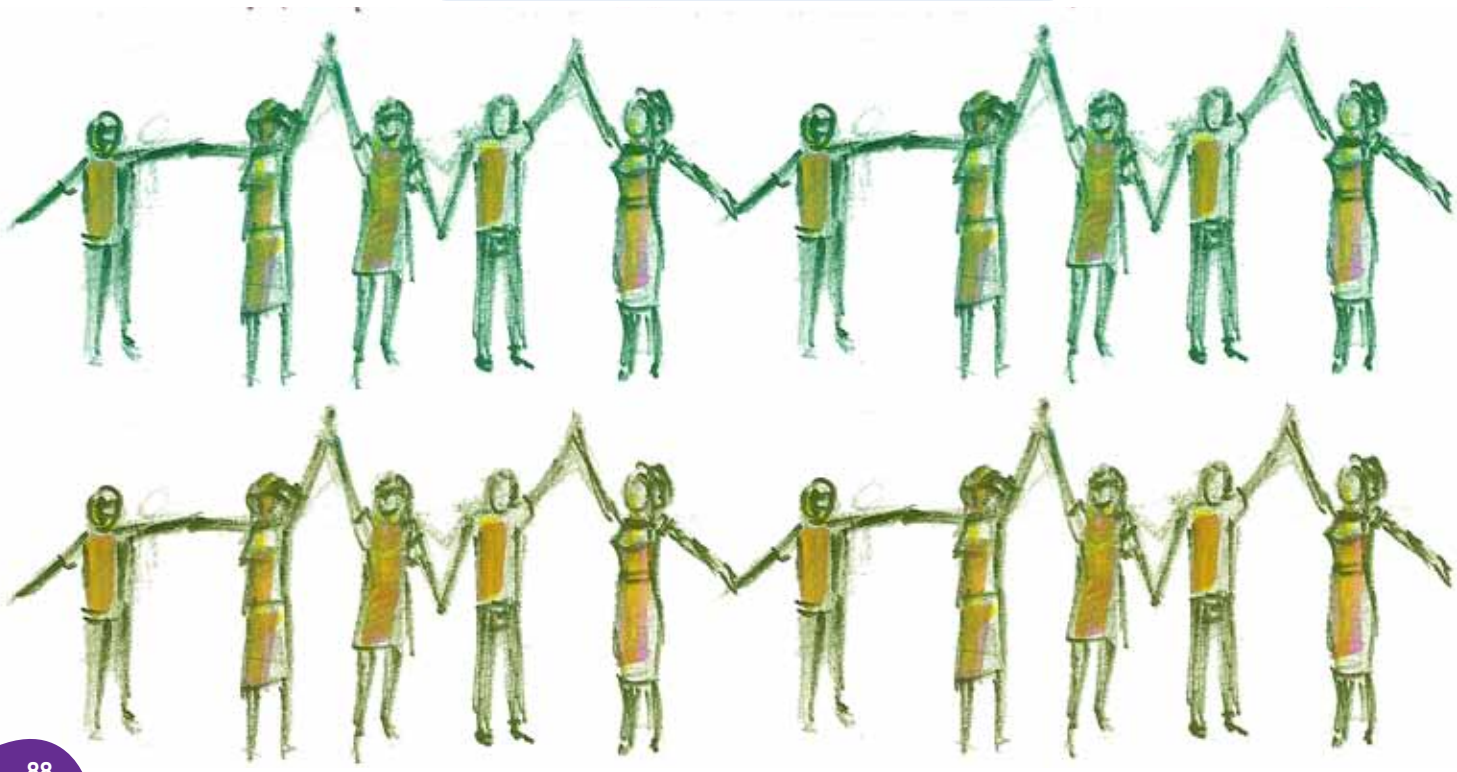
Pés enraizados no chão, conexão com ambiente, ligação com comunidade, o lugar inserido. Joelho: rótula – dar flexibilidade, várias entidades, situações. Mão: uma dando, outra recebendo – troca. Sabedoria: respeitar e entender o outro. Ventre/útero: gera conhecimento, criação, vida. Estamos pensando numa formação diferenciada, buscar a cultura oriental nas nossas práticas. Questão dos chacras, conectados ao planeta/universo – conexão com chacra básico. No Ocidente, somos muito racionais. Ideia que o cérebro decide, implementa, isso é racionalidade. Trouxemos tudo para o cardíaco – buscar essas características no sentido que o coração seja o foco, para expandir. Para fazer solidariedade, compaixão... quem decide por eles é o coração e não a racionalidade do cérebro. Troca, luz, saber, coletivo. Orelha grande: importante ouvir. Sorriso: ligação com o quadro da Tarsila (trabalhadores emburrados). Características desse grupo: sempre felizes. Questão da circularidade, presente em vários momentos. Constrói unidade, sempre que integra pluralidade. Nosso crescimento não é linear, é circular.

Grupo 4

Símbolo do sol: representa a luz, conhecimento. Engajamento no processo. Autogestão. Vários olhares. Luta dos caras-pintadas. Braço: trabalhando com sua base, outros envolvidos. Espiral: transformação, não em linha reta, tem ligação com conhecimento, com elementos sempre novos vão se agregando, mudança de rumo. De fora para dentro e de dentro para fora. Sensibilidade social. Boca grande, vermelha – perspectiva dialógica, expressiva, aberta ao diálogo, trocar ideias, pensar juntos. Orelha: ouvir também e fazer a troca de informações de forma bem didática. Militância: vem do sindicato, igreja, comunidade. O mundo nos olha com olhos revolucionários. Contorno vermelho: cor vibrante, representa luta/resistência. Dedicação. Compaixão. Amor, ação, comprometimento, empoderamento, caminhada, diálogo, compreensão, companheirismo, luta... tudo isso é que enxergamos. Estrela no pé: é um caminhar iluminado, com luz, brilho.

"Mas é nelas (bocas e mãos, sonhos, greves e denúncias) que te vejo pulsando, mundo novo, ainda que em estado de soluços e esperança."

Ferreira Gullar



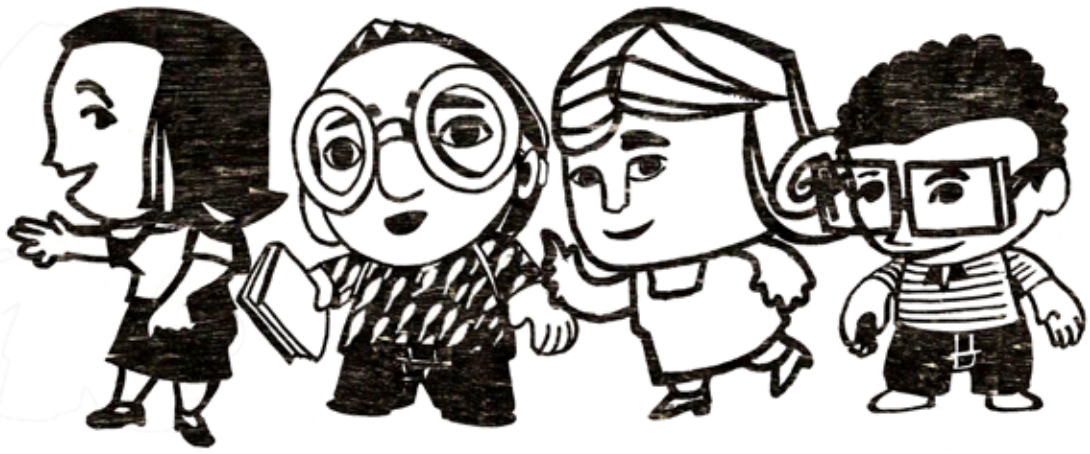
Saberes Necessários à Prática Educativa:

Não há docência sem discência:
– Ensinar exige rigorosidade metódica
– Ensinar exige pesquisa
– Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos
– Ensinar exige criticidade
– Ensinar exige estética e ética
– Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo
– Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação
– Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática
– Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

Ensinar não é transferir conhecimento
– Ensinar exige consciência do inacabamento
– Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado
– Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando
– Ensinar exige bom-senso
– Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores
– Ensinar exige apreensão da realidade
– Ensinar exige alegria e esperança
– Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível
– Ensinar exige curiosidade

Ensinar é uma especificidade humana
– Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade
– Ensinar exige comprometimento
– Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo
– Ensinar exige liberdade e autoridade
– Ensinar exige tomadas de decisão conscientes
– Ensinar exige saber escutar
– Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica
– Ensinar exige disponibilidade para o diálogo
– Ensinar exige querer bem aos educandos

(FREIRE, 2011)



Algumas dicas de como organizar uma atividade formativa:

- Fazer o planejamento da atividade com o grupo de educadores(as) responsáveis: levantar os conteúdos a serem trabalhados, os objetivos da atividade, textos de apoio, palestrante, horários, recursos didáticos, transporte, lista de presença, ficha de inscrição, local...)

Objetivo Geral:
Objetivos Específicos:
Data:
Local:

	Conteúdos temas	Instrumentos metodológicos (técnica a ser usada em cada momento)	Material didático e infraestrutura	Coordenação e palestrante	Tempo
MANHÃ					
ALMOÇO					
TARDE					

- Mobilizar o público da formação e enviar ficha de inscrição, quando for o caso. Envolver pessoas de diversos movimentos sociais e com elas aprender.
- Ver responsável pelo relatório, assim como os equipamentos necessários: computador, máquina fotográfica, filmadora e gravador.
- Organizar o local da atividade (cadeiras em círculo, abrir as janelas, ornamentar o local com tecidos, plantas, flores...)

CUIDADOS

- Evite salas em forma de auditório ou cadeiras fixas, pois esse formato inviabiliza o trabalho em círculo e interfere na metodologia.
- Evite locais barulhentos e pouco arejados isso prejudica a atenção dos(as) educadores(as).
- Confira antes da atividade se está de posse de todos os equipamentos necessários: projetor, filmadora, materiais didáticos...

- Quando tiver palestrante, combine o tempo de exposição e a metodologia participativa, evitando que vire "aulas" cansativas.
- Administre as falas dos participantes, evitando que elas sejam longas e cansativas. Estime o exercício da síntese no momento dos debates.
- As dinâmicas/técnicas devem ter objetivo claro, na medida do possível dialogar com os conteúdos tratados.
- Procure saber se algum participante é vegetariano, diversificando a alimentação.
- Cuidado com linguagem: ela deve ser clara, garantindo a compreensão de todos os participantes. Pode ser que compareça alguém que não seja letrado, sendo recomendável usar recursos que não envolvam a escrita.

DICAS

- Inicie sempre a atividade com alguma atividade de integração (dinâmica, música, poesia...), expectativas e apresentação dos participantes.
- Logo no início da atividade, apresente a proposta de programação e faça alterações quando necessário.
- Faça os acordos com os participantes, promovendo envolvimento do grupo: defina horários e atitudes que promovam um ambiente agradável para o aprendizado.
- Convide o grupo a formar equipes de trabalho, tais como: lazer e cultura, organização da feira de troca, infraestrutura, avaliação...
- Esteja aberto a flexibilizar a programação, caso necessário para melhor apropriação dos conteúdos propostos.
- Caso o grupo esteja sonolento, sugira à comissão responsável realizar alguma dinâmica para despertar.
- Esteja atento(a) a novas pessoas chegando no grupo, faça o acolhimento e abra para apresentação e boas-vindas.
- Tenha um acervo de músicas em forma de "caderninho" para animar e alegrar o grupo. Aproveite para sugerir letras em diálogo com os conteúdos (raça/etnia, gênero, questões regionais, vida no campo...).
- Estimule a prática da sustentabilidade ambiental, evitando os copos e pratos descartáveis, luzes, ventiladores e ar-condicionado ligados desnecessariamente, o desperdício de água...
- Providencie uma pastinha para os participantes com fôlder, caneta, papel rascunho.
- Faça crachás, principalmente se o grupo for grande.
- Leve para a atividade opções de filmes para usar nos intervalos, enquanto as pessoas chegam, ou à noite.
- Estimule uma noite cultural. Esse é o momento de integração do grupo em que as pessoas têm mais oportunidades de se conhecer melhor.

- Faça listas de presença com espaços para colocar com clareza o e-mail e o telefone.
- Coloque logomarcas nos materiais quando necessário (crachá, caderno de texto, lista de presença...).
- Faça cadernos de textos como leitura de apoio (procure fazer cópias frente e verso para economizar papel).
- Veja um momento da programação para conhecer o local (experiência de Economia Solidária, cultura...).
- Faça trabalhos em grupo, eles promovem maior participação das pessoas tímidas.
- Deixar claro qual economia estamos falando; diferenciando-a da economia capitalista.
- Estimular reflexões sobre questões de gênero, classe, raça e etnia.

As educadoras e os educadores da Economia Solidária não devem ter uma postura/papel de "ensinar" outras pessoas. Assim como os demais participantes, levam consigo uma bagagem de conhecimentos, adquiridos e produzidos ao longo de suas trajetórias de vida. Sabemos que o ato de aprender não se esgota na escola, mas está continuamente presente em nosso cotidiano de vida e trabalho; nesse sentido, podemos dizer que todas e todos somos educadoras e educadores. Mas, assim como diz Paul Singer, a Economia Solidária é, em si, um ato pedagógico. O que significa se reconhecer, a si mesmo, como uma educadora ou um educador da Economia Solidária? Por que alguns militantes se identificam e decidem priorizar suas ações no campo da Formação em Economia Solidária? Essa é uma boa pergunta...

Ao contribuir para resgatar e articular os diversos saberes das trabalhadoras e dos trabalhadores associados e, além disso, provocar para que, como dizia Paulo Freire, possamos "ser mais", as educadoras e educadores da Economia Solidária compreendem que a formação política vai para além do empreendimento econômico solidário. Sabem que o entendimento da Economia Solidária passa pela crítica ao sistema capitalista, em seus aspectos econômicos, políticos, culturais... A opção por uma metodologia de trabalho calcada nos fundamentos da Educação Popular é também uma opção política, pois o que está em questão é a formação integral de sujeitos individuais e coletivos.

Dinâmica do nó humano

O objetivo dessa dinâmica é experimentar a coesão do grupo, sua capacidade de escutar e resolver um problema coletivamente.

Todos em roda de mãos dadas são orientados a prestar atenção em quem está à direita e quem está à esquerda. Soltar as mãos e andar pela sala. Os participantes deverão parar quando moderador der um sinal. O próximo passo é pegar na mão da pessoa que estava à sua direita e esquerda anteriormente, a mesma mão (se pegar na mão errada ficará de costas para o centro da roda). O grupo se movimenta e se organiza solidariamente para desfazer o nó, retornando a roda inicial.

Como vai a formação em Economia Solidária?
Como avaliamos nossas práticas político-educativas?

"Educar é formar, aprender é construir o próprio saber."

Segundo Romeiro, avaliar é refletir sobre uma determinada realidade, a partir de dados e informações, e emitir um julgamento que possibilite uma tomada de decisão.

Veja mais em "Um olhar sobre a avaliação hoje", de Alice de La Rocque Romeiro

O tipo de avaliação a ser utilizada na formação em Economia Solidária só pode estar direta e umbilicalmente sintonizada com nossa perspectiva metodológica, ou seja, a Educação Popular . Por muito tempo, acreditou-se que o único modelo de educação eficaz, seria aquele baseado na transmissão de conteúdo, o qual Paulo Freire chama de "educação bancária." Nessa concepção educacional, a avaliação era encarada como forma de medir ou testar o nível de aprendizagem do indivíduo, contribuindo para um sistema educacional totalmente excludente, muito focado na seleção e competição. Também podemos dizer que, dessa maneira, a escola e outras instituições educativas contribuíam/contribuem para que as pessoas sejam "incluídas" no sistema, de forma subordinada, ou seja, para ocupar cargos de subalternidade. Como anunciamos várias vezes, os processos de formação, e com eles os processos de avaliação, propostos pelo Movimento de Economia Solidária baseiam-se nos princípios da Educação Popular.

A Educação Popular é um *"... conjunto de práticas socioculturais que, de forma explícita ou implícita, consciente e intencional, ou incorporada de maneira acrítica, num primeiro momento, se inter-relacionam nas diferentes instâncias do espaço/tempo comunitário, assumindo, gradativamente, uma intervenção pedagógica emancipatória na prática sociocultural e econômica vivenciada. Parte-se, portanto, do conflito para chegar a uma atuação social significativa e contextualizada." Gouvêa, "A perspectiva freiriana de formação na práxis da educação popular crítica"*

Nessa perspectiva, a avaliação assume um novo papel, ela passa de um simples instrumento de medida para um instrumento que contribuirá para o processo de construção e reconstrução do conhecimento, trazendo elementos para reflexão e análise tanto dos educandos quanto dos educadores. Os erros identificados deverão ser revistos e corrigidos coletivamente, favorecendo assim o desenvolvimento da autonomia dos envolvidos. Ela deve ser realizada de forma contínua, lenta e processual, ou seja, deve estar presente em todos os momentos do processo de formação.

Pode-se valer de diferentes instrumentos para a avaliação, fichas, diários, exposições orais, enfim, o fundamental é zelar pelo princípio da coletividade e respeitar o contexto em que a atividade está sendo desenvolvida.

• Como educadores e educadoras avaliam as práticas de formação em Economia Solidária?

"Ao ser comunicado sobre minha participação nesse curso, tive um certo medo em fazê-lo. Esse medo deve-se ao fato de não ter, até então, nenhum conhecimento do assunto. Depois de assimilado o comunicado, visualizei o curso como uma ótima oportunidade de obter novos conhecimentos e também visualizei a oportunidade de levar às comunidades novos conceitos e opções para o crescimento delas. Hoje, após ter obtido novos conceitos e conhecimentos, fica claro o quão é importante o nosso trabalho."

"A troca de experiências foi muito boa, mas acho que todos levamos a semente da Economia Solidária para casa. É uma profunda reflexão sobre nossos valores, atitudes e principalmente sobre o sistema capitalista."

"Os caminhos foram traçados em direção à integração e fortalecimento do movimento da Economia Solidária junto com os CFES-SE, as universidades, os gestores, os empreendimentos, os fóruns, todos estão comprometidos"

"Foi de grande importância conhecer as mais diversas ações, de crédito solidário e corporativo, as feiras livres e de trocas, solidariedade com o meio ambiente através de experiências agroecológicas e segurança alimentar, agroindústrias cooperativas ou associativas, as relações de gênero... O que me chamou atenção foi que a maioria das experiências foram apresentadas pelas mulheres de SP, RJ, ES e MG. Algumas mais dentro de um pacote tecnológico, com um sistema de gestão convencional. Outras eram construídas de forma horizontal, levando em conta a solidariedade da soberania alimentar."

"No mais, a proposta do curso foi muito boa, pois o grupo, em várias avaliações, chegou ao objetivo, que é entender Economia Solidária como um novo modelo de se fazer economia autogestionária, com foco coletivo e procurando buscar políticas públicas e metodologias que viabilizem o desenvolvimento sustentável."

"A troca de saberes foi muito rica. Sinceramente, eu pensei que a gente não ia conseguir. Foi muito positiva. Acho que construímos um processo de integração".

"Primeiramente, porque enquanto paradigma que direciona nosso trabalho, nós temos agora uma nova perspectiva da Economia Solidária, fundamentada na autogestão, na organização, no trabalho coletivo, na sustentabilidade. Tudo isso com a finalidade de viabilizarmos a inclusão social e, por consequência, em termos macro, a construção de um novo projeto de sociedade fundamentado em valores avessos ao capitalismo."

"O homem e a mulher educados com o saber serão sempre uma pedra lapidada que brilhará aos poucos cada degrau."

"Esta atividade contribuiu para o fortalecimento e integração das ações de Economia Solidária em diferentes projetos e programas financiados pelo Governo Federal."

"Aprender a construir a caminhada coletivamente é uma forma de empoderamento também coletivo."

Quarta Parte: Sistematização e processo de produção de fazeres e saberes

> *"Existe um único lugar onde o ontem e o hoje se encontram e se reconhecem e se abraçam, e esse lugar é o amanhã."*
>
> Eduardo Galeano

Galeano certamente não estava falando da sistematização quando se inspirou para escrever, mas traduz, de forma poética, o significado da sistematização. O importante na sistematização das práticas vivenciadas é encontrar os sentidos do que foi vivido, caso contrário não há razão em sistematizar. Olhando para o passado, no presente que **aprendizados** posso tirar para seguir em frente, para fazer avançar e para desfrutar de um futuro (coletivo) mais promissor?

Podemos compreender a **sistematização de experiências**, sejam elas: luta pela terra de determinada comunidade, a estruturação de um Empreendimento Econômico Solidário, a resistência de uma comunidade quilombola, a luta das mulheres pela equidade de gênero, entre tantas outras experiências, como um **importante instrumento de luta da classe trabalhadora.**

Os **sujeitos** dessa história (trabalhadores, homens, mulheres, quilombolas, rurais, negros, indígenas...), ao parar para **refletir sobre as suas intervenções sociais**, identificando os avanços, os deslizes, os problemas... vão criar **novas estratégias rumo ao seu projeto coletivo societário**. Nos interessa então, resgatar a **dimensão pedagógica da sistematização**. Assim, vale olhar com cuidado para aquilo que ficou nas "entrelinhas" e não foi explicitado, identificar as tensões e buscar compreendê-las, visualizar as vitórias como fonte de luz para novas conquistas. Pronto, chegamos !!!

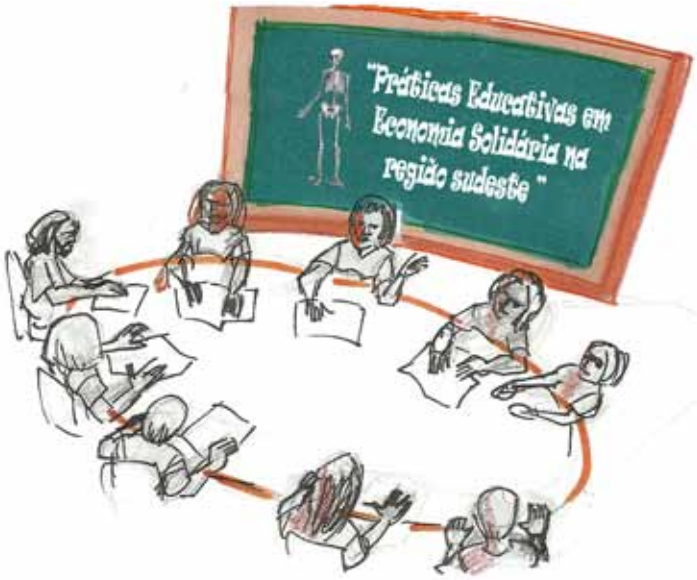
Mas como a sistematização acontece na prática?

Podemos dizer que a sistematização tem cinco momentos fundamentais:

- Definição do que queremos com a sistematização e o que vamos sistematizar
- Planejamento do trabalho a ser realizado
- Trabalho de campo
- Interpretação do processo
- Comunicação da experiência refletida

Como sistematizar uma experiência: sugestão de passo a passo

1º Compreender o significado e para que serve (fazer um levantamento bibliográfico e leituras sobre o tema).



2º Definir o que será sistematizado da experiência – o objeto/o foco. Exemplo: práticas educativas em Economia Solidária na Região Sudeste.

3º Escolher a experiência a ser sistematizada (exemplo: atividades regionais do Projeto CFES-SE).

4º Escolher o Eixo Temático (exemplo: métodos participativos nas atividades regionais realizadas pelo CFES-SE).

5º Elaborar um Plano de Sistematização. O plano pode ser organizado em duas partes: blocos de perguntas orientadoras (1. como era antes de 2009? 2. como é? e 3. que aprendizados nos traz essa experiência?) e levantamento das ações necessárias para realização da sistematização com responsáveis e prazos.

AÇÕES	PRAZOS	RESPONSÁVEIS

6º Comunicar a sistematização.

Exemplos de Produtos
- Livro
- Texto
- Revista
- Vídeo
- Desenho
- Poesia
- Cordel...

EXEMPLO DE PLANO DE SISTEMATIZAÇÃO

Objeto: Práticas educativas em Economia Solidária na Região Sudeste.

Objetivo: Refletir sobre a importância e os impactos da metodologia adotada nas atividades realizadas no projeto CFES-SUDESTE.

Período: junho/2009 a outubro/2010.

Foco: Métodos participativos nas atividades regionais realizadas pelo CFES-SE.

Coordenação da sistematização: Representantes estaduais dos coletivos de formação.

Atividades regionais objeto de reflexão: 5 cursos regionais, 3 seminários regionais.

Produtos: Publicação de uma cartilha orientadora para a Rede de Formadores(as) da Economia Solidária e a produção de um vídeo.

Questões orientadoras:

Antes:
- Existia espaços regionais (Sudeste) para formação em Economia Solidária? Se sim, quais?
- Que tipo de métodos eram utilizados nas atividades formativas em Economia Solidária?
- Com quais objetivos? Como se davam?

Durante:
- Quais recursos metodológicos são utilizados nas atividades formativas?
- Com quais objetivos?
- Como acontece a integração e a troca de experiência dos participantes?
- Os materiais didáticos têm propiciado o uso de métodos participativos?
- Os espaços físicos utilizados tem propiciado o uso de metodologias participativas?

Depois:
- O uso dos métodos propiciou compreensão dos conteúdos trabalhados?
- Promoveu maior participação das pessoas?
- Houve mudança na prática educativa?

AÇÕES	PRAZO	RESPONSÁVEL
Leitura dos relatórios das atividades regionais	Até dezembro de 2010	Todos(as) da equipe
Fazer levantamento dos participantes das atividades regionais enviar para os representantes estaduais	Até janeiro de 2011	CFES-SE
4 oficinas estaduais (8 horas cada)	Fevereiro de 2011	Dois representantes de cada estado
Enviar lista de participantes das atividades regionais para representantes estaduais	Janeiro de 2011	CFES-SE
Elaboração e socialização dos relatórios estaduais das oficinas de sistematização	Março de 2011	Um representante de cada estado
Encontro da equipe para reflexão crítica, considerando as oficinas estaduais e relatórios regionais	Abril de 2011	Todos(as) da equipe
Elaboração de um relatório com as reflexões/conclusões	Abril/maio de 2011	Dois representantes da equipe
Socialização dos produtos em Seminário Regional com participação ampla	Setembro de 2011	Um representante de cada estado

Dicas de leitura:

- Sistematização de Experiências em Economia Solidária (IMS – Série Ecosol – Caderno 2 – 2009 – DF
- Sistematização de Experiências da Economia Solidária – Referenciais, etapas e ferramentas do processo de sistematização (Cáritas Brasileira – Projeto Brasil Local e CFES) – 2012 – DF
- Para Sistematizar Experiências – Oscar Jara Holliday – MMA – 2006 – DF
- O que é Sistematização ? Uma pergunta. Diversas respostas Nº. 1 – CUT – 2000 –SP
- Projeto de Sistematização: Um ato de criação política e de conhecimento - Nº. 1 – CUT – 2000 –SP

Dicas de leitura (como faço isso na prática?)

- Ferramentas de Diálogo: Qualificando o uso de técnicas de DRP – Diagnóstico Rural Participativo (Andrea Alice da Cunha Faria e Paulo Sergio Ferreira Neto), IEB – 2006 – DF

Dicas de leitura (uma experiência sistematizada)

- Experiência do SASOP – Difusão de Princípios e Práticas Agroflorestais no Baixo Sul da Bahia – 2006]

Dicas de como realizar um bom relatório

Para se realizar uma boa sistematização, é fundamental ter registros escritos e imagens do que aconteceu. Assim, em toda atividade formativa, veja uma pessoa responsável para fazer o relatório. O relatório é uma memória do que aconteceu na atividade formativa, portanto deve ser o mais fiel possível do que aconteceu, considerando a essência das falas e exposições.

Instrumentos para sistematização:

- Relatórios
- Fotografias
- Depoimentos
- Gravações
- Atas de reuniões

Conteúdos do relatório:

- Registrar todos os conteúdos das exposições, debates e trabalhos em grupo
- Registrar as místicas (poesias, músicas cantadas, dinâmicas...)
- Registrar as avaliações
- Descrever os instrumentos metodológicos adotados em cada momento da atividade
- Transformar as apresentações em PowerPoint e Word, enriquecendo o conteúdo do relatório
- Colocar anexos: programação, poemas, músicas... produzidas ao longo do curso
- Colocar a lista de nome dos participantes ao final do relatório
- Lista de siglas, com tradução, citadas ao longo do relatório

Forma/estética do relatório

- Usar notas de rodapé para citação de site, referência bibliográfica...
- Numerar as páginas do relatório
- Uniformizar o documento ao final (tipo de letra, tamanho, parágrafo...)
- Colocar todas as logomarcas (quando for o caso)
- Colocar o nome do responsável pelo relatório, coordenação do projeto, parceiros (quando for o caso)
- Ilustrar o relatório com fotos ao longo do texto, sobretudo na capa
- Colocar índice/sumário
- Epígrafe (caso queira colocar alguma frase/poema de autor que tenha sido citado na atividade ou de acordo com o contexto)
- Colocar o nome completo dos palestrantes e seu vínculo institucional

Sistematizar é:
Refletir sobre a nossa prática com o objetivo de coletar os aprendizados, os desafios, os entraves, as tensões e contradições, sinalizando os caminhos para avançarmos na transformação social.

Importante na SISTEMATIZAÇÃO:

- Ter claro o objetivo de sistematizar determinada prática (para quê?)
- Ter participado da experiência, não posso sistematizar aquilo que foi vivido por outras pessoas
- Escolher o foco (não é possível um aprofundamento sem um "fio" que nos conduzirá à reflexão)
- Diferenciar sistematização de experiência de sistematização de informações
- Considerar a diversidade de olhares no processo
- Considerar todos os sujeitos envolvidos na experiência
- Delimitar o tempo da reflexão e o espaço
- Descrever previamente a experiência a ser sistematizada
- Elaborar perguntas à experiência que ajude a refletir criticamente
- Confrontar com outras experiências e teorias
- Formular conclusões
- Comunicar /publicizar os aprendizados coletados, levando em consideração o público que queremos atingir

Estratégia política e formativa: a organicidade da Rede de Educadoras e Educadores da Economia Solidária da região Sudeste

Organização dos Educadores e Educadoras em Economia Solidária:

GT Educação e Cultura – FBES e Rede Nacional de Educadores e Educadoras

Rede Regional Sudeste (animada por representantes estaduais)

Redes Estaduais: SP, RJ, ES, MG (em fase de estruturação)

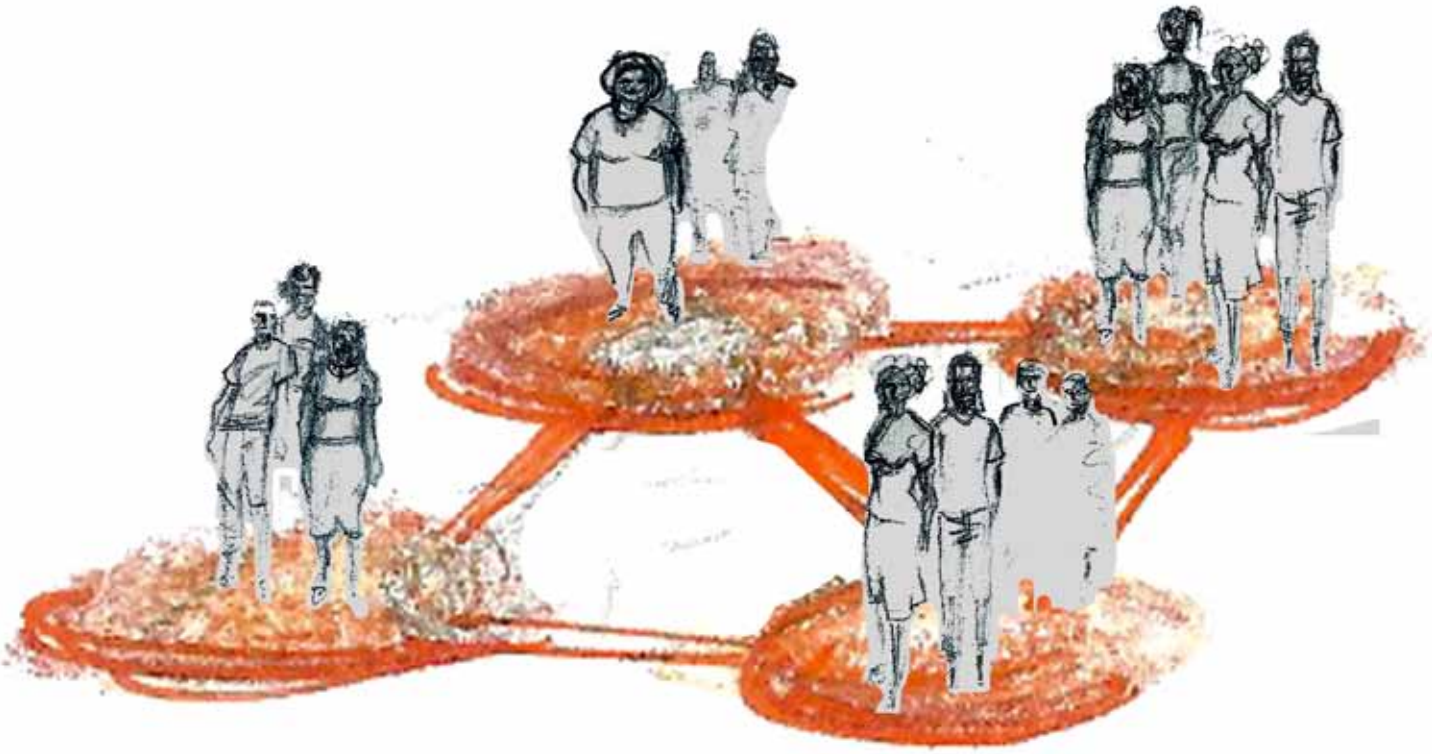
Coletivos Estaduais (ponte entre o estado e o CFES-SE)

Coletivos locais e territoriais (em fase de organização)

O que entendemos por "rede de formadores"?

Rede é diversidade. É a reunião de pessoas que, tendo em conta a diversidade, se identificam e se fortalecem em torno de uma unidade política. A partir do encontro e convergências de valores e práticas, a rede deve favorecer reflexões conjuntas e trocas de experiências.

> *"A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia."*
> Eduardo Galeano



A organicidade de uma rede está assentada na confiança entre todos, o que supõe a humildade, o amor e a fé na capacidade de cada um em colaborar com a nossa educação, com nossa libertação pessoal e coletiva, com a humanização de todos e de cada pessoa em particular.

Uma rede deve evitar o "bengalismo"!
Bengalismo: Existem situações em que uma mesma pessoa é sempre escolhida para ocupar posições de destaque. Não há possibilidades de alternância quando uma pessoa aceita ser bengala e as demais não conseguem se livrar da dependência da bengala. Quando um EES (Empreendimento Econômico Solidário ou o próprio coletivo aceita essa dependência, fica comprometido o Movimento ou a Rede.

Os processos de formação em Economia Solidária levam em conta a necessidade de buscar respostas aos problemas imediatos, mas não deixam de perseguir as possibilidades de realização de um objetivo maior: a transformação social.

A transformação social se dá com paixão e com razão, pela busca de uma sociedade sem desigualdade. Precisamos de PAIXÃO e RAZÃO para buscar os caminhos para sair do sistema capitalista. A razão significa que precisamos PLANEJAR para criar esse outro caminho, pois não é um voto de pobreza, mas de construção de vida digna e de acesso para todos.

Objetivos da Rede de Educadoras e Educadores em Economia Solidária na Região Sudeste

- Fortalecer a formação de formadores, a partir do planejamento e execução de atividades de formação política e multiplicação de formadores, de forma prática, inovadora, contínua e integrada.
- Elaborar subsídios e materiais pedagógicos para atividades formativas.
- Articular e fortalecer grupos de formadores(as) locais regional/estadual/nacional.
- Difundir os saberes, práticas e experiências para a promoção do conhecimento.
- Difundir e resguardar os princípios da Ecosol.
- Fortalecer os fóruns como estrutura de organização e formação do movimento da Economia Solidária.
- Promover e incentivar a sistematização de experiências em Ecosol e a construção coletiva de conhecimento.
- Contribuir para a construção de um projeto popular para o Brasil, articulando com os movimentos sociais e envolvendo a sociedade como um todo.
- Constituir-se como referência na formação em Ecosol.

Estratégia política e formativa

- A Rede deve integrar-se aos fóruns: municipais, regionais, estaduais e brasileiro.
- Reconhecimento e priorização das educadoras e educadores da rede para as atividades formativas de Economia Solidária.
- Articular as ações de formação com os movimentos sociais, ONGs, poder público, igrejas, universidades,...
- Articular-se com os Centros Públicos de Economia Solidária e incubadoras públicas e universitárias.
- Pautar Políticas Públicas de Formação em Economia Solidária.
- Construir um espaço prioritário nas instâncias dos fóruns na formulação da política de formação.
- Constituir um grupo articulador/animador.
- Estimular a implantação de Centros de Formação em Economia Solidária.
- Criar e-grupos através do Cirandas, contemplando todas educadoras e educadores do Sudeste, indicando suas respectivas habilidades.
- Atuar a partir de coletivos, GTs Temáticos.
- Estimular a conexão entre Redes da Economia Solidária.
- Identificar e articular as ações fragmentadas de formação em Economia Solidária.
- Multiplicar os espaços alternativos e interativos: debates, elaboração de metodologias...
- Ter um documento (Projeto Político-Pedagógico) de referência para as educadoras e educadores da Região Sudeste.
- Contribuir para desenvolver e propagar tecnologias sociais, potencializar os EES com linguagens adequadas, considerando as sistematizações realizadas pela rede.
- Buscar recursos públicos para financiamento das ações da Rede.

Princípios

- Estar em consonância com os fóruns de Economia Solidária e atuar de forma integrada à política de formação dos Fóruns de Economia Solidária, pois é um instrumento do movimento de Ecosol.
- Representação política da Rede de Ecosol.
- Ser democrática, autogestionária, participativa, transparente, horizontal, colegiada, descentralizada.
- Buscar a unidade na diversidade, agregando a diversidade (considerando raça/etnia, religiosidade, gênero...).
- Orientar-se pelo Projeto Político-Pedagógico construído coletivamente.
- As ações de formação em Economia Solidária devem ser pautadas pelos princípios da Economia Solidária.
- A construção do sujeito coletivo com identidade de classe sem distinções, valorizando a diversidade, conscientes dos processos de autogestão e transformação social.
- Articulação entre formação técnica e política.
- Compromisso dos educadores e educadoras.

Organicidade da Rede de Educadores e Educadoras

- Descentralizada (municipal, regional, estadual e nacional).
- Horizontal e colegiada.
- Organização por meio de Comissões Temáticas.
- Utilizar o Cirandas como um dos meios de comunicação da rede para mapear os educadores e educadoras inseridos na Rede.
- Composição: militantes do Movimento de Economia Solidária que atuam com formação, organizados em coletivos que trabalhem com a temática e/ou fóruns de Economia Solidária.

Conteúdos da Formação

Os conteúdos a serem abordados devem contemplar as dimensões técnicas e políticas da formação, dialogando com a Economia Solidária e seus princípios, considerando a identidade de classe e as demandas locais, tais como:

- Princípios da Economia Solidária e deliberações de conferências e plenárias.
- A história do trabalho no sistema capitalista e o trabalho emancipatório.
- Leitura crítica do sistema capitalista e seus impactos na humanidade.
- Constituição e organização da Economia Solidária.
- Viabilidade econômica.
- Autogestão dos Empreendimentos Econômicos Solidários.
- Processos de cooperação, comércio justo e solidário.
- Marco jurídico da Economia Solidária.
- Finanças solidárias.
- Políticas públicas, participação cidadã e controle social.
- Desenvolvimento local e territorial sustentável.
- Identidades de gênero, étnico-raciais e de classe.
- Intercâmbios de experiências.
- Educação Popular e Projeto Político-Pedagógico para Economia Solidária.
- Sistematização.

Financiamento das ações formativas

- Buscar recursos públicos e privados para financiamento das ações da Rede, através de projetos.
- Estabelecer parcerias com universidades, poder público e ONGs.
- Pleitear política pública de constituição de fundos para a formação em Ecosol.
- Criação de fundo regional pelos membros da rede.
- Buscar garantir fundos solidários para formação.

Operacionalização da Rede de Educadores(as)

Para operacionalizarmos nossa rede, ou seja, para que ela começasse a funcionar, criamos uma série de ações mais imediatas para a sua criação e fortalecimento.

AÇÕES
Estruturar ou criar as redes estaduais e educadores e educadoras
Criar o e-grupo e comunidade como meio de comunicação da Rede
Mapear educadores e educadoras na Região Sudeste
Criar Grupos Temáticos de Estudos: 1 - Autogestão 2 - Sustentabilidade: produção, comercialização, comércio justo e logística solidária 3 - Consumo consciente 4 - Marco legal 5 - Educação popular 6 - Finanças Solidárias (bancos comunitários, fundos e cooperativismo de crédito) 7 - Sistematização 8 - PPP 9 - Gênero 10 - Raça/etnia
Criar logomarca para a Rede
Criar informativo eletrônico para ser distribuído para aqueles e aquelas educadoras com dificuldades de acesso à internet
Alimentar o cirandas.net constantemente sobre ações formativas/informativas dos educadores e educadoras da Rede
Fazer conferências virtuais periodicamente
Promover encontros presenciais periodicamente
Distribuir o Almanaque/PPP prioritariamente para os membros da Rede Sudeste
Apresentar o projeto da Rede nos espaços de atuação dos educadores e educadoras
Constituir um grupo articulador/animador da Rede na Região Sudeste a partir dos(as) animadores(as) estaduais
Elaborar projetos para financiamento de ações formativas
Reivindicar parceria na elaboração dos editais governamentais de formação em Economia Solidária
Articular com o Governo Federal para que editais de formação em Economia Solidária tenham na Rede um importante articulador
Ver com os estados contemplados nos editais da SENAES e outros projetos possibilidade de inserir a rede de formadores

Oficina de sensibilização para constituição de redes de cooperação

Público-alvo da oficina: membros de diferentes EES e/ou entidades de Economia Solidária interessadas no tema.
Tempo de duração da oficina: 8 horas
Proposta de estrutura da atividade formativa:

• Introdução – Apresentação dos participantes da oficina.

A) Dinâmica: cada um escreve seu nome, na vertical, no papel sulfite e, a partir de cada letra do nome, escreve características suas.

B) Cada um se apresenta.

C) Apresentação da proposta dos objetivos da oficina, bem como das atividades que serão realizadas durante o dia (20min).

D) Dinâmica de grupo – realização da dinâmica do barbante (30min): cada participante apresenta o que entende por rede de cooperação, as experiências que conhece sobre o assunto, etc.

E) O que é uma rede de cooperação? Quais seus princípios e sua importância para consolidação dos EES? (exposição dialogada – 60 min)

F) Quais os diferentes tipos de rede existentes (produção, consumo, trocas, comercialização, sociais)? Como elas funcionam na prática cotidiana? (exposição dialogada – 60 min)

G) Utilização de material audiovisual e/ou apresentação de rede de cooperação por meio de um de seus representantes + debate – 60 min): Apresentação de experiências de redes de cooperação (Justa Trama, Xique xique, Rede Abelha, Circular Fora do Eixo).

H) Exposição dialogada (30 min): Apresentação de ferramentas auxiliares à constituição e consolidação de redes de cooperação: A internet enquanto ferramenta de comunicação e a rede social da Economia Solidária – ex: apresentação do 'Cirandas'.

I) Atividade em grupo (120 min) – Dinâmica de discussão e criação de uma rede de cooperação – a) Qual a identidade do grupo/o que ele tem em comum? b) Quais as possíveis ações conjuntas passíveis de serem realizadas em prol dos grupos que constituem a rede? c) Construção de um produto/símbolo que indique/simbolize a identidade da rede de cooperação.

J) Avaliação da oficina enquanto atividade formativa (Discussão em grupo mediada – (60min): a partir do que foi apresentado durante o dia de trabalho, qual a percepção dos participantes quanto aos desafios de se constituir uma rede de cooperação? Quais questões sobre a constituição de redes de cooperação precisam ser desenvolvidas e discutidas de maneira mais detalhada em uma próxima atividade formativa? Caso o grupo decidisse continuar o processo de formação da rede, quais os encaminhamentos necessários?

Até Breve...

"...E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas"

Gonzaguinha – Caminhos do Coração

Sabemos que é só o começo da caminhada, temos ainda muito por construir no campo da educação em Economia Solidária. Mas temos a certeza que cada educador, educadora, militante da Economia Solidária, que passou por esta estrada, deixou e carrega muitos ensinamentos, fruto das rodas de conversas, das trocas de experiências, do aprofundamento teórico, das visitas às comunidades e Empreendimentos Econômicos Solidários.

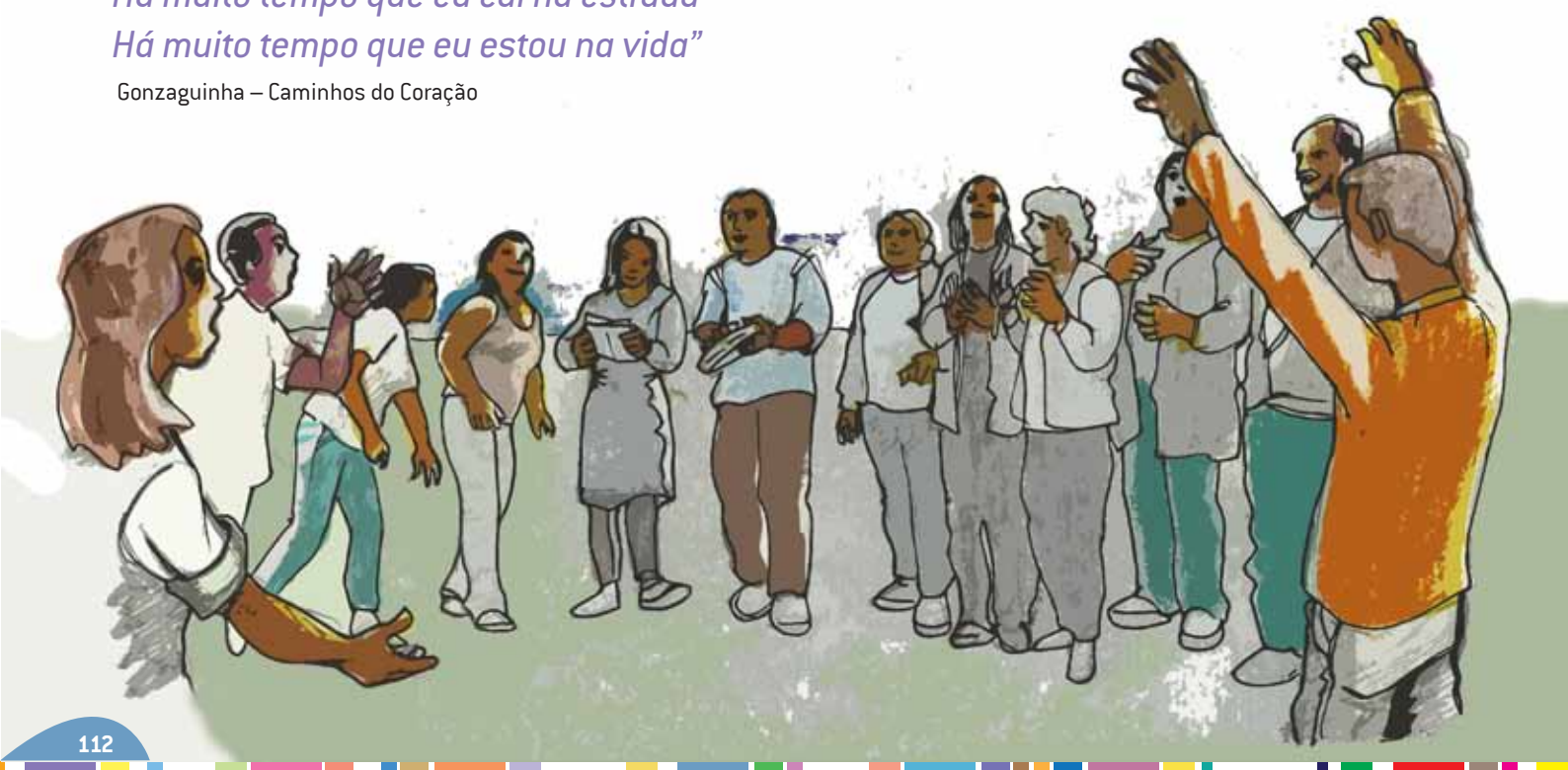
Esse processo possui uma riqueza que não coube nestas páginas. Ainda assim foi possível recortar uma pequena parte dessa vivência, expressa em nosso ALMANAQUE de práticas educativas em Economia Solidária: Tecendo os fios de nosso Projeto Político-Pedagógico.

Com certeza ele fez com que os sujeitos desta caminhada lembrassem dos ricos momentos pelos quais passaram e que agora carregam como mais uma marca de sua trajetória.

É hora de seguir em frente, estruturando e lapidando com carinho a Rede de Educadores e Educadoras em Economia Solidária da Região Sudeste, peça fundamental rumo à construção do Projeto Societário idealizada pela classe trabalhada.

"Há muito tempo que eu saí de casa
Há muito tempo que eu caí na estrada
Há muito tempo que eu estou na vida"

Gonzaguinha – Caminhos do Coração



Referências

Documentos

I e II Oficinas Nacionais de Formação
http://cirandas.net/cfes-nacional/biblioteca-do-cfes/fbes-documentos?view=true

I e II Conferência Nacional de Economia Solidária
http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/conferencia-nacional-de-economia-solidaria

Livros

ADAMS, Telmo. Solidariedade. Verbete, in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2ª. ed., 2010.

BARRETO, Vera. Paulo Freire para Educadores. São Paulo: Arte& Ciência, 1998.

BOGO, Ademar. Identidade e Luta de Classes. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CASHMORE, Ellis. Dicionário de relações étnicas e raciais. São Paulo: Selo Negro, 2000.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a Educação Popular. Disponível em:
www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1_gadotti.pdf

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1996.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a Educação Popular. Disponível em:
www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1_gadotti.pdf

GÓES, Moacir. Coletivo. Verbete. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2ª. ed., 2010.

JONES, Lauren Ila. Libertação. Verbete. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2ª. ed., 2010.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. Verbete. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2ª. ed., 2010.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. Verbete, in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2ª. ed., 2010.

PIERUCCI, Antonio Flavio. Ciladas da Diferença. São Paulo: Editora 34, 2008.

ROMEIRO, Alice de La Rocque. Um Olhar sobre a Avaliação de Hoje. In: Salto para o futuro: Um olhar sobre a escola; Secretaria de Educação a Distância, Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa. A perspectiva freireana de formação na práxis da educação popular crítica. In: A busca do tema gerador na práxis da Educação Popular (org.) Ana Inês Souza – Curitiba: Editora Gráfica Popular, p.13-26, 2007.

STRECK, Danilo R. Esperança. Verbete. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2ª. ed., 2010.

THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

VASCONCELOS, Maria Lúcia M. C.; BRITO, Regina Helena P. Conceitos de Educação em Paulo Freire. Glossário. Petrópolis, Vozes, 2006.

Site

www.dialogoscontraoracismo.org.br

Filme

Vida Maria, Filme de Márcio Ramos.
Mulheres e o Mundo do Trabalho. Direção: PACS, Documentário, 26 minutos
Documentário interessante sobre a divisão sexual do trabalho. Disponível em:
http://www.pacs.org.br/publicacoes_audiovisuais.php]

Dicas de Leitura

- Sistematização de Experiências em Economia Solidária (Marista Social - IMS – Série Ecosol – Caderno 2 – 2009 – DF
- Sistematização de Experiências da Economia Solidária – Referenciais, etapas e ferramentas do processo de sistematização (Cáritas Brasileira – Projeto Brasil Local e CFES) – 2012 – DF
- Para Sistematizar Experiências – Oscar Jara Holliday – MMA - 2006 – DF
- O que é Sistematização ? Uma pergunta. Diversas respostas Nº. 1 – CUT – 2000 –SP
- Projeto de Sistematização: Um ato de criação política e de conhecimento: Um ato de criação política e de conhecimento - Nº. 1 – CUT – 2000 –SP

Dicas de Leitura (como faço isso na prática?)

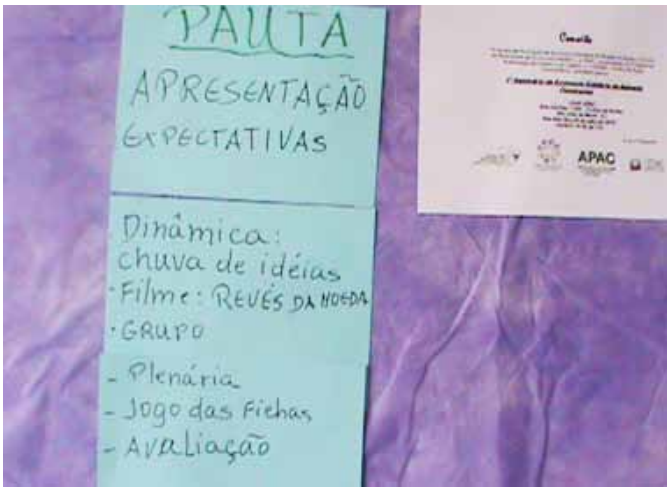
• **Ferramentas de Diálogo: Qualificando o uso de técnicas de DRP – Diagnóstico Rural Participativo (Andrea Alice da Cunha Faria e Paulo Sergio Ferreira Neto), IEB – 2006 – DF**

Dicas de Leitura (uma experiência sistematizada)

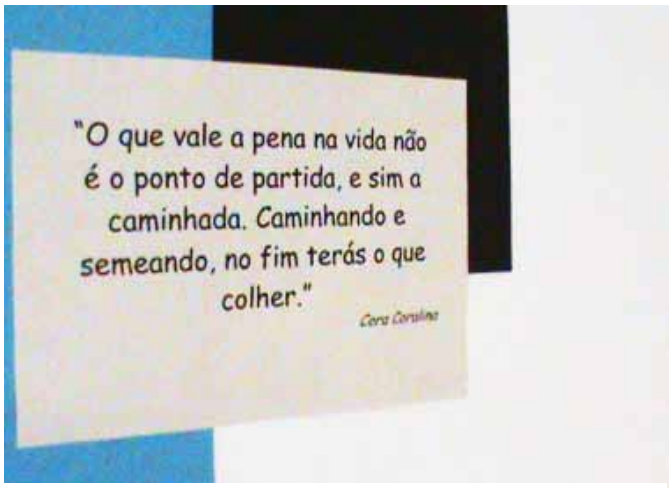
• **Experiência do SASOP – Difusão de Princípios e Práticas Agroflorestais no Baixo Sul da Bahia**

Galeria

CFES-SE


PAUTA
APRESENTAÇÃO
EXPECTATIVAS
Dinâmica:
chuva de idéias
· Filme: REVÉS DA MOEDA
· GRUPO
- Plenária
- Jogo das Fichas
- Avaliação
APAC

Galeria


"O que vale a pena na vida não é o ponto de partida, e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher."
Cora Coralina

Galeria

Galeria

Galeria

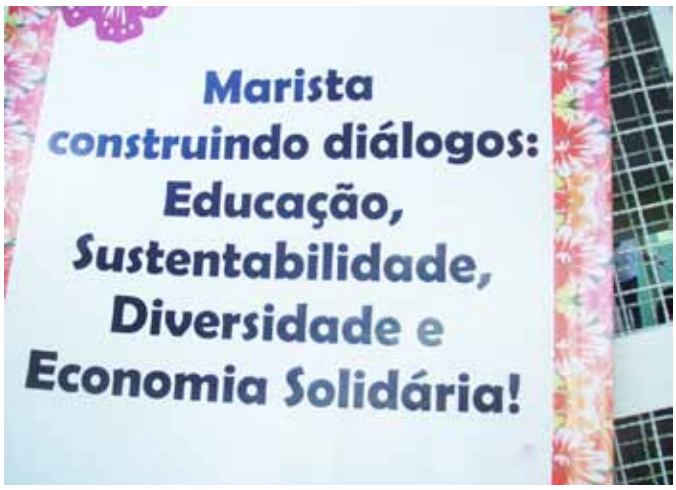
Galeria

Que bom
que você
veio!
centro de
formação em
economia solidária

Galeria

construir
cidade
Família
Programa
idosos
moradias
Saúde
CRIANÇA
A PRIMEIRA CIDADE
sustentável
A semana
Nacional
divulga
balanço
para ONU

Galeria


Marista
construindo diálogos:
Educação,
Sustentabilidade,
Diversidade e
Economia Solidária!

Ficha Técnica

Instituições parceiras

São Paulo
ANTEAG – Associação Nacional dos Trabalhadores e Empresas de Autogestão
ATIPA – Associação dos Trabalhadores de Itaim Paulista e Parque Paulistano
Grife Criolê
Estilo e Raça
Instituto Kairós – Ética e Atuação Responsável
ITCP – USP – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo
ITCP – Ufscar – Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos
MCG Eventos
NESOL – USP – Núcleo de Economia Solidária da Universidade de São Paulo
Prefeitura Municipal de Carapicuíba
Prefeitura Municipal de Guarulhos
Prefeitura Municipal de Osasco
Prefeitura Municipal de Santo André

Minas Gerais
APJ – Aprender Produzir Juntos
Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais
Escola Sindical 7 de Outubro
Instituto Estadual Santo Dias/ Pastoral Operária de Minas Gerais
O Movimento do Graal no Brasil
ITCP – UNIMONTES Universidade Estadual de Montes Claros
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais / NESTH – Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho Humano

Espírito Santo
AEC – Associação de Educação Católica do Espírito Santo
Ateliê de Ideias
Cáritas Arquidiocesana de Vitória
Cáritas Brasileira Regional Espírito Santo
CDDH – Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Serra
ITEES – UFES – Incubadora Tecnológica de Empreendimento de Economia Solidária – Universidade Federal do Espírito Santo
Latu Sensu – Cooperativa Multidisciplinar de Serviços em Assessoria, Consultoria, Planejamento, Execução do Projeto, Formação e Captação Profissional
Movive – Movimento Vida Nova Vila Velha

Rio de Janeiro
Coletivo de Formação do Rio de Janeiro
FCP/RJ – Fórum de Cooperativismo Popular do Rio de Janeiro

Este Almanaque
Revisão de textos: Vanice Araújo
Fotos: Arquivos CFES/SE e Coletivos Estaduais de Formação
Ilustrações: Hyvanildo Leite
Projeto Gráfico: www.arteemmovimento.org
Coordenação de Arte: Patrícia Antunes
Impressão: Paulinelli Serviços Gráficos LTDA
Tiragem: 5.000 exemplares

Publicado sob licença Creative Commons - alguns direitos reservados.

ATRIBUIÇÃO
Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

USO NÃO-COMERCIAL
Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

PERMITIR A CRIAÇÃO DE OBRAS DERIVADAS

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

REALIZAÇÃO

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego

PARCERIA

Fórum Mineiro de
Economia Popular Solidária

ISBN 978-85-397-0190-2